FROTA PEDIRÁ A MILITARES QUE RETORNEM JÁ À CASERNA

TRIBUNA da imprensa

SEM CENSURA

ANO XXVIII — N.º 8.843 — RIO DE JANEIRO — RJ
Sábado, 2-domingo, 3 de setembro de 1978

O ex-ministro do Exército, general Silvio Coelho da Frota, fará pronunciamento à Nação nas próximas horas sugerindo à classe fardada reflexão sobre os rumos que se está pretendendo dar ao Exército e propondo às Forças Armadas o desengajamento do processo político sucessório. O também ex-ministro Hugo de Abreu, ao tomar conhecimento da decisão de Frota julgou-a oportuna, pois o pensamento do ex-ministro do Exército reflete o pensamento das Forças Armadas, "uma instituição que tem uma destinação constitucional e deve permanecer fiel a ela". O posicionamento da família Médici e agora do general Frota, foram previstos há dias pela assessoria do general Euler Bentes Monteiro, que colocou essas manifestações como forma de adesão ao candidato da oposição.

(PÁGINA 2)

Abreu consegue fazer...

Frota fala contra o regime

Anistia é união de nossa Pátria

Na Semana da Pátria, entre um papagaio amarelo e um balão voando sem rumo, o Suplemento lembra momentos importantes de nossa história e traz textos de Alceu de Amoroso Lima, Oswald de Andrade, Abdias Nascimento, Leon Eliachar e dois parágrafos da Declaração dos Direitos do Homem, assinada, exatamente, há 30 anos. Todos lutam por condições verdadeiras e humanas; todos exigem Anistia, para unir a Pátria.

E ainda: Lilian Newlands entrevista o uruguaio Eduardo Galeano (foto), que atualmente vive em Barcelona e não pode se deslocar da Espanha, pois teve seu passaporte cassado; dois contos de Rubem Mauro Machado e Socorro Trindad; poemas de Mário de Oliveira, Glauco Mattoso, C. A. Corrêa e Acyr.

A inacreditável discriminação e perseguição contra o coronel Tarcisio

De HELIO FERNANDES

TENHO horror à injustiça. Me revolta a discriminação. Detesto a perseguição. Não posso assistir impassível, acomodado, calado e amedrontado, ao processo de esmagamento de um homem. Tudo isso é mais forte do que eu, pois esse processo de amordaçamento já foi posto em prática contra mim, já foi exercido várias vezes contra mim, todos os governos se mobilizaram contra mim. E sempre tive bem presente e bem fixada na minha memória a expressão imortal de Franklin Roosevelt:

> "É muito bonito lutar pelos nossos direitos; é muito correto lutar contra as injustiças que nos fazem; é saudável e Democrático defender as nossas liberdades. Mas é muito mais saudável, mais correto e mais Democrático, lutar pelos direitos dos outros."

POR isso, lembrando principalmente o que Roosevelt afirmou pouco antes de explodir a Segunda Guerra Mundial (a Terceira será a Guerra Nuclear, não tomaremos parte nela, sofreremos apenas o seu impacto e as suas conseqüências), é que eu escrevo sobre a terceira prisão em 3 meses sofrida pelo bravo, lúcido, correto e compenetrado coronel Tarcísio Ferreira Nunes.

O QUE estão fazendo com o coronel Tarcísio não é apenas o exercício de uma perseguição contínua e calculada, é um ato de discriminação, de vingança, uma violentação planejada e determinada com o objetivo de minar as suas resistências e obter que ele peça passagem para a reserva, finalmente se reforme, que parece ser realmente o objetivo de tudo isso. Servindo no Paraná, e lendo todos os dias nos jornais e revistas, entrevistas e mais entrevistas de militares das mais elevadas patentes (mas nem por isso tão militares quanto ele), o coronel Tarcísio fez também declarações conversando com dois jornalistas no Paraná. Antes ele fizera um discurso no Lyons Clube, defendendo pontos rigorosamente defensáveis e constitucionais, e por isso fora procurado pelos repórteres.

PROCURADO pelos repórteres depois do discurso no Lyons, o coronel Tarcísio fez as declarações, elas foram publicadas no Rio e em São Paulo, transcritas no Brasil inteiro, tiveram uma repercussão extraordinária. Nem as autoridades nem o próprio Tarcísio esperavam que as declarações tivessem tanta repercussão. Mas o problema é que Freud já dissera "que só a verdade dói", e como tudo o que foi dito pelo coronel Tarcísio era rigorosamente verdadeiro e não podia ser desmentido, ele foi transferido para Pernambuco. Não era mais fácil desmenti-lo, desdizê-lo, desfazer todas as suas afirmações? Mas como, se tudo o que ele disse é o que o Exército vem pregando, como desmenti-lo se ele não fez mais que defender a ordem e a paz, a sociedade constituída, a hierarquia, a disciplina, tudo o que alguns generais da ativa defendem todo dia?

LÁ FOI ele para Pernambuco. Apresentou-se, ficou em regime de rigorosa severidade. Um dia, em viagem de inspeção foi com alguns oficiais a Natal. À noite, procurando um lugar para jantar, ele e seus oficiais foram bater num restaurante que era tido como o melhor da cidade. Jantando nesse restaurante, foi reconhecido pelo senador Agenor Maria, pelo deputado Henrique Eduardo Alves e por outros deputados estaduais do MDB. Convidaram-no a ir à mesa deles. Foi. Era um ato puramente civilizado, aceitar um convite para passar de uma mesa à outra num restaurante, coisa que acontece todo dia em todos os restaurantes do mundo. Conversou como um homem livre, disse e ouviu afirmações, ficou conversando horas, pois os homens inteligentes não gostam de ficar confinados às próprias idéias, conversam entre si.

48 HORAS depois foi surpreendido com um chamado do seu comandante e o recebimento de uma parte conhecida no Exército como "Deveis Informar" (não se esqueçam que eu pertenci ao Exército durante 2 anos e 11 meses). Respondeu no prazo determinado e foi punido com 4 dias de prisão por causa da resposta. Eram 4 perguntas e ele respondeu cada uma isoladamente. Disseram que a resposta à quarta pergunta excedia ao que fora pedido, e ele foi punido.

LOGO depois, novo caso sem qualquer importância, e novo "Deveis Informar". Como no caso anterior havia sido punido pelo que chamaram excesso das respostas, resolveu se precaver. Então, às perguntas feitas respondeu apenas com uma palavra num texto que dizia:

> "Quanto às perguntas de número 1, 2, 3, 4 e 5, respondo NEGATIVAMENTE."

FOI punido novamente. Da primeira vez pelo excesso de explicação. Na segunda vez disseram que faltava explicação e que aquele NEGATIVAMENTE não queria dizer nada. Outra cadeia para quem não fizera nada, cumprira escrupulosamente os seus deveres. Logo depois lhe comunicaram que ele não poderia sair de Recife para COISA ALGUMA, não poderia sequer acompanhar os seus oficiais em inspeção. Ele poderia fazer o plano das inspeções e das viagens, mas não poderia ir. Para suas bodas de prata no Rio, um custo para obter 3 dias de licença, pois queria comemorar os 25 anos de casado no mesmo dia, na mesma Igreja e com o mesmo padre Leme Lopes que o casara. Acabaram lhe dando sexta, sábado e domingo, com a obrigação de estar domingo à noite no Recife. 15 dias depois morre o pai no Rio, e o princípio de resistência que se esboçou à sua viagem foi logo abafado pelo bom senso de alguns:

> "Afinal foi seu pai que morreu. Até os que estão exilados no exterior obtêm licença nessas ocasiões."

LOGO depois, de volta ao Recife, foi chamado ao comando e lhe comunicaram que seu nome fora retirado do quadro de acesso por merecimento (a que tinha direito legítimo, é um oficial brilhantíssimo, dedicado, trabalhador, íntegro) e portanto não poderia ser premiado nas promoções que foram publicadas ontem. E o coronel Tarcísio recebendo todos esses golpes de ânimo forte, sem se abater, resistindo a tudo, impávido e altaneiro. Todo mundo podia falar no Exército. Menos o coronel Tarcísio. E ele quieto, sem responder sequer a algumas partes que eram simples provocações.

QUANDO esteve no Rio, foi procurado pelo general Euler, de quem é amigo de longa data. O general lhe disse então que escolhido candidato pelo MDB, seu primeiro comício seria em Olinda, e que depois do comício iria à sua casa. O que é que queriam? Que o coronel Tarcísio fechasse a casa a um amigo e a um superior? Afinal, somos selvagens ou civilizados? O general Euler foi à casa do coronel Tarcísio, foi muito bem recebido como os outros oficiais que lá estiveram, e para não prejudicar esses oficiais que expontaneamente foram à sua casa, o coronel Tarcísio falou a alguns jornalistas que estavam de plantão na sua casa.

NÃO disse nada que já não se soubesse. Disse coisas que já tinham sido ditas antes. Repetiu afirmações que estão sendo repetidas por coronéis e generais da ativa. Além do mais, todo mundo sabe como são os jornalistas encarregados da cobertura de um assunto. Vão fazer a cobertura de um assunto, são inflexíveis, não voltam de mãos vazias. São profissionais extraordinários, e se todo mundo cumprisse suas obrigações como eles cumprem as deles, pelo menos haveria mais tranqüilidade no mundo. A verdade é que eles espremem os "entrevistados", têm uma capacidade especial, e só vão embora com a missão cumprida. Foi o que fizeram com o coronel Tarcísio.

POSSO afirmar que o coronel Tarcísio só foi ao comício do general Euler depois de estudar atentamente os Regulamentos militares. Recusou convite para ficar no palanque, não falou, foi à paisana, não participou de forma alguma do comício, pois ficou sozinho. Quando o comício acabou ele foi embora, da mesma maneira como viera: sozinho. Então por que puni-lo, por que mais essa violação dos Regulamentos e dos Códigos Militares apenas para perseguir e violentar um oficial que cumpre os seus deveres e não afronta nem a hierarquia nem a disciplina?

E POR que essa punição, mais uma, se os mesmos jornais de ontem que trazem a nova arbitrariedade praticada contra o coronel Tarcísio, trazem novas declarações de oficiais generais da ativa? Um deles diz "que os ambiciosos não passarão". (Não passarão de onde ou para onde?). O outro diz que a "Revolução continua viva e que os ideais do 31 de Março são os ideais da Nação". Quais?

POR que esse critério esdrúxulo de punição para uns e impunidade para outros? É isso que o País inteiro quer saber.

Maluf fala em mudar capital para o interior

Dos 22 governadores de proveta eleitos ontem, Paulo Salim Maluf proporcionou o pronunciamento de maior impacto ao anunciar a criação de uma comissão para estudar a mudança da capital do Estado para o interior. Chagas Freitas — o bandido do terno branco — não compareceu a Assembléia Legislativa onde sua indicação foi homologada, mas concedeu entrevista prometendo voltar a sua administração para "o desenvolvimento econômico e social do nosso povo, para a sua segurança, para a sua saúde e educação, para a sua cultura e seu direito de lazer". O irmão de Wladimir Palmeira, escolhido governador de Alagoas, não contou com 46 votos do Colégio Eleitoral. (Páginas 2 e 3.)

Exército de Somoza domina os rebeldes

Depois de três dias de resistência em meio a sangrentas batalhas, os 300 jovens, quase imberbes, que resistiram à Guarda Nacional da Nicarágua na cidade de Matagalpa, retiraram-se para as montanhas e a cidade foi finalmente dominada pelas forças leais ao ditador Somoza. Os moradores voltaram a circular ainda espantados pelas ruas da cidade — de 60 mil habitantes — onde os jovens rebeldes deixaram profunda impressão. A própria residência do grupo amotinado foi garantida pelas famílias mais pobres: quando os rapazes tinham de mudar de posição nos combates, os habitantes furavam as paredes das próprias casas, o que permitiu a luta igual contra as tropas melhor treinadas da América Central. (Página 7)

Flu recebe seus novos craques com pó-de-arroz

Muito pó-de-arroz, ontem, no Galeão, na chegada do Nunes e do Fumanchu, para o Fluminense. Camisa tricolor, para as fotos e cenas de TV. Não faltou nem os dirigentes, em busca da promoção pessoal. Os dois jogadores estão hospedados no Hotel Glória. O Nunes que foi da Seleção Brasileira, receberá — além de Cr$ 80 mil mensais, entre luvas e salários — os 15% sobre o valor do seu passe a ser pago pelo Fluminense. Fumanchu — que não foi da seleção — receberá Cr$ 45 mil mensais, mas não recebe os 15%, porque não tem direito. George Helal lançou sua candidatura, oficialmente, ontem, com muita gente na sede do Flamengo, no Morro da Viúva. (Mais notícias, na página 12 — ESPORTES.)

À-TÔA NA VIDA

A TRIBUNA republicou uma crônica minha antiquíssima onde eu me despedia dos leitores depois do sacrifício de cento e sessenta recados diários. Foi castigo, porque eu ontem não mandei matéria e não foi por falta de assunto, mas na hora do almoço, me encontrei com Carlinhos de Oliveira, Fausto Wolff, Cristina Gurjão, Lulu Silva Araújo, Otelo Caçador, Gussy e já sentiram: não os via há muito tempo e emendei o papo, tirei a tarde para vadiar, com todas as culpas e responsabilidades do deslize. E nem ao menos falou-se de trabalho, literaturas, arquiteturas e todas essas armadilhas que a vida urbana nos armam, tocaiadas, nos duros caminhos que temos que caminhar; falou-se das coisas de agora e nem ao menos de política, fogo que parece arder aqui e acolá numa floresta petrificada, silenciosa, chão de areia.

Assim como não existe meia saúde, não existe essa meia política que está aí, um arremedo democrático, uma feijoada incompleta; por isso, sem nenhum acordo tácito, não se falou em política, no máximo — talvez, nem me lembro — uma anedota raquítica, equestre. Como era diferente o Rio de Janeiro!... Eram outros os cariocas, nós mesmos éramos outros, mais respirados, mais livres por dentro e, sobretudo, por fora.

Na dedicatória que Carlinhos — me supondo anjo — me escreveu no romance Terror e Êxtase, está dito tudo:

"Paz!

Esta é a casa do horror, do susto, da perdição. A casa enorme — uma cidade — em cujos labirintos as crianças se perdem, se encontram, se estraçalham. Casa cuja viga mestra, o senso de humor (filho da imortal p... esperança) garante que o inferno não vai desmoronar. Não há condições e tempo sequer para sermos infelizes, donde esta casa é habitada por feras graciosas.

Teu irmão por afinidade eletiva te beija e te saúda.

Carlinhos Oliveira.

Degrau, 31 agosto 1978."

Aquela casa branca — verdadeiramente carioca — não existe mais, é um desfiladeiro opaco, um inferno atulhado, uma megalópole demolindo-se para construir um falso progresso, onde só mesmo uma esperança doida pode garantir uma imitação da alegria antiga. Mas também não falamos muito disso; pretendemos, mesmo sem combinar, um encontro ameno, um pileque perdoável, nós, que somos de uma geração molhada, fora de moda no desespero de hoje, na solidão das *discothèques*, do desvario da droga e da guitarra elétrica.

O Fausto prometeu que vão remoçar o *Pasquim;* não era sem tempo. O alucinado hebdô, quarentão, já estava descambando para o perigoso terreno da geriatria prematura. Tem mesmo que castigar, mas rindo, pombas! Está seríssimo: Ziraldo, este santificado cura de Caratinga, prega *dicas* de um púlpito; Sérgio Augusto e Newton Carlos estão certos, o jornal tem que se preocupar com os treze à mesa da América Latina, mas não precisam ficar indignados o tempo todo, como o Athayde; as entrevistas, apesar de excelentes, estão longas demais, ocupam um espaço muito grande e o restante das matérias, mais os anúncios não dá muito *corpo*, muita opção de leitura; aquelas tripas TIVE, TI OUVE, etc. Com o tempo perderam a agilidade e até a atração visual que fizeram o sucesso das Dicas (invenção da Olga Savary), que, por sua vez, também têm que, de vez em quando, meter um texto mais de Satanagem; Jaguar, Henfil, Ivan Lessa garantem a antiga peteca no ar.

Falou-se disso tudo, simultaneamente, jogou-se porrinha, debochou-se, dissipou-se tempo, dinheiro, silêncio, só não se poupou conversa fiada, paga à vista, no ato.

P. S. — Algumas pessoas, amigos, naturalmente, telefonaram estranhando que eu não escreveria mais aqui neste espaço fatal, conforme leram ontem na crônica ressuscitada pela casa. Mas bastaria ler o texto com mais atenção e veriam que era papo de mais de dez anos atrás, do tempo que eu era velho. Como me intimou o Sérgio Augusto, um dos telefonadores, "diga aí que você já sabe crasear razoavelmente, já pode dispensar a Marina Colasanti e o Otto Lara". Tá dito e feito: à.

MARCOS DE VASCONCELLOS

Frota vai falar às Forças Armadas na próxima semana

BRASÍLIA — "Vi as declarações do ex-ministro do Exército e estou de acordo com ele". A afirmativa é do general Hugo de Abreu, ao ser questionado sobre a anunciada iniciativa do general Sylvio Frota de fazer um discurso à nação, nas próximas horas, sugerindo reflexão aos companheiros de farda sobre os rumos que estão se pretendendo dar ao Exército e propondo o desengajamento das Forças Armadas do processo político sucessório.

O ex-chefe do Gabinete Militar da Presidência da República e principal executor da exoneração do ex-ministro do Exército, qualificou as idéias do discurso, publicadas ontem pelo Correio Braziliense, como "muito boas" e acredita que "este é o pensamento do Exército, uma instituição que tem uma destinação constitucional e deve permanecer fiel a ela".

Hugo de Abreu disse ter "certeza, que o Exército está unido em torno desta sua destinação constitucional. E me parece que as palavras atribuídas ao general Frota significam também essa certeza".

Por último afirmou que "nós, revolucionários, continuamos fiéis aos três princípios básicos de 31 de março de 1964, ou seja: luta contra a subversão, luta contra a corrupção e, defesa e garantia das instituições democráticas".

Euler se reúne com Lula e faz advertência

SANTO ANDRÉ — O general Euler Bentes Monteiro deu um conselho aos dirigentes sindicais ontem, em São Bernardo do Campo: "não deixem que a organização de vocês se caracterize por atuação política, não permitam que forças estranhas de qualquer tipo distorçam seus principais objetivos, mas que continue sendo um instrumento de luta específica dos problemas trabalhistas".

Ele teve uma pronta resposta de Luis Inácio da Silva, o Lula, presidente do Sindicato dos Metalúrgicos de São Bernardo e Diadema, que recepcionou o candidato oposicionista à Presidência da República das 14h30m às 16h40m: "os dirigentes sindicais e os trabalhadores já não admitem mais ser instrumentos de quem quer que seja, a não ser de sua própria classe, mas é fato irreversível que os trabalhadores buscam a formação de seu próprio partido político".

Esse foi o comentário final numa reunião de quase duas horas que o general Euler Bentes manteve com mais de quarenta dirigentes de 13 sindicatos do Estado de São Paulo e um de Minas Gerais, numa sala do Sindicato vedada à imprensa. Depois da reunião o general concedeu rápida entrevista coletiva, onde reafirmou sua posição contrária a participação do sindicato na vida político-partidária: "os próprios trabalhadores estão interessados em que a vida sindical seja uma e a política seja outra. Esta é uma colocação dentro de um regime democrático que todos desejamos. Os trabalhadores quando querem se manifestar politicamente, de maneira mais expressiva se associam aos partidos políticos, formam seus próprios partidos políticos".

Lula declarou-se surpreendido com o conhecimento de Euler sobre as questões trabalhistas, embora o general tenha reiterado que não foi a São Bernardo para "buscar apoio dos trabalhadores, mas informar-se e discutir com os dirigentes sindicais seus problemas, suas reivindicações".

Em pronunciamento que leu ao saudar os dirigentes sindicais, o general Euler Bentes criticou as reformas institucionais propostas pelo Governo, porque "as decisões, hoje, como no passado, são tomadas sem que os trabalhadores sejam ouvidos, sem que suas reivindicações sejam consideradas e colocadas na balança. O resultado disso conhecemos: a legislação imposta pelo Estado Novo, emendada, remendada, continua até hoje inadequada aos interesses dos trabalhadores".

Depois de sua saudação, o presidente do Sindicato dos Petroleiros de Campinas, Jacó Bittar, leu Carta de Princípios, extraída do congresso da CNTI, pelo grupo de oposição, e depois entregou-a ao general. Em seguida, disse à imprensa que a carta era excelente, mas não disse se a subscreveria. Lembrou, porém, que os vários princípios nela contidos são coincidentes com os do partido a que pertence. A carta trata de problemas gerais dos trabalhadores, de maneira muito clara, objetiva, mas trata também de problemas políticos, que não vou discutir agora, mas os senhores podem compará-los com os meus pronunciamentos anteriores".

Lula, por sua vez, disse que o pronunciamento do general Euler Bentes tem vários pontos que coincidem com a carta, e comentou: "Ou já conhecia a carta e concordou com ela". Disse também que não vê formas de apoio ao general Euler Bentes no Colégio Eleitoral e vetou a possibilidade de usar os mesmos critérios de pressão que os sindicatos prometeram fazer junto aos parlamentares para apoiar as emendas ao Projeto das Reformas Políticas do Governo. "A situação é outra, não podemos pressionar os delegados do Colégio Eleitoral para votar no candidato do MDB. Ninguém sabe quem são os delegados".

Lula disse também que vê com bons olhos uma candidatura do MDB, ressaltando sua preferência por "três ou quatro candidatos, a serem escolhidos pelo povo. De qualquer forma a candidatura do general Euler representa um avanço no cenário político".

Euler Bentes manifestou-se contrário à criação de uma CGT — Confederação Geral dos Trabalhadores —, embora em seu pronunciamento aos líderes trabalhista criticasse a estrutura sindical vigente. "Como vocês podem ver no pronunciamento que fiz, sou contra a estrutura sindical imposta, de cima para baixo, mas favorável a que ela surja de baixo para cima, como a classe trabalhadora deseja. Por isso a CGT não interessa aos sindicatos nem aos trabalhadores. A CGT é a negação da liberdade sindical: é assim que a entendo".

"Euler não tem força"

BRASÍLIA — O general Figueiredo disse ao empresário paulista Carlos Barbieri que o general Euler não tem força dentro das Forças Armadas para dar um golpe e não tem poder político para vencer no Colégio Eleitoral, e voltou a insistir na importância de uma vitória eleitoral da Arena para assegurar o aperfeiçoamento democrático. Barbieri, presidente da Sociedade para Estudos Políticos Econômicos e Sociais de São Paulo e vinculado ao extinto semanário Expresso, manifestou-se preocupado com a situação na área operaria, onde as lideranças sindicais estariam sendo sobrepujadas e perdendo o controle da situação e previu que a "situação poderia ferver, mas se Euler fosse o futuro presidente ferveria muito mais". O empresário, de 31 anos, que mantém ligados em Figueiredo há 4, definiu-se nacionalista cristão.

Planalto acha que paulista não teve nenhuma repercussão

BRASÍLIA — O Palácio do Planalto limitava-se, ontem, a acompanhar o desenrolar da greve no setor bancário de São Paulo.

O porta-voz palaciano, coronel Rubem Ludwig, assinalou apenas que há lei recente disciplina a matéria e estabelecendo uma escala de providências que devem ser tomadas por outros órgãos.

As informações que o porta-voz tinha, porém, no final da tarde, eram de que o movimento alcançara pouca expressão.

Para o coronel, o problema das greves resulta de uma conjugação de fatores diversos, inclusive políticos e, da parte de algumas lideranças, "até existenciais".

Setenta agências bancárias haviam paralisado suas atividades na capital paulista, parcial ou totalmente, até às 14 horas de ontem, segundo informações divulgadas pelo comando da greve dos bancários, acrescentando que 12 funcionários do Bradesco haviam sido demitidos, enquanto um tinha sido preso pelo DEOPS.

A paralisação teve mais êxito na periferia, principalmente em São Miguel Paulista, onde às 12 agências bancárias existentes no bairro pararam totalmente, do que no centro da cidade.

Ontem, de manha, na zona bancária da cidade — ruas XV de Novembro, Boa vista, 24 de Maio e Ipiranga — a impressão era de que o movimento havia falhado, já que todas as agências pareciam que trabalhavam normalmente atendendo o público, com exceção da agência central do Banco do Brasil, na Rua São Bento, que somente abriu suas portas às 11h30min.

No entanto, pressionados pelos gerentes, somente os caixas trabalhavam nos andares térreos das agências — muitos eram substituídos por contadores e subgerentes —, enquanto nos andares superiores das agências, a paralisação se ampliava.

Governadores e biônicos eleitos tranqüilamente

Nos principais Estados as Convenções que escolheram os governadores e os senadores biônicos transcorreram normalmente com os ungidos pelo Planalto fazendo discursos de agradecimento ao presidente Geisel e elogios à Revolução.

CURITIBA — O ex-ministro Ney Braga teve seu nome homologado ao Governo do Paraná com os votos de 580 delegados da Arena, que em tese representariam, cada um, 5 mil e 500 eleitores. O MDB não participou da votação e o deputado arenista Accioly Neto votou apenas no candidato a governador, negando-se a fazê-lo ao biônico Afonso Alves de Camargo, presidente da Arena, qualificando-o de "figura cômica".

Em Fortaleza, a eleição do futuro governador do Ceará, senador Virgílio Távora, do seu vice e do senador indireto foi marcada por lances hilariantes, a começar pelo deputado Paulo Benevides, presidente da Assembléia, que, ao anunciar ao resultado final, trocou o nome do engenheiro César Cals de Oliveira — senador indireto — pelo do deputado Castelo de Castro, vice-líder do MDB, a deputada Zélia Mota, do grupo liderado pelo ex-diretor de operações da Eletrobrás votou em César Cals para governador e Virgílio Távora para o Senado. Essas "gafes" não foram exclusivas dos parlamentares da chamada "primeira linha" — da capital: vários foram os delegados do interior que trocaram os candidatos ao Governo pelo do Senado e vice-versa.

O senador Virgílio Távora obteve 307 votos dos 308 porque o seu companheiro de chapa, deputado Manoel de Castro absteve-se de sufragá-lo. O coronel César Cals teve 308 votos. Votaram delegados de 136 Câmaras Municipais das 140 e mais 32 dos 40 deputados.

Já em Porto Alegre, José Augusto Amaral de Souza foi eleito ontem governador do Rio Grande do Sul, com os votos de 307 dos 308 delegados presentes à sessão do Colégio Eleitoral. O presidente da Assembléia Legislativa, deputado Nivaldo Soares, único oposicionista que participou da reunião, retirou-se do plenário no momento em que seria chamado a votar, retornando alguns minutos mais tarde para proclamar os resultados.

O Colégio Eleitoral gaúcho tem 534 integrantes, mas não participaram os emedebistas, e foram impedidos de votar os delegados de oito municípios que realizaram eleições fora do prazo legal. Ao todo, estiveram representados 148 dos 232 municípios do Estado.

JOÃO PINHEIRO NETO

Nota zero

Os técnicos da Fundação Getúlio Vargas, à frente o economista Julian Chacel, diretor do Departamento de Pesquisas, estão de acordo, quase unanimemente com o Ministro da Fazenda: o governo perdeu a batalha contra a inflação. Quatro anos de práticas monetaristas absolutamente inúteis e até mesmo lesivas aos interesses da nação deram na aceleração do custo de vida, desordem nas contas externas e dívida externa escorchante. Esses mesmos homens que no passado gritavam histéricos contra os "desmandos" do desenvolvimentismo, ávidos de poder, arrogantes e autosuficientes, se apresentam agora mergulhados no fracasso depois de quase quatro anos de insucessos e desmandos. Será possível que esta gente ainda merece crédito? Os militares asseguraram, a duras penas, à tecnocracia, tudo o que lhes foi pedido. Continuidade administrativa, estabilidade política, tranqüilidade social. E o resultado? Isso que estamos vendo e sofrendo. O barco da nação adernado, fazendo água por todos os lados.

Com todo o otimismo possível, a variação anual do IPA atingirá 40,0% em 1978, considerando-se uma média nos próximos quatro meses de 2,1% muito difícil de ser mantida, à exceção de um "milagre", como ocorreu em agosto do ano passado, quando a variação foi de 0,9%. Nos doze meses terminados em julho, a variação anual foi de 37,9% e em agosto, com base na informação do economista Chacel, ela será de 39,9%.

Quanto ao custo de vida, que vem pressionando, descisivamente, o índice geral de inflação, a variação nos doze meses terminados em agosto não será inferior a 39%.

Ao abandonar quaisquer esperanças de êxito no combate à inflação, os técnicos da Fundação Getúlio Vargas estimam uma ênfase maior, neste final de ano, na tentativa de reduzir, ao máximo, o deficit comercial e na obtenção de efeitos mínimos sobre a expansão dos meios de pagamentos, para não legar ao próximo governo pressões inflacionárias incontroláveis.

NOTAS

À exceção do Brasil e do Uruguai, quase todos os países da América Latina aumentaram seus orçamentos militares e a compra de armamentos ano passado e este ano. Os dados foram revelados pelo Instituto Internacional de Estudos Estratégicos, de Londres e, segundo o informe, França, República Federal da Alemanha, Itália, Suíça e Portugal foram os principais fornecedores do mercado latino-americano. Os Estados Unidos aumentaram particularmente suas vendas ao Chile e à Argentina, entregando material composto de helicópteros, aviões de treinamento e aparelhos de transporte. Quanto a Cuba — cujo orçamento militar aumentou em 170 por cento entre 1971 e 1978 — o relatório afirma que os efetivos das Forças Armadas cubanas aumentaram em 60 mil homens entre 1976 e 1978.

—

Está esquentando o assunto levantado pelo deputado João Cunha, relativo a uma suposta trama envolvendo os pólos petroquímicos brasileiros, para um eventual controle por multinacionais. Ralph Rosenberg, que nunca foi de aparecer, de falar ou de se promover, já está publicando "Esclarecimento à Opinião Pública", na seção livre dos jornais.

—

Depois de ouvir relato feito por cafeicultores paulistas, membros da sua junta consultiva, na semana passada, o Instituto Brasileiro do Café reconheceu que as perdas pela geada dos dias 14 e 15 de agosto passado poderão ser maiores do que a sua estimativa inicial, que é de 34 por cento.

—

A peste suína já matou mais de cinco mil porcos em São Paulo. O surto, entretanto parece ter estacionado, já que desde o último dia 23 a Secretaria da Agricultura, que controla a situação no Estado de São Paulo, não recebeu nenhuma comunicação sobre novo foco. No Brasil, desde o início do surto, foram abatidas cerca de 16 mil cabeças de gado suíno, atacados pela peste africana.

—

Foi constituída em São Paulo a Associação das Siderúrgicas Privadas, que assim constituiu sua diretoria aclamada na ocasião: presidente, Antônio Ermírio de Moraes, vice-presidente, Paulo Villares, diretores Affonso Aliperti Junior, Germano Johanpetter, Sami Schlacher, Antônio Carlos Cescão, Hans Schlacher. Integram a associação 19 empresas siderúrgicas privadas, que produzirão este ano 3,6 milhões de toneladas de aço.

—

Em apenas um ano e nove meses de governo, o presidente Portillo do México conseguiu bons resultados na recuperação econômica do país, que atravessava uma grave crise com uma inflação de 30% ao ano, um forte déficit comercial e uma dívida externa de 4 bilhões de dólares.

—

O índice usado pelo governo norte-americano para prever o comportamento a curto prazo da economia do país caiu 0,7% em julho, a primeira baixa registrada desde janeiro, o que levará à novas dispensas e a um aumento no índice de desemprego.

—

O governo está disposto a garantir o abastecimento de carne a preços não inflacionários, utilizando-se do produto importado. De acordo com levantamento oficial do Ministério da Agricultura, a safra de trigo do Paraná deverá ter uma quebra de 30%, devido às últimas geadas.

Maluf eleito com Arena de SP em crise

Paulo Salim Maluf tem uma das eleições mais tranqüilas de quantas se realizaram ontem pelos respectivos colégios eleitorais. Recebeu 1021 votos dos 1027 delegados que compareceram à Assembléia Legislativa. Houve um voto nulo (Agnaldo de Carvalho Júnior, que votou em Laudo Natel) e cinco abstenções. O candidato a senador biônico, Amaral Furlan, conseguiu mais um voto que o governador eleito. Como deixaram de comparecer 4 delegados arenistas e como o total de delegados arenistas eram de 1001, nada menos de 24 emedebistas votaram em Paulo Salim Maluf.

A bomba anunciada pelo candidato da Arena constituiu-se no maior fiasco, pois tanto a imprensa como os convencionais esperavam que ele fizesse alguma revelação de importância e o candidato em seu discurso anunciou a sua intenção de transferir a capital do Estado para o interior.

Paulo Maluf leu um discurso de 16 laudas, mal redigido e com erros crassos de português, inclusive com erros de tratamento, pois ora falava na primeira pessoa do singular ora na primeira do plural

Logo após a fala do candidato, os comentários eram os mais contraditórios, enquanto alguns delegados achavam que a mudança da capital beneficiaria o partido em termos eleitorais, a maioria era contra dizendo que somente pequenas cidades do interior, sem qualquer expressão eleitoral poderiam viver a ilusão de se tornar capital ou nas suas proximidades, enquanto os eleitores dos grandes centros certamente ficariam contrariados com a medida, classificada por outros de demagógica, porque a transferência somente poderá se efetivar com a aprovação do Legislativo e certamente Paulo Salim Maluf não contará com maioria para cumprir sua promessa eleitoreira.

O presidente da Arena paulista, Cláudio Lembo ameaçou renunciar a sua candidatura ao Senado, caso a Executiva decida atender a sugestão do general João Batista de Figueiredo e incluir mais dois nomes as sublegendas. Amanhã, integrantes da Executiva estarão reunidos com o governador Paulo Egydio para discutir o problema e escolher os nomes que serão enviados ao Tribunal para Registro.

A crise na Arena parece se aprofundar, porque o presidente do partido não está disposto a aceitar a imposição do general Figueiredo, que inclusive durante a reunião que manteve no papalácio dos Bandeirantes com integrantes do partido, teria dito que não aceitava o fato de um candidato único, quando sabe-se da pouca experiência política do sr. Paulo Maluf e da fragilidade do partido.

Na ocasião perguntou-se a ele que nomes sugeria para as duas sublegendas e ele indicou os Srs. Laudo Natel e Auro de Moura Andrade. Entretanto, o ex-governador Laudo Natel, consultado, declarou que não aceita a disputa, pois não está disposto a expor o seu nome a uma derrota certa nas urnas. Todo o trabalho de ontem em São Paulo se voltava para conseguir o assentimento do Sr. Cláudio Lembo aos novos candidatos.

Também ontem comentava-se na Assembléia Legislativa de São Paulo o verdadeiro derrame de dinheiro que o candidato a deputado federal Erasmo Dias, ex-secretário de Segurança, está dando no interior do Estado. As fontes de recurso do coronel-candidato são a Associgás (que financiou a operação Bandeirantes, de triste memória), a Copersucar e a Tatusinho. Além disso, o coronel Erasmo Dias tem à sua disposição toda a estrutura da Secretaria de Segurança, com os delegados do interior e o sistema de comunicações a seu serviço. Segundo alguns candidatos mais exaltados, até familiares de presos estariam sendo coagidos a participarem da campanha do coronel Erasmo Dias, que não quer sair do pleito com menos de 200 mil votos. Ninguém acredita que ele alcance os 100 mil.

Já estão identificados os autores do incêndio do dia da convenção da Arena que escolheu o engenheiro Paulo Salim Maluf para candidato ao governo. São dois cabos eleitorais do sr. Laudo Natel, um dos quais trabalha na própria Assembléia. O assunto, entretanto, está sendo tratado com muita reserva.

Arenistas elegem Chagas para garantir Figueiredo

A votação indireta fez governador e senador biônicos

A começar pelo líder do Governo na Assembléia Legislativa, deputado Victorino James, vinte e três deputados da Arena, dos trinta e um que compõem a bancada, votaram, ontem, no Palácio Tiradentes, no candidato do MDB ao governo do Estado, sr. Chagas Freitas, que acabou eleito no pleito indireto por 225 votos do Colégio Eleitoral e prometeu que manterá o estilo de governo que adotou na antiga Guanabara, "porque ele foi aprovado pelo povo".

O senador Amaral Peixoto também foi eleito senador biônico, do MDB, alcançando somente 156 votos, número considerado inexpressivo para quem sempre se considerou o político de maior prestígio no antigo Estado do Rio e uma forte ameaça aos esquemas e pretensões do grupo liderado pelo sr. Chagas Freitas.

COMO FOI

Ao pleito que elegeu indiretamente os srs. Chagas Freitas e Hamilton Xavier como governador e vice-governador do Estado do Rio que terminou antes do meio-dia, não compareceram os deputados arenistas Ítalo Bruno, Heitor Furtado, Fidélis do Amaral, Wilmar Pallis, Júlio Louzada, Edson Guimarães e Sant'Anna Cidade, Franklin... dinho Filho, enquanto que o sr. Francisco da Gama Lima absteve-se de votar, afirmando que "não tenho candidato a governador". Entre os emedebistas, os autênticos Edson Khair, Flores da Cunha, Francisco Amaral e Délio dos Santos também estiveram ausentes, o mesmo ocorrendo com a sra. Nadir de Oliveira, esta por motivo de doença. O deputado Alves de Brito foi bastante criticado por seus companheiros autênticos, porque rompeu o acordo firmado pelo grupo, segundo o qual ninguém compareceria à votação. Ele não só esteve no Palácio Tiradentes, como votou no sr. Chagas Freitas, justificando que fazia aquilo "por amizade ao senador Amaral Peixoto".

Os deputados da Arena que votaram no sr. Chagas Freitas foram: Victorino James, Luiz Fernando Linhares, líder da bancada, Alberto Torres, Antônio Alexandre, Astor Melo, Feliciano Costa, Flávio Palmier da Veiga, Frederico Padilha, Geraldo André, Jorge David, Jorge Lima, José Miguel, José Nader, José Vaz, Josias Ávila, Maurício Pinkusfeld, Odair Gama, Paulo Nascimento, Paulo Pfeil, Pedro Magalhães, Sandra Cavalcanti, Saramago Pinheiro, Valdívio Vilas Boas.

Na votação para senador biônico, o sr. Amaral Peixoto conseguiu apenas 156 votos. Foram apurados 1 voto em branco, 1 nulo e 94 delegados estiveram ausentes, entre os quais os deputados da Arena: Jorge David, Jorge Lima, José Miguel, Paulo Pfeil, Júlio Lourada, Pedro Magalhães, Sandra Cavalcanti, Valdilio Vilas Boas, Wilmar Falis, Viscotirno James, Luiz Fernando Linhares, Alberto Torres, Antônio Alexandre, Astor Melo, Feliciano Costa, Geraldo André, Heitor Furtado, Ítalo Bruno. Entre os emedebistas, também não estiveram presentes à votação os srs. Flores da Cunha, Francisco Amaral, Átila Nunes Filho, Délio dos Santos, Edésio Frias, Edson Khair, Jorge Bedran, Luiz Carlos Cruz e Sérgio Maranhão.

Ao todo, compareceram 209 delegados, representando [illegible]5 votos, assim distribuídos: MDB — 59 representantes dos municípios e 58 deputados; Arena — 69 representantes municipais e 23 deputados. Cada um desses delegados representou 20.163 eleitores do Estado do Rio de Janeiro.

Estiveram ausentes do pleito para senador indireto os delegados dos seguintes municípios: Rio Claro, Rio das Flores, Santa Maria Madalena, Santo Antônio de Pádua, São Pedro da Aldeia, Sapucaia, Saquarema, Silva Jardim, Sumidouro.

O Sr. Chagas Freitas não compareceu à Assembléia Legislativa, mas encarregou alguns assessores de distribuir cópias de declarações suas. Nelas o governador eleitor indiretamente pelo MDB confessa-se "honrado com os votos de meu partido, o MDB, e também com numerosos sufrágios da Arena, o nobre partido antagonista".

Após relembrar momentos de sua administração no antigo Estado da Guanabara, classificado como "um trabalho enorme e esgotante", o Sr. Chagas Freitas salienta adiante que "cumpre ,então, preparar-nos para a grande tarefa. Precisa ela dinamizar a Prefeitura da capital, tirando-a, de seu déficit crônico e possibilitando-lhe um trabalho profícuo e digno da cidade que repousa sobre a sua autoridade".

— As principais diretrizes de nosso Governo deverão começar a se definir a partir de agora — ressaltou — na medida em que tememos conhecimento das propostas orçamentárias estaduais e municipais de 1979, dos encargos e compromissos assumidos pelos respectivos Governos, e das eventuais margens disponíveis de programação, a curto e médio prazos. De qualquer forma, estaremos voltados para o desenvolvimento econômico e social de nosso povo, para a sua segurança, para a sua saúde e educação, para a sua cultura e seu direito de lazer".

Logo após distribuir suas declarações, o Sr. Chagas Freitas disse na sede dos jornais de sua propriedade que seu Secretariado somente será anunciado às vésperas de minha posse, conforme fiz por ocasião da minha investidura no Governo da antiga Guanabara".

Perguntado sobre o acordo com o Sr. Amaral Peixoto, o governador "indireto" respondeu que "ele continua firme, haja visto a eleição, hoje (ontem) do senador". Admitiu ainda uma perfeita organização partidária no seu Governo, "mas tendo sempre ao meu lado o honrado Senador Amaral Peixoto e dentro das composições políticas que nos convenham".

Barganha aumenta diferença

A Arena fluminense cumpriu ontem sua parte no acordo pelo qual o MDB liderado pelo ex e futuro governador Chagas Freitas votará no general João Batista de Figueiredo na reunião do Colegio Eleitoral que, no dia 15 de outubro, referendará a indicação do futuro presidente da República. O apoio dos chaguistas ao general Figueiredo representará pelo menos 40 votos que deixarão de ser dados ao candidato alternativo do partido, general Euler Bentes, aumentando a diferença entre os dois candidatos de 129 para 169 votos.

Praticamente toda a bancada arenista na Assembléia Legislativa e a quase totalidade de seus delegados municipais votaram no candidato do MDB às eleições indiretas para o Governo estadual, cumprindo o acertado na véspera numa reunião da bancada arenista com o próprio Chagas Freitas, que, na ocasião, garantiu que sua corrente apoiará o general Figueiredo na reunião do Colégio Eleitoral.

A maioria dos parlamentares da Arena afirmou que o apoio dado ao ex-governador resultou de apelo do Palácio do Planalto, notoriamente empenhado em ampliar a vantagem em favor de seu candidato com votos do MDB para compensar qualquer eventual dissidência arenista. Por essa razão, foi formalizada, na véspera a desistência da candidatura alternativa do general Sizeno Sarmento, possibilitando que os arenistas votassem no candidato do outro partido sem infringir o dispositivo da fidelidade partidária e sem correr o risco de nulidade do voto, segundo à tese do senador Afonso Arinos. Por idêntica razão o ex-senador Paulo Torres retirou sua candidatura à vaga indireta no Senado, garantindo a eleição do senador Amaral Peixoto.

O episódio de ontem comprova a disposição da assessoria política do Hotel Aracoara de ao mesmo tempo em que estreita os contatos com os parlamentares da Arena, para evitar possíveis dissidências, trabalhar junto à Arena moderada do MDB para ampliar a margem de diferença entre as duas bancadas no Colégio Eleitoral. Os partidários da candidatura Figueiredo acreditam que além de abstenções e votos em branco da parte de emedebistas, conseguirão alguns votos diretos no candidato da Arena, partidos do Rio, São Paulo, Paraná e Bahia, pelo menos.

Talvez por isso, parlamentares do MDB estão insistindo junto à direção nacional para que o partido convoque uma nova convenção nacional, destinada a fechar a questão em torno da candidatura Euler, de forma idêntica à adotada pela Arena com relação ao general Figueiredo. Eles entendem que fechando a questão, ficará caracterizada a infidelidade partidária em caso de voto em outro candidato. Nesta hipótese aos dissidentes emedebistas caberia simplesmente o recurso da abstenção ou do voto em branco.

MDB: recurso para impedir Paulo Maluf

O advogado Walter do Amaral, que há menos de 30 dias, sugeriu ao presidente do MDB, deputado Natal Gale, a interposição de recurso contra a diplomação de Maluf como governador do Estado, encaminhou ontem ao procurador da Justiça Eleitoral, José Ribeiro, representação sugerindo-lhe interponha o competente recurso contra a diplomação do candidato único. A peça, dirigida ao procurador da Justiça Eleitoral, está assim redigida:

"Com a presente, tenho a honra de passar-lhe às mãos a inclusa xerocópia da carta, por mim remetida em oito de agosto próximo passado, ao nobre deputado Natal Gale, digníssimo presidente do Diretório Regional do MDB, na qual lhe formulei veemente apelo, no sentido da apresentação, pelo MDB, do recurso previsto no artigo 262 do Código Eleitoral, contra a expedição de diploma de governador do Estado, a ser conferido pelo Tribunal Regional Eleitoral ao senhor Paulo Salim Maluf, em razão de sua eleição para o cargo pelo Colégio Eleitoral que se reunirá na data.

Assim procedi, pela convicção pessoal da inelegibilidade do candidato, calçada no artigo primeiro, inciso I, letra M, da Lei Complementar nº 5, de 29 de abril de 1970, bem como no Decreto nº 82.088, de 7 de agosto de 1978, que confiscou o patrimônio líquido da S.A. Fiação e Tecelagem Lutfalla e deu outras providências. Na oportunidade, a inelegibilidade foi demonstrada pelo apanhado de legislação pertinente, e que veio a constituir o anexo nº àquele documento.

Igualmente, moveu-se o dever inescusável de contribuir, na qualidade de cidadão desse Estado, para que se faça justiça a seu sofrido e generoso povo, afastando de sua governança o referido candidato, envolvido e beneficiário, ainda que por interposta pessoa, das irregularidades e delitos praticados pelos antigos acionistas da retromencionada empresa, razão precípua do bloqueio preventivo de seus bens pessoais por iniciativa da Comissão Geral de Investigações do Ministério da Justiça, confirmado pelo mencionado decreto, circunstâncias que vieram a ocasionar a inelegibilidade do candidato.

Entretanto, o que admito apenas por hipótese, poderá o MDB declinar de sua faculdade recursal por razões eminentemente políticas, razões essas que me serão absolutamente incompreensíveis.

Neste caso, senhor procurador, estou certo de que V. Exa. como é de sua formação, cumprirá exemplarmente o seu dever de fazer cumprir a Lei Eleitoral, "in casu", a Lei Complementar nº 5, interpondo o competente recurso contra a diplomação do candidato único, eleito para o governo do Estado, cabendo ao Ministério da Justiça, esclarecer, por provocação do Poder Judiciário, face ao caráter sigiloso da investigação sumária de que trata o Decreto nº 64.203, de 17 de março de 1969, se está ou não o senhor Paulo Salim Maluf proposto pela CGI para confisco de seus bens.

Recurso não torna deputado inelegível

— A decisão do Supremo Tribunal Federal de dar provimento ao recurso extraordinário impetrado pelo ex-governador Perachi Barcelos no processo que move contra o segundo vice-presidente da Assembléia Legislativa do Rio Grande do Sul, Porfírio Peixoto, não tornará o deputado inelegível. Esta é a opinião da assessoria jurídica do MDB gaúcho e do advogado de Porfírio Peixoto, que pretende agora, na continuação do processo, provar que o ex-governador realmente usou de forma indevida o dinheiro do Banco do Brasil, apontando como testemunha inclusive o atual governador, Synval Guazzelli.

Perachi apresentou queixa-crime por injúria e difamação contra Porfírio porque este, numa reunião da comissão representativa da Assembléia Legislativa, em fevereiro de 76, comentou que o ex-governador teria sido surpreendido "usando indevidamente o dinheiro do Banco do Brasil", o Tribunal de Justiça do Rio Grande do Sul entendeu que o deputado estava protegido por imunidade parlamentar e que não havia crime a punir, mas Perachi recorreu ao STF, que decidiu pela continuidade do processo.

Censura diz como liberou dois filmes

— O chefe da Censura Federal, Rogério Nunes, afirmou que a liberação dos filmes "Laranja Mecânica" e "Casanova de Fellini", antes proibidos, não significa que houve alteração nos critérios da censura, "porque o reexame foi feito com base na mesma legislação que proibiu e esta não foi alterada" segundo Rogério Nunes "eles é que mudaram" referindo-se aos produtores que não concordaram anteriormente com os cortes agora efetuados.

SEBASTIÃO NERY

Os amigos

Um ex-auxiliar do general Figueiredo, quando ele era do SNI, contava, ontem, numa roda de amigos, dois episódios muito kafquianos, aliás, na linguagem dos novos tempos, com um certo cheiro pecuário. Quando os jornais nos dizem que o general José Costa Cavalcanti, presidente de Itaipu, é o mais próximo dos amigos de Figueiredo e deve ser seu Chefe da Casa Civil, e o ministro Ney Braga, seu colega de turma, é um dos três mais íntimos, é bom saber o que acontecia há pouco tempo atrás.

1 — Costa Cavalcanti chega na ante-sala de Figueiredo, pede para falar com ele. Figueiredo chama o auxiliar:

— Atenda você, porque não quero falar com aquele picareta.

E não o recebeu.

2 — Um dia, Figueiredo mandou chamar em casa, domingo de manhã, bem cedo, o mesmo auxiliar. Ele foi correndo para o gabinete. Figueiredo lhe deu a missão:

— Prepare os dossiês para cassação de fulano, fulano, fulano e a do Ney Braga.

— Do Ney?

— Sim, do Ney, dele mesmo. E é urgente.

O auxiliar trabalhou o dia inteiro, entregou os dossiês a Figueiredo. Onde estão, ele imagina mas não tem certeza. Os amigos do general Figueiredo que se cuidem. Só depois que ouvi essas histórias é que entendi porque Figueiredo diz que prefere cheiro de cavalo a cheiro de gente. Tenho certeza de que ele nunca preparou cassação de cavalo nenhum.

Se com os amigos ele é assim, calculem com os inimigos. Te cuida, Euler Bentes!

PLANTÃO

É incrível como o processo político de uma nação, que nada tem a ver com outra, ou tem muito pouco, de repente começa a andar caminhos exatamente iguais, levando o poder a agir absolutamente da mesma forma. Não conheço os jovens da "Convergência Socialista". Minha opção política não é precisamente a deles. Entendo que, neste momento, a tarefa fundamental do País é unir todas as forças democráticas para devolver ao povo brasileiro sua soberania política, seu direito de voto. E, como perspectiva de organização partidária, na atual etapa da luta política nacional, vejo um Partido Socialista como solução demasiadamente minoritária, uma luta justa, mas isolada, de lideranças dedicadas, coerentes, mas excessivamente elitistas. O socialismo não é a bandeira da unidade das forças democráticas numa luta contra a ditadura. É etapa para depois.

—

Estava a recordar longas conversas, no ano passado, em Madri, antes, durante e depois da campanha eleitoral de junho, com os dirigentes do Partido Socialista Espanhol. É toda uma geração de no máximo 40 anos, jovens saídos das universidades ou dos sindicatos para uma luta política que durou exatamente dez anos. De um punhado de quase garotos que se deram as mãos para ajudar o povo espanhol a se libertar da ditadura de Franco, hoje temos o maior partido espanhol. É certo que eles não o criaram. Recriaram-no. O Partido Socialista da Espanha tem um século de duras experiências, nasceu na Monarquia, passou a República, resistiu à ditadura, reviveu de rosa nos punhos. Sempre foi o maior partido dos trabalhadores espanhóis. Era o PTB de lá e se chamava PSOE (Partido Socialista Operário Espanhol) não é o caso de comparar-se ao Partido Socialista que a "Convergência" está criando.

—

Numa coisa, porém, a situação se repete de uma maneira inacreditável. Esses jovens presos em São Paulo, no Rio, em Brasília, têm a mesma idade, o mesmo ardor e, conseqüentemente, dos Felipe Gonzalez, Alfonso Guerra e outros que, nas Universidades de Salamanca, Madri, Sevilha, também foram presos, publicamente caluniados como agentes internacionais e sobre eles, hoje, recai a maior parcela da confiança da Espanha redemocratizada, quase 40%. É quase certo que a Convergência Socialista repudia a "social-democracia" de Felipe Gonzalez. Mas a repressão do governo brasileiro está fazendo com eles precisamente como Franco fez com a juventude socialista da Espanha. Não aprende com a história quem não quer.

—

Uma madrugada muito cansada, num bar da Avenida José Antônio, eu perguntava a alguns dirigentes do PSE:

— O que é que vocês sentem hoje diante da memória dos homens da ditadura, que durante dez anos tentaram impedir que vocês participassem do processo político?

Fez-se um silêncio e um deles sorriu um modesto sorriso cristão, sem nenhuma mágoa ou ar de vingança:

— Nós os enterramos todos, nos braços de Deus e da História.

Os meninos de São Paulo, de Brasília, do Rio, jovens como meus filhos, que hoje esperam na cadeia o tropel da liberdade abrir seus cárceres, não precisam se desesperar. No final da luta, se a história tarda, a biologia não falta.

—

Ontem, eu falava aqui do colonialismo político em que vive hoje a Bahia, mais grave do que nos demais Estados. Cito dois fatos mais:

1 - Duas horas depois que o procurador-geral do Estado anunciou a denúncia criminal do governador Roberto Santos contra o governador-nomeado Antônio Carlos Magalhães, dois desembargadores entravam na casa de Antônio Carlos e a televisão dava a notícia. Os dois eram Plínio Mariani Guerreiro, presidente do Tribunal de Justiça da Bahia, e Santos Cruz, que manobra o Tribunal. Segundo os jornais baianos, Plínio Guerreiro vai ser o secretário de Justiça do governo de Antônio Carlos. É um réu feliz, o Antônio Carlos. Seus advogados são os próprios desembargadores. Que ganham para julgar e não para serem advogados a domicílio. E o incrível é que todo mundo lá já está achando tudo isso muito natural.

—

2 - Em todos os Estados, o Tribunal Regional Eleitoral estabeleceu áreas da cidade onde afixar a propaganda dos candidatos. E, para não sujar paredes e muros, determinou que os locais onde já estão os "out-door" dos produtos comerciais sejam aproveitados para "out-door" dos políticos. Em São Paulo, Belo Horizonte, Recife, etc., em vez de Coca-Cola ou Kolynos, estão as fotografias dos candidatos ao Senado, pela Arena ou MDB, pois o presidente do TRE da Bahia proibiu "out-door" dos candidatos, até mesmo nos arredores da cidade, onde estão as propagandas comerciais. E em Salvador todos sabem que a ordem foi de Antônio Carlos, que tem um argumento muito significativo:

— Lomanto vai ter voto no interior. Para que retrato na capital? Quem vai ter voto na capital é Rômulo Almeida. Cortando os dois, Rômulo perde.

Quer dizer, até juízes, na Bahia, entraram na ciranda biônica.

Quênia: Mais um estopim na África?

SEBASTIÃO LOBO NETO

Tudo indica que sim, a questão sendo apenas a que prazo. Não é à toa que Colin Legum do "Observer" de Londres afirma que Quênia é um dos países africanos mais difíceis de se governar, pois não só há a sempre presente possibilidade de conflitos tribais — constantes características na África — como também há dissenção dentro das próprias tribos e, embora ainda "amortecida", insatisfação social.

O fato é que Jomo Kenyatta, muito embora tenha exercícido incontestável autoridade durante os 15 anos que esteve no poder, implantou em seu país um regime que, se um lado trouxe um certo grau de prosperidade a uma elite (na qual é óbvio é majoritária a sua própria tribo, os Kikuyo) por outro lado fez vista grossa pra muita coisa que, enquanto vivo podia controlar, mas agora fica um problema espinhoso para seu sucessor. De cara Kenyatta deixou que sua família metesse a "mão na massa" e favoreceu aos Kikuyo no que e concerne cargos no Serviço Público, Governo e "business" de um modo geral. (Comenta-se que a família Kenyatta conseguiu considerável fortuna nesses 15 anos, fortuna que está tanto no Quênia quanto no exterior.) As outras tribos — são 4 principais, além dos Kikuyo que são dominantes foram deixadas de lado de um modo geral, muito embora na elite haja representantes pelos menos dos Luo, a segunda mais importante, Aparentemente a luta pelo poder seria entre os Luo e os Kikuyo, mas isso só aparentemente. No fundo da questão está o contraste entre a classe rica, com seus automóveis luxuosos etc... e a corrupção, desemprego e pobreza, como pode facilmente ser verificado, por exemplo em termos de miséria, nas cercanias de Nairobi.

Kenyatta não era lá muito chegado a aceitar criticas, tendo inclusive, — quando começou a surgir uma tentativa de união política que não era tribal para disputar cargos no partido único e oficial, o" Kenya African National Union" — cancelado as eleições, o que criou o problema de sua sucessão: ao que se saiba Kenyatta não indicou ninguém, mais uma prova, ainda segundo Colin Legum, de que a sua tribo, Kikuyo, não é lá tão unida assim. Caso fosse Jomo teria necessariamente indicado seu herdeiro político.

De resto Kenyatta favoreceu a entrada de capitais ocidentais, principalmente ingleses, mas manteve relacionamento com a União Soviética — o que não impediu que a Rádio Moscou começasse a criticar o seu Governo há mais ou menos 1 ano, talvez já se preparando para a sua sucessão. Afinal a proximidade do Kenya com a Etiópia e a Somália torna-o estratégicamente importante.

A concepção soviética ainda permanece a de que sociedades francamente favoráveis à iniciativa privada acabem sendo levadas a uma luta pelo poder, o que interessa muito à política externa soviética.

O fato é que, mesmo dentro da tribo Kikuyo e tendo em vista que Quênia tem uma razoável "intelligentsia" já houve no passado quem se dispussesse a protestar contra o "establishment" em defesa dos pobres e sem terra: em 1975 o líder (Kikuyo) Josiah Kariuki advogado de uma mudança radical na política imposta por Kenyatta, foi assassinado. O inquérito que sucedeu parece ter implicado figuras do chamado "primeiro escalão" do Governo e, evidentemente, foi abafado.

Então é óbvio que existe perspectiva social para que as divergências tribais ou intra-tribais possam ser exploradas por soviéticos ou americanos, hoje engajados na estúpida política de confrontação. Segue-se que qualquer movimento de radicalização será imediatamente apoiado pela União Soviética e vai, mais uma vez, acontecer o que já vem acontecendo há muito tempo em tantos lugares: os soviéticos apoiando os movimentos de cunho nacionalista e o business americano/ocidental tratando de engrossar o negócio. Até hoje os resultados foram desastrosos, mas mesmo assim ainda insistem. Quando é que vão aprender?

FLASHBACK

1 — Londres é uma das poucas cidades européias onde os Guardas de segurança israelenses não podem portar armas. Têm que deixá-las no avião. O resultado é que com os atentados palestinos a pressão israelense é muito grande e a velha Inglaterra talvez tenha que mudar um de seus mais antigos hábitos (e famoso): os "bobbies" londrinos talvez tenham que, no futuro, carregar um. 38 ou semelhante. É bom que se diga que 10% da força policial inglesa tem treinamento para usar arma de fogo, o que, pelos padrões ingleses, é um percentual muito alto...

2 — O Santo Sudário — a manto de linho que apresenta a marca do Cristo crucificado — já está em exposição para os turistas em Turin, na Itália. Além das preocupações com possíveis atentados terroristas, ou mesmo por psicopatas, há outras que, a longo prazo podem trazer problemas, problemas para o novo Papa.

O negócio é o seguinte: No final da exposição deverá haver um congresso onde, além das discussões e debates sobre a relíquia católica em questão, cientistas de várias partes do mundo querem ter uma oportunidade de examinar de perto. Os Estados Unidos enviaram um avião repleto de equipamento da NASA em análise fotográfica e aí é que entra o problema crucial tanto para o Papa quanto para o Arcebispo de Turin, Anastásio Ballestrero parece que vai haver um pedido da Universidade de Rochester, nos EUA, para que alguns miligramas do manto sejam enviados para análises pelo chamado método do carbono. O problema é que até então eram necessárias várias gramas de material para se proceder a esta análise (o método permite estabelecer a "idade" do material utilizado) o que implicava numa certa "mutilação" da relíquia. Agora, com o desenvolvimento da nova técnica na universidade em questão, vai ficar difícil para a Igreja Católica não ceder a mini quantidade para análise. Como muitos crêem que a imagem que se vê no Sudário seja realmente a de Jesus Cristo e, caso a "idade" do linho não combine com a "idade" digamos, histórica, cria-se um confronto mais preciso entre ciência e religião. O Arcebispo Ballestrero parece inclinado a ceder os miligramas, mas antes quer ter certeza e que o método desenvolvido pela Universidade de Rochester tenha aceitação na comunidade científica mundial. De uma maneira ou de outra, vai ser uma decisão difícil.

Política

JOSÉ COSTA

O deputado Erasmo Martins, presidente do MDB fluminense, disse ontem, logo após conhecidos os resultados da eleição para governador e vice-governador que o fato de a Arena ter votado no candidato do MDB, não invalida a eleição, nem pode ser interpretado como violação da Lei de Fidelidade Partidária. O que houve no caso — explicou — foi que a Arena pela renúncia dos seus candidatos resolveu abrir questão quanto a posição dos seus delegados que preferiram votar nos candidatos do MDB. Disse ainda Erasmo 'tanto é assim que dos 31 deputados da Arena na Assembléia Legislativa, apenas oito não votaram, sete por se encontrarem ausentes, um porque preferiu votar em branco.

x x x

Para a deputada Sandra Cavalcanti, hoje candidata ao Senado Federal, o resultado da votação e os votos dos deputados arenistas dados ao candidato do MDB representam o repúdio total às normas e à orientação do governador Faria Lima. Desde que empossado, segundo Sandra, o governador fez a mais absoluta questão de demonstrar seu desapreço pelos políticos, ao ponto de hostilizar alguns dos que, desinteressadamente, como foi o caso do deputado Alberto Torres, diretor do jornal *O Fluminense*, colaboraram com o seu governo, colocando nos seus calcanhares na campanha eleitoral alguns dos seus "bezerros de ouro".

x x x

A renúncia do marechal Paulo Torres a sua candidatura a senador biônico, solicitada pelo deputado Alberto Torres no intervalo entre a eleição do governador e a do senador indireto somente foi possível após a intervenção da Comissão Executiva da Arena fluminense. Isto porque, o deputado Cláudio Moacyr, presidente do Colégio Eleitoral, não a queria aceitar, com medo de que assim fazendo invalidasse toda a eleição de ontem. O entendimento de Cláudio era o de que tendo autorizado a Executiva da Arena a fazer sua inscrição, somente a esta caberia ser feita a renúncia. Como isso não ocorreu foi preciso a intermediação da Comissão Executiva da Arena para formalizar o pedido. Com a renúncia aceita acabaram-se também as candidaturas dos suplentes arenistas, nomes inteiramente desconhecidos na política estadual.

x x x

Dos 63 integrantes da bancada do MDB na Assembléia apenas 5 deixaram de votar por estarem ausentes. Mas um destes, a deputada Nadir de Oliveira, que chegou atrasada, logo que foi iniciada a votação do biônico pediu a palavra para justificar sua ausência, afirmando que se tivesse chegado a tempo não teria dúvidas em votar nos candidatos do MDB.

x x x

Foram os seguintes os deputados da Arena que não votaram na eleição de ontem para governador, vice-governador e senador biônico: Wilmar Palis, Júlio Louzada, Ítalo Bruno, Heitor Furtado, Fidelis Amaral, Edson Guimarães e Gama Lima (que votou em branco). Destes oito arenistas apenas três, segundo corre na política fluminense, estão reeleitos. Para o deputado Gama Lima que concorre à Câmara Federal com seu voto em branco ontem as coisas vão ficar difíceis, embora ele tenha um bom eleitorado na Tijuca.

x x x

Os delegados de Maricá, onde o prefeito é da Arena e o partido tem maioria na Câmara Municipal não compareceram para votar. Depois da posse do novo governador vai ficar muito difícil para o prefeito Luciano Rangel, que não tem verbas para nada e que vive na dependência do Palácio Guanabara. Agora já se sabe que o MDB terá candidato a prefeito nas próximas eleições municipais.

O voto e o povo

FRANCISCO PEDRO DO COUTTO

Ontem, dias das eleições indiretas para governadores e senadores, sem dúvida, foi uma data triste para o regime democrático no país, uma vez que na escolha de ambos faltou a indispensável participação popular, única forma capaz de legitimar a investidura no poder de quem o exerce por períodos fixos. As eleições indiretas encontram-se de tal forma condenadas entre nós que o próprio general João Batista Figueiredo, futuro presidente da República, já anunciou seu propósito de restabelecer o voto direto para o pleito de 82 e disse, há pouco dias, a um jovem repórter, que ele votará na próxima sucessão presidencial. Não pode haver, assim, maior restrição a um processo que afasta o eleitorado dos meios de decisão e da possibilidade de escolher aqueles que o representarão nos governos, no Congresso e nas Assembléias.

No que se refere aos senadores biônicos não vale a pena nem tecer comentários. Os atuais devem se constituir na única safra singular da espécie. Quanto à escolha indireta dos governadores, da mesma forma que do presidente da República, aí sim, cabem observações. O caráter não-democrático das eleições indiretas não é, a rigor, a forma de sua escolha. Em muitos países do mundo existem eleições indiretas que são democráticas. Mas nessas nações a figura do chefe de Estado (presidente da República) não se confunde com a do chefe do Governo (primeiro-ministro). Os Parlamentos elegem os presidentes e estes nomeiam os primeiros-ministros, conforme as tendências das maiorias parlamentares. O governo então se instala, mas nunca por mandatos certos, como é o caso brasileiro. Os períodos de mandato certo são próprios ao presidencialismo, não do parlamentarismo. Neste regime, a qualquer momento um governo (o do primeiro-ministro) pode ser substituído. No presidencialismo não. O caso brasileiro apresenta a incrível singularidade de ser um regime presidencialista escolhido sob a forma do parlamentarismo. No parlamentarismo, como todos sabem, a fonte do poder é o Parlamento que pode manter ou retirar sua confiança ao chefe do Executivo. Por isso, nesse caso, as eleições indiretas são democráticas.

A liberdade das campanhas eleitorais é plenamente assegurada, da mesma forma o pleno acesso aos meios de comunicação de massa. Na Inglaterra, onde a Televisão é estatal, os partidos do governo e da oposição possuem o mesmo tempo e o mesmo direito de se dirigirem ao eleitorado do país. Isso da mesma maneira acontece nas demais nações que adotam essa forma de governo. E, além disso, a realização de eleições nesses países é algo comum, que não apresenta quaisquer problemas. Parlamentos são dissolvidos, eleições são convocadas, novas etapas políticas sucedem-se e não ocorre qualquer crise capaz de colocar em risco as instituições que duram através dos séculos.

Em nosso país, pela última vez, segundo acentua o futuro presidente da República, realizam-se eleições que, na verdade, não são sequer indiretas. Nem isso. Porque a quase totalidade dos governadores foi escolhida com base em definições unicamente impedir o acesso de candidatos do MDB ao governo de diversos Estaestabelecidas pelo Palácio do Planalto e, além deste aspecto, o pleito indireto visou dos. Não foi outro o sentido das reformas de abril de 77, as quais incluíram até os vereadores nos colégios eleitorais. Assim, os vereadores, de representantes de realidades municipais, passaram a ser responsáveis por uma solução política estadual, como a escolha de um governador, e também por uma solução política federal, como a escolha de um senador. Os vereadores, ontem, assumiram três responsabilidades, duas das quais extravazam inclusive o seu limite de competência constitucional.

Talvez as eleições indiretas de primeiro de setembro, encerrem uma fase da vida política do país, segundo as previsões do próprio presidente que as instituiu e de seu sucessor. Teriam sido, desta forma, uma solução de emergência, que se repete de 66 a 78. Mas é de esperar que tenham sido as últimas no país dentro dos moldes em que se concretizaram e que na verdade representam mais problemas do que propriamente soluções. Com elas, a população não se reintegrou no processo político da forma com deveriam reintegrar-se. E esta reintegração é fundamental, não para o governo, que é uma parcela da nação, mas para toda a nação. Os eleitos indiretamente no dia de ontem não têm motivo de orgulhar-se. E só poderão legitimar os mandatos de que foram investidos se conseguirem ou se dispuserem a trabalhar para que no futuro os governadores e senadores que os sucederão assumam levando, previamente, a consagração das urnas populares, diretas e autenticamente democráticas.

Ode ao óbvio necessário

GENIVAL RABELO

Atravessamos o Potengi em demanda da Redinha. Éramos um pequeno grupo festivo que se propusera esquecer o mundo durante algumas boas horas bem vividas, vencendo as movediças dunas que brincam, naquelas paragens, de mudar o curso do riacho por nós apelidado de rio perdido, na ligação da Lagoa de Estremos com o mar. Estávamos todos imbuídos daquele conceito anatoliano segundo o qual "só se é feliz no mundo quando se esquece o mundo", completado talvez com mais força, no Brasil, pelo gênio poético de Raul de Leone: "Basta saberes que és feliz e já o serás muito menos".

Num dado momento, ainda na travessia do velho Potengi, Dorinha cochichou ao meu ouvido:

"Meu marido não perde a mania de fazer versos".

Luiz Rabelo escrevia algo no quadra do superior do banquinho de engraxate que tinha sobre os joelhos. Aproximei-me sem ser notado: o poeta estava entregue ao impulso criador. Apenas consegui ler o título em letras garrafais: "Balada do Amanhecer", Momentos depois, Luiz Rabelo me chamava, triunfante:

"Veja" — disse-me, passando o banquinho de engraxate. Li:

"O azul desazulou-se.
A minha alma emorumeceu.
Mas, tu, amada, chegaste.
A noite auroreou-se.
Tudo amanheceu."

Inspirado, como tudo o que ele escreve.

Recordei as duas trovas que, no meu fraco entender, constituem seu carro-chefe:

1) "Quando a palavra não pode
traduzir a dor da gente,
então a lágrima acode
e diz tudo quanto sente."

2) "O Cristo da Galiléia
esta verdade traduz:
— Não morre nunca uma idéia,
mesmo pregada na cruz."

Pensei com Xisto Bahia filho: "O poeta é. Eu sou."

Disse com os meus botões:

"Luiz é. E a poesia é necessária."

Apertei-lhe a mão, transmitindo-lhe minha convicção e entusiasmo.

"Grande poema "Balada do Amanhecer" — disse-lhe. — Simplesmente antológico.

Seus olhos brilharam de alegria. Sem falsa modéstia, opinou:

"Também acho."

Chegamos, em seguida, à Redinha e galgamos as dunas brancas, como cabritos monteses.

Isso faz alguns anos. Mas continua nítido na minha memória como se estivesse acontecendo agora. De la para cá, alguns poemas que Luiz me remete avivam no meu espírito a força de sua mensagem poética. Ora, lírica, ora de conteúdo político-social. Sempre profunda. Porque é vida. Esta, por exemplo, me chega como uma verdadeira ode ao óbvio necessário, que gostaria de gritar bem alto, aos quatro ventos, para que todos os brasileiros, digo, os homens desta inquieta aldeia global o escutassem, atentos: :

"Poema em regime de urgência
urgentíssima

Luiz Rabelo (RN)

É urgente / tudo o que é urgente.
Por exemplo: / é urgente / sermos [livres.
É urgente / fazermos que a vida seja [mais / vida.
É urgente / sabermos que as cidades / [não serão mais / bombardeadas.
É urgente / o direito / de pensar.
É urgente ser ave / um barco / no [mar.
É urgente / ser poeta / cantar.
É urgente / urgentíssimo / amar."

Em hora dita de transição política, em que tanto se fala em democracia, não será urgente pensar no óbvio e fazer que o Poder realmente emane do Povo? Não será urgente pensar em criar condições de igualdade de oportunidades para todos? Não será urgente respeitar o direito de pensar? E que dizer desta convicção necessária de que as cidades não mais sejam bombardeadas?

É urgente, urgentíssimo, amar o próximo. E o povo, também. Pensem nisso os candidatos. Pensem nisso os brasileiros. E não se esqueçam de que o caminho acaba de ser apontado em São Paulo na I Convenção Nacional da Convergência Socialista.

SOCIEDADE PARA O ESTUDO E PESQUISA DO HOMEM — INSTITUTO GURDJIEFF

Prof. ROGÉRIO PFALTZGRAFF

Já existe no Rio de Janeiro uma entidade que reúne todos aqueles que anseiam por uma busca interior, orientada num sentido eminentemente prático: trata-se da Sociedade para o Estado e Pesquisa do Homem.

Essa Sociedade, que não tem conotação política ou religiosa, é procurada por pessoas que, dentro do torvelinho da vida moderna e independentemente de sua realização pessoal ou de terem alcançado o que se considera sucesso na vida social ou familiar, sentem, entretanto, não serem aquilo que poderiam e deveriam ser e ter a vida sentido mais profundo que o comumente aceito.

O sistema de trabalho adotado na Sociedade destina-se a mostrar, através de experimentos práticos, sobre o que o homem é, sobre o que ele pensa ser e sobre aquilo que ele pode vir a ser.

Tal sistema d etrabalho interior foi introduzido no Ocidente por G. I. Gurdjieff, no princípio desse século. Organizou-o G. I. Gurdjieff após cerca de trinta anos de pesquisas efetuadas na Ásia e no Oriente Médio, conseguindo, em decorrência, formular, em termos acessíveis ao homem da civilização ocidental, os ensinamentos que adquirira.

A escola de G. I. Gurdjieff pertence ao assim chamado "Quarto Caminho", isto porque os ensinamentos tradicionais sempre foram transmitidos ao longo de três linhas assim definidas: o caminho do domínio do físico, o caminho do domínio do sentimento e o caminho do domínio do intelecto.

No "Quarto Caminho", o homem buscará alcançar, na sua vida diária, um equilíbrio harmonioso entre o seu corpo, o seu sentimento e o seu intelecto e assim chegar à uma unidade interior. E esse é realmente o caminho para se chegar a ser verdadeiramente um Homem (com h maiúsculo).

Essencialmente prático, prontamente dá esse caminho condições aos que nele ingressam de se darem conta dos impedimentos e das debilidades, as quais, com o devido tempo, deverão ser por eles superadas para se afirmarem como Homens. Daí a razão pela qual procuram a Sociedade pessoas possuidoras de um interesse real em se desenvolverem, de uma perseverança para vencerem os obstáculos próprios à sua natureza, e de posibilidades de realização que não são apanágio de todos.

Na busca interior, através do sistema de G. I. Gurdjieff, não se requer fé ou inclinação mística e sim uma comprovação científica da situação atual de falta de liberdade interior, em que se encontra o homem.

G. I. Gurdjieff assegura que o homem, tal como é, não está plenamente desenvolvido interiormente, mas tem em si mesmo possibilidades de alcançar e de realizar o pleno desenvolvimento interior e chegar assim verdadeiramente a SER e a cumprir o seu propósito cósmico.

Para chegar-se a um pleno desenvolvimento de si, são requeridos esforços contínuos de observação de si — realizados no dia-a-dia das atividades normais do homem, não requerendo isso que se comporte diferentemente dos demais componentes da sociedade — de forma a alcançar um pleno conhecimento de si, e trilhar desse modo o caminho do próprio aperfeiçoamento.

É o dia-a-dia do homem pontilhado de tensões, preocupações, receios, angústias, ansiedades negatividades, dispersividades, imaginações, sonhos e devaneios. É desse verdadeiro desencontro interior resulta a nossa dificuldade de relacionamento conosco mesmo e com os nossos semelhantes tornando a vida, em conseqüência, um pesadelo. Tudo isso pode ser examinado, estudado e experimentado dentro do sistema de trabalho da Sociedade, permitindo-se assim que uma pessoa encontre um equilíbrio de nível diverso, o qual lhe possibilita viver mais positivamente, mais plenamente, e com mais utilidade para si mesmo e para os outros.

Pode assim um homem cumprir o seu verdadeiro papel na Terra e no Universo, consistente em contribuir, conquanto em pequena escala, para a Harmonia Universal.

NOTA — A Sociedade para o Estudo e Pesquisa do Homem, entidade sem fins lucrativos, realiza reuniões semanais no Rio de Janeiro para os componentes dos seus diversos grupos de adultos e de jovens (idades de 18 a 22 anos), abrangendo exercícios psicológicos, estudos de comportamento, aulas de ginástica rítmica e grupos de pesquisas científicas.

Atualmente a Sociedade está realizando cursos individuais de treinamento para o controle psicotônico, organizando acampamentos para jovens e efetuando palestras e aulas de artesanato.

Os interessados poderão entrar em contato no Rio de Janeiro com a Sra. Eleonora (Tel: 255-1966).

VISÃO GLOBAL

CARLOS SILVA

Logo após a realização das eleições deste ano as principais lideranças do país serão autorizadas a estabelecer contatos com as bases políticas para a formação de quatro partidos, cujas tendências serão determinadas pela composição legislativa, não admitindo-se a recriação de unidades ideológicas radicais. O futuro governador do Estado do Rio de Janeiro, ungido e consagrado pela convenção bipartidária, já enviou seus principais assessores ao interior do Estado, em busca do apoio das bases municipais: o Sr. Chagas Freitas acabou mesmo penetrando, sem qualquer reação, em território amaralista. Mas alguns ex-pessedistas estão dispostos a mobilizar segmentos da Arena e do MDB para a criação de um partido idêntico ao que foi fundado pelo senador Amaral Peixoto, cuja viabilidade eleitoral dependerá, em suma, das posições que adotar, em relação ao governo Chagas Freitas.

● VEM AÍ UM NOVO PSD

A campanha eleitoral deste ano está servindo, também, de instrumento à formação de novos partidos políticos. Entendem as principais lideranças da Arena e do MDB que o sistema bipartidário está praticamente extinto e que a formalização de compromissos eleitorais se dará em função dos dois próximos pleitos, porque a coincidência eleitoral ocorrerá em 82, quando o sistema partidário estará inteiramente definido. Se no Rio de Janeiro as bases do populismo permanecem intactas, em função das pressões que o Sr. Chagas Freitas exerce sobre a classe política metropolitana, no interior o quadro está aberto.

Nesta faixa dominava o extinto PSD, que não procurou, no decorrer dos últimos anos, renovar as suas lideranças e não buscou uma identificação mais nítida com a nova situação sócio-econômica. Os meios rurais não têm, hoje, o mesmo comportamento de 1946, sendo impraticável a adoção de um meio de pressão fundado na existência dos famosos coronéis. As cidades médias e pequenas não podem mais ser consideradas como feudos, pois se cosmopolizaram através dos meios de comunicação.

A grande preocupação das lideranças políticas é conquistá-las. Ou melhor: formar uma linha divisória entre o chaguismo, que fatalmente passará a ser um grupamento em decadência, por assumir o Governo em condições desfavoráveis. Além disso, a possibilidade de adoção do voto distrital, no futuro, não deve ser desprezada, existindo até um amplo estudo a respeito deste sistema, entregue ao general João Batista de Figueiredo. A filosofia pessedista que pode renovar-se, encontra boa receptividade no interior e deve surgir como contrafacção ao chaguismo, que se identificará com a doutrina do também extinto PSP. Ocorre que, enquanto os chaguistas estão correndo, os pessedistas estão praticamente imobilizados. Mas a partir das eleições deste ano o neo-pessedismo entrará em cena.

● ACOSTAMENTOS: REGIÃO OCUPADA

O Departamento de Estradas de Rodagem precisa tomar conhecimento do que está ocorrendo no trecho Tribobó—Rio D'Ouro: na sua faixa de domínio estão surgindo barracas, residências comerciais e até fábricas. No Arsenal, por exemplo, uma fábrica de manilhas e artefatos de cimento está construindo galpões e expondo suas mercadorias em pleno acostamento, vedando, inclusive, a parada dos veículos, quando se sabe que o DER determina a liberação de uma faixa de 16 metros para o tráfego. Ocorre que caminhões param no acostamento e prejudicam, inclusive, a visibilidade dos motoristas.

O DER precisa acabar com essa farra, mesmo porque é de sua inteira competência defender o que lhe pertence. Aliás, é uma contradição gastar-se fortunas com propaganda contra acidentes permitindo que situações anormais sejam oficializadas ao longo das estradas estaduais.

● ESPECIAIS

José Garcia e Maria Regina Coeli Garcia partem para Manaus na próxima terça-feira: vão comemorar bodas de prata com um tour pelo Brasil visitando as suas principais capitais. Garcia, que é um pração, merece estas férias em companhia de sua esposa, que por certo vai dar um jeitinho de trazer de Manaus algumas vitórias-régias: ela é apaixonada por plantas e em sua casa, em São Domingos, pode-se ver lindas sambambaias choronas. O casal comemora bodas de prata no dia 8 e Maria Regina Coeli Garcia faz aniversário no dia 5. ★ O prefeito Jayme Campos continua às voltas com a terrível acusação de ter beneficiado um motel de alta rotatividade com o asfaltamento de uma rua sem nome e sem residências. ★ O vereador Ricardo Oberlander está anunciando para amanhã a realização de uma passeata ecológica, que sai da Praça do Lido em direção à Maricá. Pára em Itaipu e depois segue para as lagoas da Região dos Lagos e vai até Macaé. Um grupo de Campos chega para o encontro ecológico.

● ANGELINA EXPÕE EM SANTA TERESA

Com a colaboração da XXIII Região Administrativa, encontram-se em exposição, até o dia 11 de setembro, na Galeria de Arte Santa Teresa, à Rua Mauá n.º 136, os quadros e aquarelas da Angelina Corredo Graeff, membro da Sociedade Aquarelista do Brasil, premiada em diversos Salões e Cursos de Aperfeiçoamento de Pintura em Paris.

O crítico Alvear destacou o caráter ecológico da sua pintura, muito apropriado ao referido bairro de Santa Teresa, verdadeiro parnaso, onde as suas folhas-barcos, folhas-cisnes deslizam por paisagens poéticas plenas de sensibilidade e imaginação e onde longe da poluição respira-se a beleza, a vida, segundo as suas expressões.

Tem sido grande a afluência do público e de pessoas do mundo artístico.

Hoje será um sábado muito importante para o jovem Paulo César Teixeira Lamas e para Vera Lúcia Duarte de Moraes. É que ficam noivos e prometem um casamento bem rápido. Ele é funcionário graduado da CEDAE e é universitário de engenharia nuclear. Ela terminando seu curso de Direito. Um belo casal com um futuro brilhante.

TRIBUNA DA IMPRENSA

Diretor Redator-Chefe
Helio Fernandes
Redação — Editor Responsável
Hélio Fernandes Filho
Chefe de Redação
Paulo Branco
Diretora Administrativa
Nice Garcia Brant
Redação, Administração e Oficinas
Rua do Lavradio, 98 — Telefone: 252-6040
Telex n.º (021) 22752 — ETIM-BR

VENDA AVULSA

RJ .... Cr$ 5,00
ES, DF, MG, SP e GO .... Cr$ 8,00
PR .... Cr$ 9,00

ASSINATURA

Postal
Semestral:
RJ .... Cr$ 750,00
Demais Estados .... Cr$ 900,00
Departamento de Circulação
Exemplares atrasados — Cr$ 7,00

Sucursal de Brasília:
SHIN-QL 2/8 casa 5 - Lago — Telefone: 77-1143
(Endereço provisório) —Brasília - DF
Belo Horizonte, Av. Afonso Pena, 774 - Sala 610

MDB do Paraná não ameaça Euler no Colégio Eleitoral

— Os membros do MDB do Paraná se recusaram a admitir que a derrota do partido na escolha da chapa de delegados que representará o Estado no colegiado de outubro possa representar um sinal de fragilidade da candidatura Euler Bentes, mesmo diante da constatação de que bastariam duas adesões arenistas para obtenção de um resultado inverso. "Só, quem não conhece o Paraná pode concluir, enganosamente, que aquilo que ocorreu aqui vale para o resto do país", afirmou o deputado Nilso Sguarezzi, que dias antes da votação da chapa, na quinta-feira, entregou-se à tarefa de conversar com alguns deputados da Arena em busca de adesão.

Para Sguarezzi, que diz haver desenvolvido um trabalho de persuasão de alguns arenistas por livre iniciativa, "nada que tivesse sido recomendado pela cúpula partidária ou pelo próprio Euler", "a derrota do MDB é perfeitamente compreensível num Estado onde os deputados da Arena, praticamente todos candidatos à reeleição, dependem do comando político para tentar vencer as eleições de novembro". Explicou que "o voto em branco ou a simples abstenção na escolha da chapa para o colegiado significaria e perda de todos os privilégios concedidos pela máquina administrativa e pelo comando político, de forma que ficaria praticamente impossível a quem discordasse vencer as eleições".

Registro de jornalista

O presidente Geisel enviou projeto de lei, ao Congresso Nacional, revogando os dispositivos legais que tornavam obrigatório o estágio (de um ano) do jornalista depois de formado e definindo, de forma restritiva, a função do colaborador de empresas jornalísticas.

"Com essas modificações — assinala o ministro Arnaldo Prieto na exposição de motivos que acompanha a proposição — estarão atendidas duas das reivindicações formuladas pelos jornalistas profissionais, através das entidades sindicais representativas da categoria, objetivando melhorar as condições do mercado de trabalho."

O estágio depois da formatura, segundo o ministro do Trabalho, só vem sendo exigido dos jornalistas. Estes, revogada a obrigatoriedade, só terão de fazer o estágio curricular, como os concluintes de outros cursos superiores.

Colaborador, por sua vez, nos termos do projeto, é "aquele que, mediante remuneração e sem relação de emprego, produz trabalho de natureza técnica, científica ou cultural, relacionada com sua especialização, para ser divulgada com o nome do autor".

10 ANOS DE CENSURA (63)

Nem sobre Bolsa me deixavam escrever

De HELIO FERNANDES

Transcrevendo artigos vetados há 4, 5 ou 6 anos atrás, meu objetivo é dar ao leitor um quadro geral das proibições da censura. Mas mesmo transcrevendo muita coisa reconheço que para o leitor, qualquer que seja ele, será difícil acompanhar a violência e a discriminação da censura. Pois essa violência e essa discriminação acompanhavam tudo. Da Bolsa de Valores à política, do comentário mais violento à análise mais simples, da denúncia mais estarrecedora sobre multinacionais, à revelação mais espantosa sobre corrupção do governo.

E como os homens do governo gostavam muito de falar em LIBERDADE COM RESPONSABILIDADE, nunca tiveram a preocupação de nos devolver a Liberdade primeiro para depois nos cobrar a responsabilidade. E também jamais se incomodaram de livrar a própria responsabilidade para então poder esmagar a Liberdade de alguém. Para esses homens do governo, LIBERDADE COM RESPONSABILIDADE era uma avenida de mão única, na qual só eles podiam transitar. E com toda a tranqüilidade.

Quando se tratava de "atentado à Liberdade de Expressão" (segundo o entendimento deles mesmos) nos colocavam na cadeia, sem a menor preocupação. Quando o problema era de provar que eles eram responsáveis e que não tinham nada com a corrupção denunciada por nós, então silenciavam pura e simplesmente, não davam uma palavra, se retiravam de cena sem se defenderem, e às vezes nos retiravam também. Só que eles iam para casa; nós íamos para a cadeia. Isso durou 10 longos anos.

Leiam o artigo abaixo, e vejam se conseguem descobrir porque foi vetado pela censura. Se descobrirem o motivo do veto, escrevam para nós que receberão como prêmio, as obras completas do general João Figueiredo, uma coletânea de todos os seus discursos. (Eu disse discursos? Então disse-o muito mal).

— :::: —

Façamos uma parada nestes artigos sobre Portugal, para voltar à Bolsa de Valores. Chego de Portugal e encontro a Bolsa transformada novamente em assunto do dia, discutida nas esquinas, novamente como manchete de jornal. Mas os erros de 1970/1971 estão sendo repetidos de forma monótona e rotineira, da maneira de sempre. O passado parece que não deixou nenhuma lição válida, e portanto é preciso reavivar a memória de muitos, pelo menos para que os erros se repitam em escala mínima, ou até nem se repitam.

De uma forma genérica e ampla, pode-se dizer que só os muito ingênuos pensam que as Bolsas de Valores sobem ou descem dependendo da situação das empresas. No regime capitalista (e fora do regime capitalista não existem Bolsas) as Bolsas são controladas pelos donos do mercado, que são os grandes corretores, os Fundos Mútuos de Investimento e alguns poucos cidadãos colocados em situação estratégica. E isso não apenas no Brasil, mas em TODOS (sem exceção) os países. Excetuados, como já disse, os países socialistas e a Suíça, onde surpreendentemente não existe Bolsa pois os suíços jogam na Bolsa dos outros...

Se as Bolsas descessem ou subissem de acordo com a situação das empresas, nos Estados Unidos elas estariam em alta permanente, pois apesar do que dizem alguns derrotistas a situação dos Estados Unidos ainda é formidavelmente favorável, e sua economia ostenta prosperidade nunca vista antes. Logo, se a Bolsa dependesse da situação das empresas...

Em matéria de Bolsa pode acontecer tudo. Situação de alta com País em posição econômica difícil. Baixa com o País economicamente ruim. Alta em País em desenvolvimento. Baixa também com desenvolvimento acentuado. E por aí em diante. Já aconteceu de tudo, e para os que conhecem verdadeiramente as Bolsas, nada é surpreendente.

Daí eu não compreender a fragilíssima posição do sr. Delfim Netto e a sua acentuada insensatez, ao vir a público periodicamente, quando era ministro da Fazenda, tentar injetar otimismo na Bolsa de Valores, com base em dados que ele sabia que escapavam ao seu controle. E também periodicamente, as afirmações do ministro eram desmentidas sumariamente pelos fatos, que irreverentes e descompromissados, não esperavam muito tempo para desmentir um personagem da importância de S. Exa. E dessa forma, o sr. Delfim Netto deixou o poder com a Bolsa em baixa, para desespero dele mesmo.

Durante os anos que foram de 1972 a 1974, o ministro Delfim Netto continuou a fazer tremendas afirmações otimistas sobre a Bolsa de Valores, empilhando dados que S. Exa. sabia perfeitamente que estavam muito distanciados da realidade. Foi falando, falando, falando, "provando" que até o final de 1973, na Bolsa de Valores do Brasil, todo mundo ganhou, alguns mais de 60 vezes o que empregaram, outros 40 vezes, outros 20 vezes. Deixo de comentar essas afirmações do ex-ministro da Fazenda, pois elas encerram um propósito visível "a 50 milhas do Delta do Nilo", mas não têm nenhuma base e não passam de sonho de uma noite de verão, ou representam uma distorção consciente do cotidiano... Distorção que muita gente vem pregando há quase 4 anos e o ex-ministro pelo menos há 6 meses, sem o menor resultado.

Mas a última parte das arrojadas afirmações do ex-ministro da Fazenda, quando ele estava para deixar o governo, não podem passar sem um comentário. Disse S. Exa. que mesmo os que entraram no mercado de ações no auge da euforia de junho de 1972, mesmo esses ainda terão lucros, dependendo de esperar com paciência. Ora, isso é inacreditável.

Milhares e milhares de pessoas, atraídas pelas declarações otimistas do próprio ministro, entraram no mercado precisamente num momento em que ele já trazia em si mesmo todas as condições diretas e indiretas da derrocada. O apelo à poupança popular era tão grande e irresistível, que muita gente entrou quando os espertos já estavam saindo. Agora mais de 2 anos decorridos dessas afirmações do ministro, os investidores continuam esperando. Até quando terão que esperar?

Surgiu então a oportunidade única e rara do petróleo de Campos. Pois só quem ganhou até agora foram os mesmos espertalhões de sempre.

Esses milhares de sujeitos de boa fé ou desejosos de participar dos lucros de um desenvolvimento que era avalizado e apregoado pelo próprio ministro da Fazenda, compraram ações a preços que hoje chegam a dar vertigens. Compraram Acesita a mais de 7 cruzeiros e hoje ela está a 1,38. Banco do Brasil a mais de 50 e hoje está a 6,30. Vale do Rio Doce a mais de 50 e hoje está a 3,30. Belgo a 15 e hoje está a 2,85. Em junho de 1972 não havia uma só ação abaixo do par. Hoje, só na Bolsa da Guanabara, 33 ações estão abaixo do seu valor nominal de 1 cruzeiro, e o que é mais grave, quase todas elas sem nenhuma liquidez.

O ex-ministro da Fazenda é culpado duas vezes. 1 — Pelos erros dos seus auxiliares mais destacados, auxiliares que erraram tanto que só por milagre puderam ser mantidos nos cargos. 2 — Culpado pelos seus próprios erros e equívocos, não só avalizando e acobertando os desacertos dos auxiliares, mas também errando por conta própria. Como nessa oportunidade, quando vem a público fazer afirmações as mais primárias e sem sentido.

Vou dar alguns dados, rigorosamente verdadeiros, totalmente isentos, para que S. Exa. medite antes de fazer novas declarações inteiramente estapafúrdias.

1 — Em 1971, 44 ações estavam com preço acima de 5 cruzeiros. 23 ações estavam acima de 10 cruzeiros. 9 acima de 20 cruzeiros. E 2 acima de 50 cruzeiros. (Vale e Banco do Brasil).

2 — Em 31 de dezembro do ano passado, quando o sr. Delfim Netto se preparava para deixar o cargo, a situação era a seguinte: 33 estavam abaixo do seu próprio valor nominal de 1 cruzeiro o que é terrivelmente desencorajador. Nenhuma ação está acima de 10 cruzeiros. Apenas 1 está acima de 5 cruzeiros, que é Banco do Brasil. E o resto já está ou caminha para a vala comum mais desesperadora e niveladora.

3 — Para que S. Exa. o ex-ministro da Fazenda não tenha muito trabalho, vou fazer uma comparação rápida das principais ações em 7 de junho de 1971, em 7 de junho de 1972, e agora. S. Exa. verá então que a desproporção é aterrorizadora, estarrecedora, dramática e desesperadora.

Banco do Brasil, 51,50 em junho de 1971, 24,40 em junho de 1972. Belgo Mineira, 18,00 em junho de 1971, 6,70 em 1972.

CBUM Pref., 19,98 em 1971, 2,35 em 1972.

CBUM Ord., 22,36 em 1971, 2,35 em 1972.

Ferro Brasileiro, 10 cruzeiros em 1971, 2,50 em 1972.

Hime Pref., em 1971 a 15,50, em 1972 a 4,60.

Hime Ord., em 1971 a 12,00, em 1972 a 3,80.

Mannesmann Ord., 18,25 em 1971, em 1972 a 6,40

Mannesmann Pref., em 1971 a 14,20, a 4,25 em 1972.

Petrobrás, Preferencial, em 1971 a 18,00, em 1972 a 12,00.

Vale do Rio Doce, em 1971 a 51,00, em 1972 a 11,90.

White Martins, em 1971 a 13,30, em 1972 a 6,45.

Vejamos essas mesmas ações cujas cotações demos em 1971 e 1972, como estavam cotadas em 31 de dezembro de 1973, quando o sr. Delfim Netto estava com um pé no estribo de descida do poder.

Banco do Brasil	— 8,55
Belgo Mineira	— 2,90
CBUM Pref. (já não tinha mais cotação, sumiu do mercado).	—
CBUM Ord. (Idem, idem)...	—
Ferro Brasileiro	— 1,33
Hime Pref.	— 0,82
Hime Ord.	— 0,81
Mannesmann Ord.	— 2,06
Mannesmann Pref.	— 1,98
Petrobrás Pref.	— 3,21
Petrobrás Ord.	— 1,62
Vale do Rio Doce	— 3,75
White Martins	— 2,20
Zivi	— 1,50

Constataremos portanto, estarrecidos, que de junho de 1971 a dezembro de 1973 (2 anos e meio) Banco do Brasil veio de 51 cruzeiros para 8,55. Belgo veio de 18 cruzeiros para menos de 3. Ferro Brasileiro veio de 10 cruzeiros para 1,33. Vale do Rio Doce de 51 cruzeiros (chegou a emparelhar em 7 de junho com Banco do Brasil) para 3,75. Zivi veio de 13 cruzeiros (foi uma das mais "puxadas" e especuladas) para 1,50, e agora sumiu do mapa. E por aí vai a queda alucinante do mercado. E nem adianta dizer que muitas deram bonificações, pois essas bonificações foram "comidas" pela desvalorização provocada pela inflação. Uma coisa compensa (compensa?) a outra. Note-se que NENHUMA (mas nenhuma mesmo) ação deixou de cair nos 12 meses decorridos de junho de 1971 a junho de 1972. E a maioria caiu assustadoramente. Mas as autoridades da época continuaram com seus comunicados otimistas, sem perceber que a cada comunicado as ações baixavam mais um pouco. Não seria o caso então de parar de falar pelo menos durante uns tempos?

Acho que já chega. Há aí um vasto material para o sr. Mário Henrique Simonsen e outras autoridades do governo, meditarem seriamente. Não adianta visitar a Bolsa. Se como dizem, precisam de um mercado forte e sólido, nada melhor do que examinar este material que estou servindo e que me deu um trabalho enorme para pesquisar.

Assim como está, Petrobrás sozinha (com a ajuda de Banco do Brasil e Belgo-Mineira) não dá para sustentar o mercado. O movimento que no auge da corrida do petróleo de Campos, foi para 150 bilhões diários, já ontem veio para 39 bilhões, o que é mais do que sintomático. Anteontem derrubaram a Bolsa com um boato sobre a guerra no Extremo Oriente. Ontem conseguiram levantá-la em parte, dizendo que vão anunciar mais petróleo no fim de semana.

Enquanto isso, a maior queda da quinta-feira, foi Barbará, que "coincidentemente" (Ha! Ha! Ha!) foi a maior alta de ontem, sexta-feira. Será preciso mais, para alertar que a Bolsa está sendo manipulada pelos mesmos espertalhões que a manipularam antes e depois de 1971?

Assim como vão as coisas, será preciso descobrir um campo de petróleo com 1 milhão de barris, pelo menos uma vez por semana. E nem assim estabilizarão a Bolsa.

— :::: —

Esse artigo acima foi escrito em Dezembro de 1974, em pleno reinado do general Geisel, já na Era I das Golberiadas. Foi uma época terrível. Nem o governo obscuro e obscurantista do general Médici foi tão duro para a TRIBUNA quanto o governo Geisel. Nos deram uma dezena de explicações, disseram que era por isso ou por aquilo, porque tínhamos criticado muito duramente a rendição do general Geisel diante das empresas estrangeiras de petróleo, a tentativa de derrocada da Petrobrás.

Mas por isto ou por aquilo, qualquer que tenha sido a explicação, o motivo ou o objetivo, a verdade é que nestes 10 anos de censura, nada se comparou aos 4 anos do general Geisel. Não sei se foi pelo próprio general Geisel; não sei se foi por influência de Golbery Primeiro e Único, mas a verdade é que nesses 4 anos, "comemos o pão que o diabo amassou". E o diabo nunca pensou que estivesse amassando pão para gente tão cruel, tão dura e tão feroz quanto essa que nos estrangulou nos últimos 4 anos.

H. F.

Ponto de encontro

Carlos Chermont

Évènement garantiu o sucesso do Blu Blu Show

O lançamento da coleção de verão Blu Blu 1979, em benefício do MAM, foi intitulado: Blu Blu Show. A coordenação geral ficou a cargo da Évènement de Christiana Malta e Cynthia Ramelt. Os cabelos levavam a griffe Jambert.

O destaque fica com as coreografias, onde o coreógrafo e bailarino José Reinaldo deu o seu toque de classe. A coleção, foi dividida em vários quadros, sendo que, o mais bonito foi o chamado Copacabana. Outro que também foi um barato, era o intitulado: Training.

Na passarela dando altas evoluções se encontravam: Lili Moreira de Souza, Adriana Brasil Guimarães, Viviane Vasconcellos, Cláudia Singéry, Suzana Viana, Cecília Mendes de Almeida entre outras.

Dos rapazes que desfilaram, revelando-se excelente manequim, Celso Cardim demonstrou enorme presença de palco. Inacreditável, porém verdade. Billinho Blanco como sempre deu um show de dança. Já o Marco Aurélio Badaró estava com as juntas enferrujadas, dando um ar estremamente machista ao desfile.

Marília Valls ficou tão emocionada com o sucesso da festa que já está cuidando dos preparativos de outro desfile também beneficente, em noite de black-tie no Hippopotamus. Todos estaremos aguardando ansiosamente.

A panteríssima Priscila Barbará e a gatíssima Frederika Gonçalves.

Muito vatapá e acarajé em noite de gala

Trânsito congestionado na Borges de Medeiros e os transeuntes ficaram sem entender nada. Dezenas de baianas desciam de Landaus, Porshes e Mercedes, carregadas de balangandãs de ouro maciço. Outros tantos rapazes usando seus smokings cheirando a naftalina davam um toque surrealista a entrada da festa que Paulinho Vianna ofereceu em seu belíssimo apartamento de cobertura.

Bia e Tereza Cristina Andrade Ramos na noite da Praça Castro Alves do Paulinho Vianna.

O young set compareceu au grand complet, fazendo-se notar, pelos ares importantes e olhares morféticos lançados. Era uma noite na Praça Castro Alves onde se o ilustre escritor, estivesse vivo, diria apenas uma coisa: "Que espanto!"

Muitos dos presentes chegaram à infeliz conclusão que vatapá e acarajé não combinam nem um pouquinho, com o scoth que rolou abundantemente. Fitas do Senhor do Bonfim foram distribuídas por uma baiana cinqüentenária que não via a hora de terminar o rebu para dar no pé.

Agitando de montão se encontravam: Rutinha Magalhães, Luís Eduardo Xavier de Souza, Christiana Malta, Rick Berger, Márcia Santiago, Rafael Fragoso Pires, Viviane e Beto Grabowsky, Suzana Viana, Fernando Sterea, Bebel Avelar, César Atherino, Marisa Matos, Luís Fontes Willians, Viviane Vasconcellos, Henrique Araújo e muitos outros.

A festa foi muito animada, indo noite a dentro. O único problema, é que lá pelas três da matina, por ordem técnica tudo foi paralisado. O amplificador depois de tantos acarajés e vatapás teve uma indigestão e explodiu. Coisa horrorosa, não?

Enquanto isso no Privé...

A jeunesse invadiu a casa lotando todas as mesas em uma animação infernal. Os DJ'S Lio e Reizinho mandaram brasa e fizeram uma cintilação geral na pista. Luciana Ferraiolo no seu lugar habitual papeava animadamente com o Eduardo Sued e o Marcelinho Mendonça Costa. Sérgio Luís Pedroso Martins estava em eletrizantes atuações com a panteríssima Ana Valéria Lopes de Oliveira.

Maurício Nóbrega comandava grande grupo, vindo do rebu da Luciana Pinheiro. Elmo Louro e Mônica Angeleas formando um casalzinho romântico na noite em questão. A panteríssima Cristina Rezende tomava sua Moskowskaya, escoltada pelo seu atual affair.

Dos modeletes presentes, o destaque, fica com a Monique e seu marido, o jovem Pedrinho Aguinaga, e também, a beleza exótica da gatíssima Lídia Soares. O resto era pura figuração.

Tereza Cristina Xavier e Bengt Janér em noite elegante no Privé.

No Provence...

Todos os domingos, o Restaurante Provence da Praça General Osório é o novo ponto de encontro do young set carioca. Atacando de comida provençale, se encontravam: Henrique Araújo, Viviane Vasconcellos, Marcelo Itagiba, Sheila Fraccaroli, Rogério Ehrlich, Christiana Malta, Rick Berger, Suzana Viana, Fernando Sterea e Rafael Fragoso Pires.

Ana Luíza Ornellas recebe para only for women

A bonita casa do Horto sorria, ao ver entrar por suas mandíbulas, as mais belas panteras da cidade, para um lanche que Ana Luíza Ornellas ofereceu no dia do seu níver. Como sempre, os atrasos foram vários, inclusive Suzana Viana aderindo ao grupinho que vive perdendo o bonde, se atrasou junto com a Christiana Malta, que foi a última a chegar. Por sinal, quando ambas chegaram, não tinha mais ninguém.

Mil comidinhas eram servidas, sendo que as bolinhas de queijo foram as vedetes. Os caramelados estavam muito bons. Quem melhor soube dos caramelados docinhos, foi a Adriana Brasil Guimarães. Ela comeu uns 20 no mínimo. Bebel Avelar preferiu bebericar um cocktail de champã e, hic... hic..., amou. Paula Rodrigues dos Santos levou os recortes do seu almoço, que pode dizer, ter sido o mais badalado nas sociais cariocas. Muitas invejosas perguntavam, quanto tinha custado tal promoção. Ela mais do que rápido respondeu: "É tudo uma questão de Status". Outra menos inteligente, cochichava que também tinha saído na Status.

Não tão divertida e como sempre, deslocada do meio, a chata mal educada fazia ares de gente bem. Ela que se cuide. Tetê Bitencourt e seu charme não fizeram sucesso. Moniquinha Cordeiro falava muito do seu noivado. Se a Grázia de Sá Cavalcante soubesse dos ti-ti-tis que andam correndo por aí, não estaria tão saltitante. Cala-te boca.

Fofocando se encontravam: Solange Silva Ramos, Gisela Sá, Bebel Bitencourt, Adriana Fernandes e mais umas vinte que ficam na geladeira.

Lançamento da semana

Fica com o filme Laranja Mecânica de Stanley Kubrik. Este filme mostra a violência num mundo futuro e no poder do Estado sobre o indivíduo. Estrelando temos Malcom McDowell que tem um desempenho incrível e muito impressionante. Além de tudo, a fotografia e a cópia estão excelentes. Vocês não devem perder este filme de jeito algum.

Flashes corridos

Jorge Carneiro e sua sister Beth receberam para jantar em torno de Luís Fontes Williams. ★ O que todos estranharam foi a falta da Patrícia Veiga. ★ Correm boatos, da volta da Antônia Mayrink Veiga com o Jorge Carneiro. ★ Antônio Alberto Gouveia Vieira recebeu anteontem, em sua panorâmica mansão do Humaitá, para um jantar em petit comité. ★ Bengt Janér seguiu para Boston onde reside, deixando solitária a pantera Tereza Cristina Xavier. ★ Juca Brant Ribeiro e Lucinha Amorim formam o casal romântico da semana. ★ Priscila Barbará é a gatíssima da semana. ★ Quem será o misterioso amor de Frederika Gonçalves? ★ Ana Cecília Magalhães Lins anda sumida dos acontecimentos da cidade. ★ Ronaldo Fialho estará se apresentando logo mais no São Vicente de Paula. ★

Tetê Fraga e Ana Cecília Magalhães Lins há algum tempo atrás.

Cosme Velho, em um show chamado Canto, às 21 horas. ★ Toni Nardini fez o maior sucesso no Dancin' Days desta semana. ★ Sérgio e Joya Guimarães comandavam grande grupo no Privé. ★ Sensacional, aquela loura maravilhosa, que Joaquim Coelho escoltava na noite elegante da cidade. ★ Ivan Freire Monteiro trocou a sofisticação do Privé pelos sfihas e quibes da vida. ★ Marcelo Rebouças tocou o maior rebu com sua festa na semana passada. ★ Paola Ribeiro de Oliveira curtindo os ares da serra petropolitana, escoltada pelo Zeca Castelo Branco Pires de Sá. ★ Toninho Abdalla e Maria Eugênia Lattes casaram-se anteontem em São Paulo. ★ A Toujours confecções inaugurou sua loja, Casa Bella, com desfile organizado por Gigi Dourado e Celina Pessoa da Point Show. ★ Quem fez o maior sucesso na festa de Marina Gellert na Barra foi a sua sister Ingrid. ★ Walter Guimarães e Bia Rebelo voltam a circular juntos. ★ Por onde andará Mucky Skrowonski? ★ Roberto Ornellas estará estreando idade nova esta semana. ★ Ana Thereza Ernanny Cabral é a gatíssima mais badalada da nova geração. ★ Fernando Bertrand e Marcelo Bailey agitaram horrores com a festa que ofereceram last week ★ Marco Paulo de Alvarenga Costa e a panterinha Mônica Brito Pereira continuam firme e forte.

COLUNÃO

REYNALDO LOY

Ela se chama Tatiana Ponomonskoy, é a principal atriz do último filme de Michael Cacoyannis: IFIGÊNEA. (foto United Artists)

COISITAS

★ Uma senhora me telefonou: "Adoro o Colunão sou amarrada nas coisitas. Elas deviam aparecer todos os dias".

Como diz o meu amigo Halfin: "Caviar todos os dias cansa".

★ Papagaio. Tempo de concurso de dança. Heralda Cordeiro reuniu um grupo de amigos ricos em seu apartamento, saíram todos de lá para assistirem a juventude sadia, louca, aflita e fantasiada mostrando passos divertidos e atacados na pista da dischotèque. Os que foram: Suzete e Sérgio Dourado, Carlos e Maria Raquel de Carvalho, Marly e Luís Felipe Índio da Costa, Maria Laura e Albino Avelar, Solange e Mário Ribenboim, Lélia e Noelito Vieira Machado, Jayme e Léa Baumblatt e outros.

O Papagaio repleto. Miriam Skowronski também apareceu por lá, mas estava em outro grupo — vestida toda de negro e com um colar de bolas e sempre dizendo para os que chegavam: "Estou estudando um script para filmar, ainda não sei se posso aceitar". Será que ela não se cansa de mentir? Já está bastante idosa para fazer tal tipo de coisa. Uma coisa é certa, os realmente chiques e finos já não estão convidando tão antiga senhora.

★ O novo Desembargador Paulo Pinto tomará posse no Tribunal de Justiça no próximo dia 13, às 16 horas, em solenidade simples.

★ Meu amigo Michael Murphy foi fazer uma viagem rápida ao Panamá. Ele aproveita e trata de um mundo de coisas de sua United Artists.

★ Falei em United, lembrei do Paulo Varelli, ele já está em fase de muito trabalho, não aceitando mais compromissos noturnos, começou a bolar suas fantasias para o próximo carnaval. Uma delas vai se chamar: As Cataratas Pedem Paz! Inspirada na falta de água que aconteceu nas Quedas do Iguaçu.

★ Editora Record enviando o livro Beleza Também se Compra de Lois Wyse. Uma movimentada estoria passada em uma fábrica de cosméticos. Quanto ao título, a Becki Klabin diz que é uma grande mentira tal afirmativa. Ela falou, tá falado.

★ Eliana Pittman anda em agitada movimentação, começou a ensair o show que vai fazer no novo Teatro do Hotel Hilton em São Paulo. A estréia é no dia 4 de Outubro, ela vai usar cinco roupas bonitas, duas são do Azarro: sensacionais. Ofélia agitando e telefonando para as coisas saírem certas. Votos de sucesso.

★ Falei na Eliana, lembrei da RCA, a turma da gravadora continua fazendo das suas. Breve contarei um mundo de histórias. Será que o poderoso argentino Pino não está vendo o que anda acontecendo? Ou será que ele também gosta de dançar o mesmo ritmo?

★ Preparem vossas roupinhas, vai começar o festival Troncoso y Troncoso. Léa e João vão festejar aniversário de casamento, três recepções vão acontecer: a primeira no apartamento da Ione de Almeida, a esgunda na casa da Lucy e José Sá Peixoto, a terceira quem oferece é a Sônia Santos Reis. Um festival. O casal merece.

★ Muitas reclamações contra a loja Krisina de Ipanema, uma senhora que atende o telefone de uma maneira "gentil". Tal local precisa mudar o tratamento com as pessoas — qualquer descuido pode ser fatal.

★ Um quarteto jantando no Hippo: Tânia Caldas e Jorginho Guinle, Iolanda e Sérgio Figueiredo. Duas mulheres deslumbrantes.

★ Ivon Curi seguindo hoje para o Panamá, amanhã ele abre o Festival de Comidas Brasileiras, está levando o cozinheiro Mário do Sambão e Sinhá. Mário também é o mestre-cuca da Seleção Brasileira de Futebol. Ivon mandou fazer um chapéu imenso de chefe, com bordados e tudo.

★ Estelinha Meirelles é considerada uma boa amiga, sempre disposta a ajudar todos os que necessitam — ela trabalha na ABBR. Terezinha Pitigliani precisou de um tratamento para uma sua empregada e foi atendida imediatamente. Em agradecimento, Terezinha ofereceu um almoço no Fox para a Estelinha. Valentino, Saint Laurent, Dior e um outro costureiro desconhecido. Yara Andrade, Marlene Rodrigues dos Santos e Vania Badin compareceram com as etiquetas. O tempo chuvoso ajudou no tailleur.

★ Dimpus convidando para o desfile de modas que vai acontecer no Papagaio, dia 5 de Setembro às 21 horas. Waltinho Guimarães coordenando as coisas. Merci.

★ Recebi um gentil cartão da Alice des Jenlis, ela anda pela Europa, volta no dia 15 de Setembro.

★ Dia 19 é a data do aniversrio da Marta Rocha, um mundo de festas vão acontecer. Marta é muito querida.

★ Giovani Marcon proprietário do Espace 47, um dos bons restaurante da cidade, vai fazer uma viagem rápida a Europa, ver um mundo de novas bossas para a sua casa de Ipanema.

★ Uma presença bonita no Papagaio: Denise Taigher. Ilva de Oliveira era a mulher mais chique da dischotèque.

★ Leda Castro Neves vai fazer aniversário no próximo dia 25, muito bem. Comemorações mil vão acontecer. Ótimo.

★ Outra presença bonita no Papagaio, só que ela estava no júri: Kiki Garavaglia. Uma graça de criança. É claro que o seu Renato estava vigilante e atento. Um casal muito amado.

★ Gigi Dourado foi passar o seu fim de semana em São Paulo, aproveita e namora o seu charmoso Ica. Eles formam um casal jóia.

★ Antônio Guerreiro o grande fotógrafo brasileiro está namorando a diretora de cinema Ana Carolina. Vai tudo bem, eles estão vivendo num mar de rosas.

★ Hippopotamus. Chico Guise chegou em um porre federal, cismou em usar o banheiro de senhoras — a empregada reclamou, ele não se afobou, pois é, lavou as mãos na pia.

★ Madaleine Archer foi passar uns dias em São Paulo, é claro que foi cuidar de coisas da Air France detalhes da festa de entrega do Prêmio Molière.

★ Vou falar no Hippopotamus paulista: Tônia Carrero dançava apaixonadamente com o Mário Garnero. Ele é um cavalheiro que tem verdadeiro pavor a qualquer tipo de besouro.

★ É só. Bom fim de semana.

Rebeldes recuam, mas luta contra Somoza prossegue

MANAGUA — Os rebeldes que combatiam o Exército do presidente Somoza, em Matagalpa, abandonaram a luta ontem de manhã e recuaram para as montanhas, anunciou-se oficialmente em Manágua. Cerca de 300 civis, em sua maioria jovens, se retiraram da cidade, quando acabou a munição, depois de uma noite de violentos combates contra uma força de 200 guardas nacionais apoiados por tanques pequenos. Os rebeldes, entre os quais figuram membros da Frente Sandinista, resistiram corajosamente desde a manhã de quinta-feira aos ataques das forças governamentais, que dispunham de armamento infinitamente superior.

Armados com rifles de pequeno calibre e revólveres, conseguiram imobilizar um dos tanques e tentaram, embora sem resultado, incendiar outros três, que dispararam pelo menos doze granadas de calibre 25. Mas às 6 horas de ontem (9 horas de Brasília), desvanecidas suas esperanças, começaram a recuar para as montanhas do norte desta cidade, de 60 mil habitantes, situada a 120 km da capital. O auge desta feroz batalha, iniciada domingo passado, foi anteontem, às 19h (hora local), quando o Exército tentou aniquilar sua resistência, disparando todas as suas armas simultaneamente.

Os jovens, entrincheirados atrás das barricadas, não cederam uma polegada e a Guarda Nacional teve que ficar na expectativa até à madrugada de ontem.

Às 6 horas (local), uma hora depois que os militares lançaram uma nova ofensiva, os rebeldes, esgotadas praticamente sua munição, recuaram em ordem, deixando apenas uns pequenos focos de resistência que impediram o avanço das tropas do governo. Ignora-se se os rebeldes continuarão a luta nas montanhas ou se desistirão definitivamente, mas, como conservam todas as suas armas, considera-se que prosseguirão o combate em outros pontos. Segundo estimativas não oficiais, em Matagalpa, cerca de 50 pessoas teriam morrido e outras 200 ficaram feridas, mas oficialmente só se confirmaram 12 mortos e 25 feridos.

Calcula-se em cerca de cinqüenta mortos e mais de 200 feridos, o número de vítimas dos combates em Matagalpa, no norte do país, depois da ofensiva da Guarda Nacional para recuperar a cidade.

Por outro lado, em Manágua eclodiram em diferentes lugares poderosas bombas, cinco ônibus foram queimados e ouviram-se tiros esporádicos, sem que se tenha conhecimento de baixas por parte de civis ou militares. Na povoação de Matáguas, situada a 70 quilômetros de Matalgapa, a população sublevou-se e cinco militares ficaram gravemente feridos. Reforços foram enviados à guarnição local, que, segundo os últimos informes, teria sido desarmada por um grupo de civis.

Finalmente, em Esteli, a oeste desta capital, surtos de violência obrigaram ao Exército enviar para ali novas unidades.

Seqüestro: US$ 5 milhões

BOGOTÁ — Os seqüestradores do gerente da Texas Petroleum, Nicolas Escobar, exigem 200 milhões de peso (aproximadamente 5 milhões de dólares) para sua libertação, revelou ontem fontes oficiosas. Escobar foi seqüestrado no dia 29 de maio, após ocupar a gerência da Texas Petroleum por 20 anos. O resgate exigido pelos seqüestradores é o mais elevado já feito no país.

Por outro lado, as autoridades tratam de confirmar versões de que outro seqüestrado, o ex-embaixador na França, Miguel de German Ribon, seria resgatado se seus familiares concordarem com o pagamento de 120 mil dólares. O seqüestro do ex-diplomata ocorreu no início de março, também em Bogotá.

URSS e Síria X Egito e Israel

MOSCOU — A União Soviética e a Síria afirmaram que "as conversações entre Egito e Israel são uma conspiração tramada às escondidas dos povos árabes", disse ontem a agência Tass. Citando um comunicado emitido ao fim da visita oficial à URSS do chanceler sírio, Abdel-Halim-Khadam, a agência Tass informou que ambas as partes qualificaram de "particularmente perigosos" os esforços de Israel e Egito, com a participação ativa dos Estados Unidos, de "substituir um acordo justo e global no Oriente Médio, por transações em separado e parciais". Acrescenta o comunicado que a União Soviética e a Síria "condenam as ações derrotistas do governo sírio que provocam a cisão entre os Estados Árabes". A União Soviética e a Síria pronunciaram-se a favor da "consolidação do poder legal do governo libanês em todo o território nacional", e da garantia dos legítimos interesses do movimento de resistência palestina no Líbano", concluiu o comunicado.

Corrupção oficial

WASHINGTON — A metade do orçamento que o Governo federal norte-americano destina ao equipamento de seus escritórios (cerca de 37 milhões de dólares anuais) desaparece em gorgetas, revelou ontem o jornal *Washington Post*, que publicou uma investigação sobre as "comissões" pagas aos empregados do Serviço Geral de Administração (GSA), uma agência encarregada da construção e manutenção dos edifícios públicos, e indicou que 27 dos 30 negócios da região de Washington que fornecem material de escritório ao Governo, estão implicados no escândalo.

O novo administrador da GSA, Joy Solomon, nomeado há pouco tempo, revelou no início desta semana que 50 empregados desta administração serão possivelmente acusados. Ao assumir suas funções, Solomon nomeou a um antigo promotor do Ministério da Justiça norte-americano para realizar uma investigação em seus serviços e este acaba de denunciar que o desfalque poderia chegar a 66 milhões de dólares.

Brasil & Urânio

LONDRES — O Brasil e os países da Urenco (Alemanha Federal, Grã-Bretanha e Holanda) formalizaram ontem um acordo sobre as medidas de salvaguarda nuclear para a venda de urânio enriquecido ao Brasil, anunciou a chancelaria britânica, nesta capital. Em seu comunicado, o Ministério de Relações Exteriores da Grã-Bretanha, revelou que o Brasil e os membros da Urenco efetuaram em Brasília uma troca de notas diplomáticas para formalizar o acordo. O acordo sobre as medidas de salvaguardas destina-se essencialmente a evitar que o urânio enriquecido na Europa pela Urenco seja usado no Brasil para fins militares.

A Urenco comprometeu-se em 1975 a vender, a partir de 1981, duas mil toneladas de urânio enriquecido para as Centrais Nucleares Brasileiras. Esse contrato tem o valor global de mais de 150 milhões de libras esterlinas (mais de 300 milhões de dólares). A chancelaria britânica disse que os quatro países se comprometeram a tratar de que no marco da Agência Internacional da Energia Atômica se assine rapidamente um acordo específico sobre o armazenamento do plutônio que será produzido quando o urânio enriquecido passe para o processo de retratamento no Brasil...

Desaparecimento de jornalistas

BUENOS AIRES — O assassinato do diretor do semanário Confirmado, Horácio Agulla, na segunda-feira, 28 de agosto mostra que o governo argentino não garante a segurança dos habitantes, afirma ontem, em seu editorial o **Buenos Aires Herald**. O matutino assinala que o "governo tem o dever de assegurar um mínimo de ordem e de legalidade que ainda não existe e nem nunca existiu em muitos anos".

Acrescenta que "a sucessão longa e certamente não terminada de seqüestro e de assassinatos, os desaparecimentos misteriosos e, às vezes, os reaparecimentos não menos estranhos, são um testemunho macabro de que o governo não pode conter a onda criminosa".

João Paulo I será coroado amanhã na Basílica de São Pedro

CIDADE DO VATICANO — Mais de 200 mil pessoas assistirão, no final da tarde de amanhã, a missa solene, concelebrada pelo Papa João Paulo I e os cardeais, na Praça de São Pedro, ao iniciar seu "Ministério Pastoral Supremo". Ao abandonar a tiara, o Supremo Pontífice converteu-se em Pastor.

O mestre-de-cerimônias do Vaticano deverá realizar uma busca intensa nos arquivos, para descobrir o ritual praticado antes de ser instituída a coroação do novo Pontífice, por imposição da tiara, ou seja, antes de 1099.

Até Paulo VI, a cerimônia de coroação marcava a abertura oficial do reinado do novo Papa, e seu aniversário era celebrado anualmente após a coroação, durante todo seu pontificado.

Será na condição de bispo de Roma, com a mitra sobre a cabeça e o cajado na mão, que João Paulo I chegará à Praça de São Pedro, ao fim da procissão que começará no altar principal da Basílica. Antes, o Papa se recolherá alguns minutos à tumba de São Pedro. A procissão será encabeçada pelo carregador da cruz, seguido pelo coral da Capela Sixtina, cantando o "Veni Creator", que logo será também entoado pelo Papa e pela multidão que for à Praça de São Pedro. Em seguida, vêm os 111 cardeais do Sacro Colégio e, finalmente, o Pastor Supremo, que desfilarão entre uma fila-dupla de guardas-suíços de alabarda nas mãos.

Da cerimônia também será excluída a utilização da Cadeira Gestatória e a participação da Guarda Nobre, da Guarda Palaciana e os assistentes do Trono Pontifício. A entrega do pálio, que substituirá a cerimônia de coroação, se realizará no começo da missa e será seguida, imediatamente, do ato de obediência dos cardeais, enquanto o coral entoará o "Tu es Petrus" (Tu és Pedro"). Durante esta cerimônia, os cardeais não levarão suas mitras, a não ser apenas o barrete vermelho, enquanto o Papa, em seu trono, receberá a mitra e o pálio, um simples pedaço de lã fina, branca, que representa a insígnia reservada aos arcebispos e metropolitas. Ao canto do Glória, entoado pelo coral e pela multidão, seguir-se-á a essa entronização solene.

Em seguida, será feita a primeira leitura litúrgica, primeiro em francês e depois em latim e inglês, seguida de alguns versículos da Bíblia, em latim e grego.

Após a Homilia e o canto do Credo, em latim, será resada a prece dos fiéis, sucessivamente em francês, espanhol, inglês e alemão. O latim será novamente usado durante o Ofertório, a Consagração e nas preces que seguem ao "Agnus Dei".

Antes de deixar a praça, na mesma ordem de entrada da procissão, o novo Papa saudará brevemente os dignatários das delegações estrangeiras, que ocuparão a primeira fila, os representantes de outras igrejas e a multidão.

João Paulo I não aparecerá no balcão da Praça de São Pedro, mas se dirigirá diretamente a seus aposentos.

Apesar da simplicidade decidida por João Paulo I no início oficial de seu Pontificado, o Papa continua sendo, goste ou não, o soberano reinante no Estado do Vaticano. Com seus 4 hectares, o Vaticano, que é o menor Estado do mundo, é constituído essencialmente pela Praça de São Pedro, a Basílica, o palácio e seus jardins, o que soma no total 10 mil moradias, 12 mil janelas e 997 escadarias.

O Vaticano é governado por lei de Estado, publicada por Paulo VI no dia 24 de junho de 1969, segundo a qual o Papa exerce seu Poder Legislativo e Executivo por intermédio de uma comissão de cardeais, nomeados por ele próprio, por um período de cinco anos. A presidência da comissão corresponde ao secretário de Estado do Pontífice, atualmente o cardeal francês, Jean Villot.

O Executivo foi confiado a um delegado especial, assistido por um secretário-geral do Palácio do Governo e de um Conselho de 24 leigos romanos e de seis membros honorários estrangeiros, nomeados todos por um período de cinco anos. A presidência da Comissão corresponde ao secretário de Estado do Pontífice, atualmente o cardeal francês, Jean Villot.

O Palácio do Governo, construído por Pio XI, atrás da Basílica de São Pedro, contém as dependências do Secretariado Geral, as dos assuntos gerais, de filatelia, numismática, Bureau de assuntos legais, do pessoal e de estado civil, contabilidade, correios, vigilância e outras. Graças à colaboração de uma comunidade jesuíta perfeitamente poliglota, a Rádio Vaticano transmite seus programas em 32 idiomas, de uma velha torre medieval situada no meio dos jardins vaticanos. Uma dezena de religiosas, entre elas duas mexicanas e uma brasileira, controlam a Central Telefônica que recebe e transmite cerca de seis milhões de comunicações anuais.

RFA pune deputado que era espião/URSS

BONN — O Parlamento da República Federal Alemã suspendeu ontem a imunidade parlamentar do deputado social-democrata Uwe Holtz, acusado pelo desertor Romeno Ion Pacepa de trabalhar para um serviço secreto dos países comunistas. A decisão foi aprovada unanimemente pelos 320 deputados presentes, inclusive com o voto do próprio acusado, durante a primeira sessão extraordinária do Bundestag (Parlamento), convocado para a análise de uma questão de espionagem.

Meia hora depois da votação, Holtz acompanhou os investigadores do Tribunal Federal para proceder a uma devassa em seu gabinete no Bundestag. Holtz tornou-se assim a segunda vítima das revelações formuladas à CIA (Central de Inteligência Norte-Americana) pelo tenente-general Mihai Ion Pacepa, que ocupava um alto posto no Ministério romeno do Interior. Na última quarta-feira, revelou-se que o secretário particular de Egon Bahr, Joachin Broudre-Groeger, dirigente social-democrata, era alvo de uma investigação por parte do Tribunal Federal, depois das revelações formuladas pelo desertor romeno.

Outras pessoas, cuja identidade não foi revelada, também estão sendo investigadas pela Justiça. Ao deixar o Bundestag, Holtz — aparentemente, sereno — declarou que estava convencido de que seria isentado de qualquer suspeita. Egon Bahr, por sua vez, declarou que Holtz e Broudre-Groeger gozavam ainda de sua "inteira confiança" e assinalou que o "verdadeiro escândalo" neste caso de espionagem era sua manipulação por parte da cadeia jornalística Springer e pela Democracia-Cristã.

fatos e rumores — EM PRIMEIRA MÃO

HELIO FERNANDES

Na revista Senhor Vogue, de agosto deste ano, graças aos bons ofícios da Conta-Permuta, dileta amiga da poderosíssima Dona Corrupção, a Varig, ou melhor, o sr. Erik de Carvalho, seu ilustre presidente de proveta, dá entrevista no melhor estilo autopromocional. Inclusive com retrato na capa, como um novo "cover boy". Melhorou muito, pois em matéria de permuta já se trocam figurinhas...

ERIK DE CARVALHO

Transparece, de saída, o propósito do entrevistado: pintar, a cores, a imagem da VARIG, como realização do engenho e arte de ilustres alienígenas. Assim é que, com cuidado, se acentua ser o falecido Berta um teutônico e o sr. Erik um autêntico Dinamarquês! Efetivamente, há algo de podre no reino da Dinamarca... Até a Fundação (criada pela liberalidade do Governo gaúcho que abriu mão das ações majoritárias que possuía), passou a ser, como insinuou Erik, uma obra prussiana do falecido Ruben Berta.

***

Pena é que se tenha acanhado Erik de revelar sua verdadeira origem, na Panair, como simples office-boy, alçado e preparado para altas funções até que negociou, com Berta, o seu passe. Belo começo embora de final melancólico. Ele iria, e foi, levar à Varig toda a experiência internacional adquirida na Panair. É sempre assim.

***

Entre as duas empresas, Panair e Varig, este foi sempre o esquema. A primeira faz a cama para a outra nela se deitar. Foi assim no vôo internacional, nas linhas domésticas e, para culminar, na cilada armada nas sombras de uma revolução, quando paralisou-se a Panair e, em verdadeiro festim de chacais, foi partilhado o seu extraordinário acervo, no Brasil e no estrangeiro.

***

Para não falar em tudo o que representou para a Varig o espólio da Panair, citaremos, como exemplo, a rede de agências da Panair na Europa, verdadeiro serviço consular; a rede de Rádio Proteção ao Vôo, que amparava e ampara o tráfego aéreo nacional e estrangeiro, inclusive o militar; os 5 hangares do Galeão, únicos existentes no Brasil capazes de assegurar perfeita segurança de manutenção. Foi o legado destinado à Varig, intimada que estava, em 1965, pelo Ministério da Aeronáutica a desativar sua manutenção em verdadeiras "favelas", no Rio e em São Paulo.

***

Por incrível que pareça, contra todas as mais rudimentares normas de segurança, as manutenções da Varig e da Cruzeiro, sua última presa, eram feitas ao ar livre. Agora estão nos majestosos hangares fechados da Panair que o governo, em cuja posse se imitiu, queria pagar com mil cruzeiros mas que a Justiça Federal mesmo em plena noite e sem garantias) elevou para 17 milhões novos, (17 bilhões antigos).

***

Tem o sr. Erik o desplante de asseverar e demonstrar surpresa ante o chamado do Brigadeiro Eduardo Gomes, então Ministro da Aeronáutica, para que a Varig, no dia 10 de fevereiro de 1965, assumisse naquele mesmo dia as linhas da Panair na Europa. E a Varig assumiu mesmo. Somente é óbvio que tripulações destreinadas na rota não poderiam assumir no mesmo dia tal encargo. Acontece que, não obstante a hipócrita "surpresa", a Varig tinha tripulações antecipadamente preparadas. E voou, para encanto do ingênuo Brigadeiro.

***

Ingênuo pois que, sem prévio inquérito como manda a lei, assinou Exposição de Motivos pedindo a transferência das linhas da Panair. Como se sabe, Exposição de Motivos só pode ser feita tendo como base inquérito à época inexistente. Se duvidam, mandem ver e descubram se naquela época existia algum inquérito. Não havia nada.

***

Chega Erik até a rememorar o diálogo havido entre o Brigadeiro e o sucessor por ele escolhido para a herança da Panair. Será que o Brigadeiro a essa altura, 10 meses após a vitoriosa revolução, já tinha se esquecido das íntimas, societárias e ostensivas ligações de Berta com Jango e com Brizola, a ponto de, em abril de 1964, ter mobilizado sua frota (de aviões garantidos com aval brasileiro) para transferi-la para Montevidéu? Não deve ter se lembrado.

***

Enfim, o Brigadeiro (cuja honorabilidade não se discute) nunca foi muito esclarecido em suas decisões, sempre bem intencionadas. Tanto assim que viveu uma intensa vida política supondo-se democrata quando, por seus atos, sempre foi um autocrata.

***

É assim mesmo. O Millor é quem tem razão: "O preço da liberdade é a eterna vigilância. Por isto é que os serviços de segurança estão cada vez mais caros".

***

Erik, o Dinamarquês, degrada até quem por ele foi corteiado rastejantemente: Wallinho Simonsen. Para tanto fantasia um vôo de playboys, esquecendo-se de que nesta matéria, a Varig é incontestavelmente a pioneira, com vôos puxados a Charlote (que não era russa).

***

É mestre em falar sobre o que não houve. Todavia, silencia quando se fala que a Varig, escandalosamente, detém 100% das linhas aéreas internacionais, em Monopólio privado que a Constituição proíbe. A memória do sr. Erik de Carvalho é igualzinha ao seu senso de ética: não existe, ninguém conhece, nem o próprio tem lembrança de que tenha existido em alguma época. O que me deixa perplexo e estarrecido é a capacidade de resistência desses homens, o sr. Erik de Carvalho em particular. Por que resistem tanto apesar do vulto das irregularidades praticadas?

***

É uma coisa que sempre me preocupou e agora me preocupa mais do que nunca: quem mantém o sr. Erik de Carvalho nas culminâncias da Varig? Ele é um provinciano, não conhece ninguém, não tem talento empresarial, nenhuma habilidade política, nada que o recomende, nem sequer ligações com militares. Não conhece ninguém, ninguém o conhece. Então por que é mantido como dono da "pioneira", uma empresa que inacreditavelmente monopoliza os céus do Brasil com o dinheiro do contribuinte? Pois a verdade é esta: no dia em que o dinheiro do contribuinte deixar de sustentar a Varig pelas formas mais diversas, a Varig passará a ser cliente do doutor Alberto Rumarchar, hoje o maior especialista em falências do Brasil.

UR-GENTE

A justificativa do deputado Lins e Silva no seu projeto permitindo o registro de candidatos avulsos à Presidente da República, é muito boa. Mas não é só isso. O deputado Lins e Silva exige que um candidato avulso para poder ser registrado, prove que tem 1 por cento do eleitorado do País. Ora, 1 por cento do eleitorado do País, dá mais ou menos 590 mil votos.

—◆—

Ontem o sr. Chagas Freitas e o sr. Paulo Maluf (na verdade muito mais Maluf e Lutfalla do que Paulo), foram eleitos com menos de mil votos o que é um verdadeiro acinte num País que tem uma população de 115 milhões de habitantes. Foram escolhidos por um só, "eleitos" por mil e o resto da população fica toda marginalizada. Tem sentido isso?

—◆—

Na verdade ninguém está acreditando na normalidade da situação. E como acreditar que as coisas corram normalmente, quando 3 dos maiores Estados da Federação serão "governados" (mas serão mesmo?) por Chagas Freitas, Maluf e Francelino Pereira? Não é possível entregar o Estado do Rio de Janeiro, São Paulo e Minas Gerais a Três Patetas como esses.

—◆—

Nunca na História da Federação brasileira, tantos ficaram tão subjugados a tão poucos. A tão poucos, tão incompetentes, tão mesquinhos, tão despreparados, tão sem capacidade, tão sem talento político ou administrativo, que chega a assustar. E se Chagas Freitas, Maluf e Francelino Pereira (por absurdo e raciocinando pela hipótese do apocalipse) chegassem mesmo a tomar posse de São Paulo, Estado do Rio e de Minas, o que aconteceria?

—◆—

Evidentemente não aconteceria nem acontecerá nada pela razão muito simples de que eles não tomarão posse. E não tomarão posse porque jamais houve um fato igual no Brasil, porque a História brasileira não mostra em nenhuma fase um episódio tão vergonhoso quanto este. Chagas Freitas, Maluf e Francelino Pereira. Este pelo menos não rouba (ou será NFM rouba?). De qualquer maneira, ontem foi dia de luto nacional. Nunca tivemos um dia tão triste, tão politicamente nublado, tão vergonhoso.

Está praticamente confirmada a nomeação do jornalista Elio Gaspari para a assessoria de imprensa do próximo governo ◆ Jantando no Nino's o presidente da Associação Comercial Rui Barreto e o sr. Paulo Manuel Protásio, ex-presidente da Embratur ◆ Com a carta de apoio do sr. Roberto Médici a Euler Bentes, ficou patente que o desmentido que o general Médici estava rompido com Figueiredo — publicado no **Jornal do Brasil** — foi notícia falsa, plantada para agradar aos poderosos ◆ Está quase garantido um importante cargo administrativo para o arquiteto Jaime Lerner no próximo governo. ◆ O candidato Mauricinho Leite Barbosa está gastando rios de dinheiro em sua campanha, que de nada vai adiantar, não se elege ◆ Incrível a briga entre o governador Roberto Santos e o já nomeado Antônio Carlos Magalhães. Os dois brigam na televisão com diálogo da maior virulência, um acusando o outro de ser mais ladrão ◆ Apesar dos leitores ficarem espantados com a crônica de ontem é carente de qualquer fundamento que o cronista Marcos de Vasconcellos deixaria de escrever na **TRIBUNA** ◆ Dificilmente sobreviverá o acordo Chagas e Amaral. O senador fluminense estuda ainda para os próximos dias posicionamento para o futuro. ◆ O suplente de biônico (existe?) Alberto Lavinas ainda não sabe se será o interventor em Volta Redonda, mas já começou a lotear o município. Jura que Chagas faz o que ele sugere. Está bem ◆ Com a idéia de transferir a capital de São Paulo para o interior, desde já o erário paulista corre sério risco. Paulo Maluf não quer o poder para menos ◆ O Brasil encerra 1978 incólume? Eis uma pergunta que todos fazem e ninguém sabe responder ◆ Está excelente a entrevista deste mês da revista **Status**, é com o ex-ministro Almino Afonso ◆ O discurso do sr. Antônio de Pádua Chagas Freitas, que foi apenas distribuído na Assembléia, mas não lido, é tão lamentável quanto o caráter de Chagas.

DETALHES TÉCNICOS

JOGOS DE HOJE

VASCO X OLARIA

São Januário — 16 horas
Árbitro — Walquir Pimentel
Auxiliares — Carlson Gracia e Cláudio Garcia

VASCO — Mazaropi; Orlando, Abel, Gaúcho e Marco Antônio; Dirceu, Guina e Paulo Roberto; Ramon, Paulinho e Roberto

OLARIA — Ernani; Machado, Luiz Carlos, Mauro e Gilmar; Lulinha, Cavalcanti e Auré; Roberto Lopes, Rubens Nicola e Orlando

JOGOS DE AMANHA

BANGU X BOTAFOGO

Estádio Proletário — 15h15min
Árbitro — José Roberto Wright
Auxiliares — Mário Leite Santos e Mário Rui de Sousa

BANGU — Lumumba; Belizário, Serjão, Sérgio Cosme e Cacau; Baiano, Serginho e Eraldo; Fernandinho, Jair Pereira e Jorge Nunes

BOTAFOGO — Zé Carlos; Perivaldo, Fred, Jaime e Rodrigues Neto; Wescley, Mendonça e Manfrini; Gil, Dé e João Paulo

PORTUGUESA X FLUMINENSE

Ilha do Governador — 15h15min
Árbitro — Arnaldo César Coelho
Auxiliares — Aluisio Felisberto da Silva e Paulo Roberto Duarte Chaves

PORTUGUESA — Ricardo; Edson, Fernando, Ernesto e Sued; Zé Antônio, Toninho e Jair; Zair, Luizinho e Emílio

FLUMINENSE. — Wendel; Rubens, Miranda, Edinho e Carlinhos; Pintinho, Cléber e Marinho; Robertinho, Doval e Zezé

AMERICA X BONSUCESSO

Andaraí — 15m15min
Árbitro — Wilson Carlos dos Santos
Auxiliares — José Gabriel da Silva e José Carlos Moura

AMERICA — Pais; Uchoa, Alex, Jorge Lima e Alvaro; Russo II, Léo Oliveira e César; Reinaldo, Mário e Ailton

BONSUCESSO — Pedrinho; Miguel, Ramiro, Mário e Alcir; Paúra, Tomé e Wilson; Naldo, Jorginho e Edson ou João Carlos

MADUREIRA — CAMPO GRANDE

Conselheiro Galvão — 15h15min
Árbitro — Artur Ribeiro Araújo
Auxiliares — Eraldo Prevot e Edir Pires Teixeira

MADUREIRA — Gilson; Paulinho, Pogito, Almir ou Luis Cláudio e Jorginho; Carlinhos, Luiz Carlos e Rubens Paraná; Manfrini Lenilson e Russo.

CAMPO GRANDE — Caxias; Severo, Carlos Alberto, Lírio e Paulo Roberto; Badu, Lébio e Teles; Pantera, Rui e Clésio

FLAMENGO X SÃO CRISTOVÃO

Maracanã — 17 horas
Árbitro — Luis Carlos Félix
Auxiliares — José Brandão e José Valeriano

FLAMENGO — Raul; Toninho, Manguito, Nelson e Júnior; Carpegiani, Adílio e Cléber; Tita, Cláudio Adão e Zico

SÃO CRISTOVÃO — Geraldão; Luis Cosme, Osires, Washington e Rodrigues; Valdo, Biagini e Clayton; Gilson, Lívio e Tião Marçal

J U V E N I S

HOJE

Botafogo x São Cristovão
Local: Marechal Hermes; Horário: 15h 15min; Juiz: João Batista Santana; Auxiliares: Alfredo Guilhen Moura e Léo Feldman

Madureira x Fluminense
Local: Conselheiro Galvão; Horário: 15h 15min; Juiz: Jorge Moraes Barreto; Auxiliares: Carlos Pinto Matheus e Wander José Carvalho

Bonsucesso x América
Local: Teixeira de Castro; Horário: 15h 15min; Juiz: José Rosemiro Gonçalves; Auxiliares: Márcio Pereira de Souza e Djalma Carvalho

Portuguesa x Campo Grande
Local: Ilha do Governador; Horário: 15h 15min; Juiz: João Batista Byron; Auxiliares: Mamede Monteiro e Welson Rocha Veiga

Bangu x Vasco
Local: Moça Bonita; Horário: 15h15min; Juiz: Luis Carlos Dias Braga; Auxiliares: Carlos Elias Pimentel e Adalton Cunha Rodrigues.

AMANHA

Flamengo x Olaria
Local: Maracanã; Horário: 15h15min; Juiz: Luis Antônio Barbosa; Auxiliares: Luiz Carlos Costa e Jocelen Thiago da Silva.

No Campeonato da desunião um pequeno nó

Clássico do Maracanã: Flamengo x S. Cristóvão

O início do Campeonato Carioca de Futebol já teve a sua época. Havia expectativa e hostilidade futebolística autêntica. Frases eram divulgadas com o intuito de mostrar o que seria a competição, como por exemplo: "Futebol é uma guerra". Era mesmo. Mas havia união entre os clubes. A briga era deles e com eles, nada os desunia. O Campeonato, que se inicia logo mais em São Januário é o da desunião. Nunca os clubes no Rio estiveram tão desunidos. Os grandes formam duas duplas: Fla e Flu; Vasco e Botafogo. Os pequenos formam um bloco só. O América não é grande nem pequeno. Está sozinho como nunca esteve. Esse é o panorama, do mais pobre Campeonato Carioca que já tivemos notícia.

AÇAO

George Helal é candidato à presidência do Flamengo. "Sou candidato, melhor, aceitei o lançamento do meu nome, porque tenho certeza na vitória". Inúmeras metas fazem parte da plataforma do candidato, dentre estas: Unir o Flamengo, tornando-o uno e indivisível; outra, fazer renascer e viver a mística do Flamengo. "Biguá, como muitos outros que estão comigo, farão revivê-la". Disse o candidato. (Foto Jorge Reis).

Flamengo X São Cristóvão

É o jogo mais importante ou o que desperta maior curiosidade, não só pelas boas apresentações que o Flamengo fez na Espanha, como pela estréia do "novo" São Cristóvão. Numa análise superficial, destaca-se logo o Flamengo como grande favorito, porque dispõe de jogadores de muito mais categoria que o seu adversário, além de ter um time mais coordenado, enquanto os alvos agora formaram o time.

Foi até uma surpresa as apresentações dos rubro-negros na Espanha, quando ganharam um título: Torneio Cidade Palma de Mallorca. Isso foi motivo de grande festa no Galeão, na última quarta-feira, trazendo um caneco de metro e meio de altura. O que mais valorizou esse feito foi a condição em que os jogadores garantiram a vitória final sobre o Real Madrid. O Flamengo acabou o jogo com 8 jogadores, que ficaram mais de 10 minutos com essa diferença numérica e souberam garantir a vitória.

Outros resultados de categoria o time conseguiu lá fora e deixou toda a rubro-negrada com euforismo. Por certo o Maracanã irá receber uma torcida bem volumosa e ardente, fazendo renascer as alegrias da família rubro-negra.

Por certo o São Cristóvão deve alcançar uma grande renda, coisa que não consegue há muito tempo. Para abrilhantar ainda mais esse jogo, o S. Cristóvão vai reviver os seus bons tempos e promete para este ano uma equipe de respeito, que se não lutar pelo título (muita pretensão), poderá dar muito trabalho aos adversários. A colaboração do Cruzeiro, de Minas Gerais, começa amanhã. Vamos torcer para dar certo e outros exemplos sejam seguidos para o bom do esporte.

Vasco X Olaria

O grande favoritismo do Vasco, porque joga em casa, esbarra precisamente nisso, o fator local, e além disso terá pela frente um adversário que sempre vende caro a derrota para o time vascaino. O fator campo que poderia ajudar muito, pode ser fator negativo para a produção do time. O Vasco quase sempre encontra dificuldades para ganhar no seu campo e quando isso acontece o escore não é muito dilatado.

Fácil explicar as quase sempre negativas apresentações do Vasco no seu campo. a torcida fica ansiosa quando o gol custa a sair e aí não acontece mesmo. Os jogadores ficam preocupados em garantir a vitória o quanto antes e acabam encontrando as maiores dificuldades, as vezes até em lances fáceis.

O Vasco começa o campeonato com algumas alterações no time. Zanata não participa do elenco e Dirceu faz amanhã as suas despedidas do time, pois foi vendido para o futebol mexicano. Um setor importante como o meio-campo, claro que vai sentir os dois ausentes, pois faziam um trio quase perfeito com Zé Mário. Este também não joga amanhã e não sabe quando volta, pois está contundido.

Do antigo meio-campo, apenas Dirceu vai jogar, despedindo-se do time. Guina e Paulo Roberto são os novos efetivos do setor, que terá Helinho no banco de reservas. Quando Zé Mário retornar, o técnico Fantoni vai efetivar os três jogadores. Roberto esteve bem no treino de ontem e garantiu o seu lugar.

Portuguesa X Fluminense

Nunes e Fumanchu, mesmo sem jogar, constituem-se na atração do Fluminense no jogo de amanhã, lá na Ilha, contra a Portuguesa. Os dois novos contratados pelo time tricolor, fato que levou muito tempo para acontecer e por isso mesmo despertou mais interesse, serão apresentados amanha à torcida, que deve lotar as dependências da lusa carioca.

Favorito é o Fluminense. Tudo é animação nas Laranjeiras, que parece ter tomado uma injeção de entusiasmo com a vinda dos dois jogadores para reforçarem o elenco tricolor. Por isso mesmo ninguém espera um insucesso amanhã. É dia de festa para a família tricolor e nem o vento poderá atrapalhar o time visitante. Aliás, o vento da Ilha atrapalha aos dois ao mesmo tempo.

América X Bonsucesso

O maior obstáculo para o América alcançar a primeira vitória no campeonato reside na tradição de dificuldade que sempre enfrenta quando joga com o Bonsucesso. Se se fizer uma comparação dos dois times, claramente, se aponta o América como favorito. Tem melhores jogadores, de mais categoria, mas isso não chega a ajudar os rubros contra o Bonsucesso. Um time sempre difícil para o América vencer.

Nem o fator campo — o jogo é no Andaraí — costuma facilitar aos rubros. O time está completo e é favorito. Mas se o gol custar a sair, a torcida começa a impacientar-se e põe tudo a perder.

Bangu X Botafogo

Um motivo excelente para os alvinegros alcançarem uma grande vitória e apagar a má impressão deixada no exterior. Todos os jogadores foram punidos pelo presidente porque cometeram falta considerada grave na excursão pela Europa. Até que a punição foi das mais brandas, ao contrário do que anunciava o presidente Charles Borer, que fazia muitas ameaças quando os jogadores ainda estavam no exterior.

Os alvinegros são os favoritos, porque têm time bem superior ao Bangu, mas o fator campo sempre atrapalha o time de maior categoria. Acontece que os alvinegros jogam bem no seu campo e vendem caro a derrota. Desta vez isto não deve ocorrer, pois o Bangu está com um time bem fraco e só com muita chance poderá surpreender ao Botafogo.

Não foi boa a excursão na Europa, pois o Botafogo somente ganhou duas partidas na Arábia e perdeu quatro vezes na Europa.: duas partidas na Espanha e duas na Itália. Isso não recomenda o time, logo no primeiro jogo, pois até o campo poderá dificultar tudo.

Madureira X Campo Grande

Talvez o jogo mais equilibrado. Ora ganha um, ora ganha outro. Os dois times estão em formação e vão lutar para obter o primeiro sucesso no campeonato. Não há favorito.

O Rubro Futebol Clube de Araruama é o mais novo clube a ser filiado para participar do Campeonato Carioca. Pelo menos é assim que pensa o seu presidente, por acaso proprietário do maior supermercado da localidade. Há duas semanas, no jantar do Hotel Parque, às margens da lagoa, foi feito o convite. O senhor sabia ?

FUTEBOL: RIO

7. A Federação de Futebol do Estado do Rio de Janeiro, resultante da fusão, caso tenha já existência legal e os seus Poderes constituídos em 15-1-1979, caberá dirigir e organizar o 1.º Campeonato de Futebol Profissional do Estado do Rio de Janeiro que será disputado com os participantes classificados na Fase Classificatória, de acordo com o disposto no item 5 da presente decisão.

8. A presente decisão produzirá efeitos a partir da publicação da Deliberação n.º 4/78 do C. N. D., devendo ser comunicada à Federação Carioca de Futebol, à Federação Fluminense de Futebol e ao Conselho Nacional de Desportos.

9. A Diretoria da C.B.D., se necessário, expedirá instruções para o exato cumprimento da presente decisão.

Resolveu, ainda, a Diretoria da C.B.D. esclarecer que a presente decisão foi tomada com base nas disposições legais seguintes:

— Lei n.º 6.251, de 1975, Artigos 1.º 12, 14 e seus parágrafos, 17 e 42 itens II e IX;

— Decreto n.º 80.228, de 1977, Artigos 1.º, 33 e seu Parágrafo 1.º, 36 e seu § 1.º, 38 e seus Parágrafos 3.º e 4.º 43, 56, 71, 78, 79, 80 e seu Parágrafo Único, 107, 157, 158 e seus itens e 183;

— Deliberação n.º 3/76 — CND;

— Deliberação n.º 4/77, item 9 — CND;

— Deliberação n.º 4/78 — CND (especialmente o item 24);

— Estatuto da Confederação Brasileira de Desportos.

N.R. Por falta nossa — não de nossos colegas da oficina ou revisão — esquecemos de alertar que complementaríamos hoje a matéria iniciada ontem. Acresce dizer, sobre a decisão da CBD, que o esporte brasileiro está sendo dirigido pela Lei 6.251, de outubro de 1975 e pelo Decreto 80.228, que a regulamentou em agosto de 1977. Não é uma decisão da diretoria da CBD que pode alterar, modificar ou revogar qualquer dos dispostos nas leis mencionadas. Feito o esclarecimento, pedimos ao leitor que volte a ler o item 7, acima e o que diz o Decreto 80.228: "Art. 78 — A existência legal da entidade desportiva começa com a inscrição do até constitutivo no respectivo Registro Público". E, ainda, "Art. 79 O Estatuto da Confederação ou Federação e suas eventuais reformas, depois de publicadas no Diário Oficial, com aprovação prévia pelo Conselho Nacional de Desportos em parecer homologado pelo ministro da Educação e Cultura, passarão a vigorar na data da respectiva inscrição ou averbação no Registro Público nem dirigir o esporte no aspecto estadual, também previsto nas leis mencionadas, e não existindo ainda uma Federação, não pode ela decidir nada, na presunção. Essa decisão da CBD fere a lei e é uma presunção, sem legitimidade. Nula para todos efeitos legais. Nulidade essa que só poderá ser e só deverá ser decidida pela Justiça.

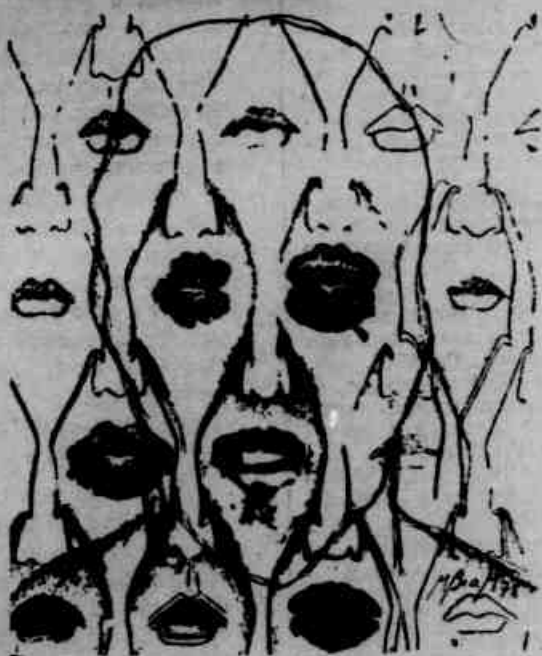
BOTAFOGO ENFIM GANHA UMA: 7X0

O Botafogo goleou a seleção juvenil do Kuwait, por 7 a 0, no jogo-treino realizado ontem, à tarde, em Marechal Hermes. Já no 1º tempo o Botafogo vencia por 4 a 0 com grande atuação de Dé. No 2º tempo, nos 20 minutos finais, Zagalo fez dez substituições no Botafogo, mas a fragilidade dos árabes não impediu que os gols continuassem até escurecer e o juiz encerrar o jogo-treino.

Não houve cobrança de ingressos, mas todos os jogadores assinaram a súmula. O Botafogo formou com Zé Carlos (Ubirajara); Perivaldo (China), Ronaldo (Fred), Jaime e Rodrigues Neto (Beto); Wescley (Serginho), Mendonça (Ademir Lobo) e Manfrini (Ademir Vicente); Gil (Cremilson), Dé (Indio) e João Paulo (Ricardo). Os gols foram marcados por Dé, Dé, Gil e Perivaldo, no 1º tempo, e Mendonça (cobrando falta de fora da área), Ricardo e Dé, no período final. O time do Kuwait fez 13 substituições durante os 90 minutos.

SUPLEMENTO DA TRIBUNA

N.º 278 — Ano VI — Rio de Janeiro, 2 e 3 de Setembro de 1978

110 MILHÕES DE BOCAS SUGADAS COSPEM NO BEIJO DE GASPAR

Caro amigo.
Por aqui, chovendo. Um toró
de gotas grossas, lavando os céus: de
pingos que batem no chão
duro e não levantam aquele aroma de terra
umedecida, que lembra o antigo
mito da fertilidade. O céu, porém,
permanece escuro, sombrio;
nas ruas, o louco barulho dos carros,
dos bate-estacas, das britadeiras — tudo
um contraste memória/presente,
mas é triste saber que as conversas ao redor
da mesa, ao jogo de buraco, à luz mortiça
das lâmpadas antigas; que a cadeira
na calçada, o hábito de visitar os
vizinhos, parentes, amigos, e a própria
luz do Sol, e a Natureza — que a gente é a
mesma, humilde, cada vez mais empobrecida,
e a luta pela vida é que ficou mais dura,
e os hábitos é que forçosamente mudaram...
Talvez ainda possamos achar resquícios
daquela antiga felicidade na periferia
dessa megalópole, ocultos na timidez
duma sanfoninha roceira lá no fim
da Baixada, no cheiro e no ruído de
um matagal de terreno baldio ali
ao longe, perto da serra — mais que fazer, se os
jornais nos avisam que a Baixada tem o maior
índice de criminalidade do mundo, e a gente
sabe muito bem que a inocência antiga acabou, e a
luta para manter uma nesga do sonho
(Rua da Carioca?) talvez só sirva mesmo
para nos recordar que ele é irreversível, que
os dias são cada vez mais duros, cada vez mais
frios, cada vez mais curtos — que a gente quer uma
coisa, mas o Brasil, é outra...
I'nda assim, meu caro amigo distante,
a gente empurra a tristeza pro porão e lembra
um pouco da tua inteligência viva e rebelde,
e dos tantos que, como nós, intuimos
pra nossa gente o mesmo futuro: isso me faz
sentir uma esperança, pois somos milhares de bocas
ansiando por Solano, milhões que rejeitam Gaspar.

do teu amigo.
(...)

Eduardo Galeano sem passaporte, fala de si e de toda a barra em entrevista a Lilian Newlands. Rubem Machado e Socorro Trindad assinam hoje dois contos. Toda uma página para poemas. Ruy Lisboa, vencedor do Unibanco, dá entrevista, e mais um conto.

Notas

★ **ESFINGES & GIRASSOL VERMELHO**

A Editora ÁTICA acaba de entregar às livrarias ESFINGES de Francisco Maciel Silveira e A CASA DO GIRASSOL VERMELHO, de Murilo Rubião. (WCA)

★ **3 INÉDITOS NA PRAÇA**

De Naomar de Almeida Filho, ERNESTO CÃO (romance) — um livro sério feito com talento e imaginação. NÃO AGUENTO MAIS ESSE REGIME reúne contos de Luiz Puntel, onde o autor denuncia Puntel, onde o arbitrariedades que abundam neste País. E Mário Jorge Lescano (argentino), através de AMANHÃ SÃO PERÓN, fala do nosso mundo, de nosso cotidiano, partindo de impressões mais específicas. Lançamentos da Editora Ática. (WCA)

★ **HOJE E SEMPRE**

Nas livrarias, a obra póstuma de Juarez Barroso, Doutora Isa e O Sertão do Velho Chico de Edyla Mangabeira Unger. Lançamentos da Civilização Brasileira. (WCA)

★ **DE LOBATO A MILLOR**

Um personagem chamado Pedrinho, de Sidónio Muralha e ilustrações de Alice Prado, em 2.ª edição, é mais do que uma homenagem a Monteiro Lobato, é a sua vida, escrita com rigor e inteligência. Cr$ 45,00.

Novas fábulas fabulosas, de Millôr Fernandes, reconhecidamente um dos mais criativos escritores brasileiros, está chegando às livrarias. Cr$ 45,00.

Dois lançamentos da Nórdica. (MAM)

★ **FICÇÃO CIENTÍFICA**

Foi lançado pela Editora Nova Fronteira o livro Os Despossuídos, de Úrsula K. Le Guin, que recebeu o Prêmio Hugo de 1975 para o melhor texto de ficção científica em língua inglesa. Cr$ 130,00. (MAM)

★ **NA DEFESA**

Detentor de um dos maiores prêmios literário do país, no campo da poesia, e depois de publicar dois livros de ficção, o jornalista e escritor Álvaro Alves de Faria, lança o livro de poemas: Em legítima defesa. Álvaro foi o iniciador, em 65, de um movimento de grande repercussão em São Paulo, que era o de declamar poemas em praça pública, principalmente no Viaduto do Chá. Lançamento da Símbolo. Cr$ 45,00. (MAM)

★ **ASSALTO EM PETRÓPOLIS**

Até 30 de setembro, o grupo TEMA estará encenando a peça O Assalto, de José Vicente, com a direção de Moacyr Victorino. De quinta a sábado, às 21 horas, no Teatro Santa Cecília (Rua Marechal Deodoro), em Petrópolis. (MAM)

★ **FICÇÃO SEMPRE**

O número de agosto da revista Ficção traz, entre outros colaboradores, os seguintes contistas: Holdemar Menezes, Luiz Papi, Elias José, Almeida Gessin e Jane Araújo. (MAM)

★ **EM AGONIA**

Apesar de ter conquistado o Prêmio Nobel em 1949 e de ser um autor consagrado mundialmente, William Faulkner ainda é pouco conhecido do público brasileiro Para preencher esta lacuna, a EXPED — Expansão Editorial — está em entendimentos com as agências literárias do escritor americano e pretende publicar toda a sua vasta obra. Sai agora a 2.ª edição de Enquanto Agonizo, livro que surgiu em 1930. A tradução é do jornalista e crítico Hélio Pólvora.

★ **NA MURO**

Mário da Silva Brito, Moacyr Félix, Olympio Monat e Maria José de Queiroz, autores da Civilização Brasileira, estarão autografando seus livros, dia 4, 2.ª-feira, a partir das 21 horas, na Livraria Muro (Rua Visconde de Pirajá, 82). (MAM

Pretensão e anacronismo

Márcia de Almeida

ARTÉRIAS E BECOS, de Júlio César Monteiro Martins, publicado pela SUMMUS EDITORIAL trata-se não especificamente de um romance, mas de uma miscelânea com a pretensão (ou intenção, o que nesse caso, tanto faz) de contar "de maneira diferente" aspectos e fatos do nosso dia-a-dia, cada vez mais alucinado e alucinante. A impressão que fica no leitor, no entanto, desde as primeiras páginas — e que vai se ratificando ao longo destas — é de que o autor fez um exercício literário, o qual deu como pronto, mas que jamais deveria ter saído da gaveta onde estava, pelo menos, não da maneira como saiu. O (vamos dizer), romance fez prematuramente o percurso gaveta/prelo, sem estar "no ponto" para tal aventura.

Pretendendo uma nova forma literária, ARTÉRIAS e BECOS, na verdade, recai em estilo anacrônico, que muito lembra *scripts* de novelas de rádio dos anos 40 ou 50, só que não estamos diante de uma novela radiofônica, mas, sim, de um livro. Os diálogos, mais que simples, são simplórios, cheios de chavões, cada personagem marcada por uma linguagem estereotipada, que nem de longe corresponde aos mais diversos jargões específicos.

Partindo de um assassinato duplo ao início da história, o autor vai de encontro, a problemas sociais graves — como a criação e morte de um pivete, após o assassinato de seu pai, bombeiro da mais total integridade, ao que tudo indica; a clandestinidade de um militante político, também ele assassinado pela repressão logo mais adiante; a loucura da mãe de Jerônimo, um dos mortos, que se entrega ao misticismo, e o cinismo moralista do general, seu marido, repleto de rompantes megalômanos. Até aí, tudo bem. Acontece, que nas suas 173 páginas, nenhum desses assuntos é realmente aprofundado, tampouco suas personagens, como se Júlio César tivesse tido preguiça disso, ou um medo pânico de realmente dar um mergulho profundo, de cabeça, no cerne desses problemas — o que não quer dizer, absolutamente que um livro de participação tenha que ser panfletário. Mas um livro de denúncia ou constatação de fatos tem, ou deve ser, ao menos, mais profundo. No caso presente, o livro está sempre nas bordas, pelas beiradas, e o resultante é que leva o leitor teimoso, que sempre

Julio César M. Martins

espera que mais à frente tudo possa melhorar, a um estado de irritação. Isso, não só pela superficialidade dos discursos, relatos e da exposição dos temas, como pela sua latente pretensão de estar dando um real brado retumbante às margens do Ipiranga literário.

ARTÉRIAS E BECOS prima pela sua linearidade, no mau sentido. É uma exposição monocórdica, arrastada, sem clímax ou emoções. Morna, enfim, mesmo nos momentos em que, regra geral, o próprio desenrolar das coisas deveria, pelo menos, aumentar suores e batidas de coração, como quando da perseguição e morte do militante assassinado. Essa superficialidade irrita, tira o humor do leitor, mantido em expectativa sem que haja motivos para aliviar sua tensão; simplesmente arranha as bordas e nada mais do que isso.

O trabalho de Júlio César, esse ao menos, é imaturo, verde, sem costuras definitivas, ainda nos primórdios do alinhavo. Os momentos que poderiam ser ainda a "salvação" do romance, se diluem. Faltou fibra ao autor, que resolve as situações, não de maneira despretensiosa, mas simplista. Em nenhum momento preocupou-se em aprofundar-se em nada. O general é mais um estereótipo, e mal cunhado; a cartomante não consegue fugir à antiga apresentação de embusteira e mau-caráter; a garota-de-programa consegue ser mais fútil do que a própria futilidade. Aparecendo como personagem meteórica, a intervenção física do autor na história, é totalmente dispensável.

Apesar da apresentação delirante feita pela editora, que declara ser o autor "uma das mais importantes revelações literárias dos últimos 20 anos, no Brasil" (!!!), ARTÉRIAS E BECOS é, infelizmente, leitura dispensável, do ponto de vista literário, dando a impressão absoluta de que houve pressa em jogar nas ruas esse embrião, como se ele fosse feto realmente já formado. Pode ser que o autor de TORPALIUM, seu primeiro livro, lançado ano passado, consiga definir-se como real escritor, desde que tenha paciência e tranquilidade para preencher as folhas brancas de papel, revisá-las, tê-las enxutas e seguras — o que nada tem a ver com serem ou não, "bem comportadas". Por esse trabalho, Júlio César Monteiro Martins não confirma as expectativas criadas em torno dele, após TORPALIUM. Só nos resta esperar que os seguintes venham desfazer essa má imagem, e que se consiga encontrar em próximos relatos mais vida, mais pique e menos distância e frieza nas descrições. O que falta, basicamente, nesse livro com muito mais becos do que artérias, é justamente isso: maior proximidade emotiva do autor com tudo aquilo que ele está passando ao leitor, para quem, afinal, ele está (ou deveria estar) escrevendo.

ARTÉRIAS E BECOS, de Júlio César Monteiro Martins
SUMMUS EDITORIAL
1973 págs. Cr$ 70.

LEON TOLSTOI, 150 ANOS de angústia e idealismo

Há cento e cinqüenta anos nascia Tolstoi, em berço de ouro, raro privilegiado num país onde reinavam a extrema pobreza, o analfabetismo, as doenças crônicas e o czar. Tolstoi era um homem incomum: levou uma vida dissipada até os trinta anos, o que lhe afetou o físico, incrivelmente forte e enérgico. Por essa época, deu-se o "estalo" espiritual, e Tolstoi começou a se preocupar seriamente com problemas bem mais profundos que pedir dinheiro ao pai pra pagar dívidas de jogo ou como conquistar a condessa Fulana. Começou a escrever e tornou-se escritor de sucesso. Seus livros abordavam sempre os problemas essenciais da humanidade: a felicidade, a procura de Deus, o problema social, a idéia da igualdade, a metafísica — em suma, o que há de mais profundo pertence à geração dos grandes metafísicos russos: Dostoevski, Turgenov, Andreev etc.; daqueles escritores que vibravam com intensidade excepcional, os gênios que experimentaram a terrível angústia e o êxtase da luz. Lutou durante décadas para modificar a situação social de seu povo, vítima de um sistema totalmente injusto. Já velho, morreu em viagem para o exílio voluntário, desesperançado e cético, em companhia da filha, que, parece, era a única pessoa de sua família capaz de compreendê-lo.

SUPLEMENTO DA TRIBUNA
publicado aos sábados

EXPEDIENTE

Editor-Responsável
Paulo Branco
Editora-Chefe
Maria Amélia Mello
Coordenador Editorial
Wanilton Cardoso Affonso
Editor de Arte e Colaborador
Evandro Ouriques

●

Correspondência para Rua do Lavradio, 98 Rio de Janeiro

Eduardo Galeano:

Louro, nem tão alto, olhos claros e jeito simples, ele é o mesmo menino de 14 anos que invadiu com talento a redação do extinto semanário Marcha, no Uruguai, e iniciou seu caminho através da charge política. Do ponto de partida até hoje, quinze anos após ter trocado o Uruguai pela Argentina, ele vai contando estórias, lembrando nomes, denunciando o lado da vida que conheceu com os mineiros de estanho na Bolívia, sua estada na Guatemala, o contato com índios do Alto Paraná, a malária que o contaminou duas vezes em sua entrada nas selvas e, principalmente, a agitação e o nervosismo criador das redações de jornais, que deram a ele o traço do caminho definitivamente claro com **As Veias Abertas da América Latina,** agora em 4.° edição, pela **Paz e Terra.**

UM ANDARILHO SEM PASSAPORTE

Por Lilian Newlands

"Na literatura, como em qualquer outra atividade humana, o sentimento é a matéria-prima de qualquer coisa, e a partir dele tudo se desenvolve".

Trinta e seis anos, mais de vinte de jornalismo, a síntese de seu trabalho jornalístico é a revista cultural Crisis, que difere de todas as revistas do gênero por sua diversificação de interesses, cobrindo desde a economia política até o horóscopo do dia. Fundada, dirigida e editada por ele, a revista chegou a atingir a tiragem de 35 mil exemplares, hoje, a trinta, face aos últimos problemas e crises na Argentina.

Ainda como repórter, ele relembra as entrevistas com Chou-En-lai, Che Guevara e Juan Perón, relembra com carinho e voz séria os amigos espalhados pelo mundo

Para um homem que já foi taquígrafo, diagramador, bancário e operário de fábrica, torna-se mais fácil entender a vida diante da máquina de escrever. E Galeano termina o papo contando sobre as opções que é obrigado a encarar no seu dia-a-dia de escritor e jornalista, antes que a definitiva noite se espalhe em latino-américa.

Galeano, as pessoas escrevem a partir delas mesmas?

G: Acho que as pessoas escrevem a partir de uma necessidade íntima. Necessidades íntimas de comunicação, pena, alegria, esperanças e dúvidas que podem coincidir com uma necessidade social, coletiva. Escrever não é só uma catarse privada. Não é apenas suas tristezas, mas sim uma necessidade coletiva que encontra veículo através da nossa voz. É também uma necessidade de fixar determinadas coisas na memória coletiva, coisas que acontecem e que doem muito, que podem ser facilmente esquecidas pela sociedade, ao nível consciente, na medida em que viram hábitos. Acredito, ainda, que a gente escreve contra a resignação e tentando fixar na memória individual e coletiva todos os fatos que são escondidos e deturpados, e que tendem a ser propostos como imutáveis pelo sistema dentro do qual eles acontecem. A gente escreve para dizer "olhem as coisas aconteceram e foram assim", e essa é a memória viva das coisas. As palavras cada vez mais, precisam ser pronunciadas com intensidade, para serem capazes de projetar no tempo que virá toda a eletricidade, o pavor, o amor e o ódio na vida difícil e tormentosa que a gente leva. Para fixar as esperanças desses tempos. Para que ninguém esqueça.

Você considera a literatura um meio de acesso aos fatos tão potentes como o jornalismo?

G: Na América Latina, a imensa população tem um contato mínimo, ou nenhum, como escolas. Mas tem quase que permanentemente com rádio, televisão e jornais escritos, que só chegam aos que sabem ler. Uma pessoa criativa, portanto, pode querer transmitir suas idéias usando um desses meios modernos de comunicação que são muito maiores e melhores do que o velho sistema de editar livros. Acho o jornalismo uma literatura possível, um novo gênero dela. Ele escuta o som, a melodia e o ritmo da cultura popular que aparecem através de reportagens e entrevistas. Um compositor como Chico Buarque de Holanda, por exemplo, na minha opinião um dos melhores poetas do Brasil, não teria tanta repercussão se editasse livros de poesias como tem com seus discos, que é outro meio moderno de passar as coisas. O jornalismo não pode ser rejeitado como se fosse uma escola subalterna da literatura.

Foto de Lourdes Wallor

"... há dois lados na divisão internacional do trabalho: um em que alguns países especializam-se em ganhar, e outro, em que se especializaram em perder."

E os mitos, na literatura, são necessários?

G: O mito é o resultado de uma necessidade de formular as tenções e contradições, de um jeito que possam ser aceitos como coletivos pela sociedade. Os mitos n a s c e m espontaneamente. São necessários na medida em que na América Latina existe uma situação em que a gente pode acabar se acostumando com coisas que deveriam merecer nossa indignação e revolta, um horror cotidiano que está na lógica de funcionamento de uma máquina de proibir, de condenar, de picar carne humana. Uma máquina que pode fazer do silêncio uma forma de vida aceitável, da pobreza um destino incorrigível e da humanidade uma condenação de Deus.

O que não se diz em jornalismo pode ser dito na literatura?

G: O alcance de um artigo é muito maior do que o alcance de um livro editado. O ritmo da realização do jornalismo impõe tanta pressa, que você não pode se aprofundar muito em determinado tema. Além disso, acho que existem determinadas coisas que precisam de muito mais espaço e tempo do que o jornalismo pode dar. Tem muita coisa a ser dita, então você precisa recorrer a outros meios, como a literatura por exemplo. E o que eu acho realmente maravilhoso é a nova tendência que nasceu nesses últimos anos na América Latina: fazer um jornalismo na forma de literatura possível.

Você acredita mesmo nessa união entre duas formas distintas de expressão?

G: Claro que acredito. **As Veias Abertas da América Latina** é um livro bem jornalístico e apresenta uma grande reportagem sobre a América Latina, incluindo aqueles heróis e anti-heróis mortos há trezentos anos.

Há uma nova geração de autores surgindo dentro da América Latina. Como é que você vê a situação dos jovens na literatura e na vida?

G: Vejo que os jovens são obrigados ao silêncio, à aceitação p...iva das coisas e, em muitos casos, como no Uruguai, eles têm sido obrigados a sair do país. O Uruguai virou um país mexicano, há uma grande massa da população jovem morando como ciganos. Existe uma desintegração que nos faz duvidar que sejamos mesmo parte de uma coisa total, um pedacinho de uma coisa maior que ainda está viva. Então o romance é uma tentativa de dizer sim, que isso existe, que nós existimos, que aconteceram coisas terríveis, mas que são elas que abrem uma esperança possível porque sobraram valores como a solidariedade, o amor, a amizade, valores muito mais fortes do que qualquer tristeza, qualquer ditadura.

O que você diria a esses jovens, que passaram por todas essas coisas e teimam em seguir escrevendo?

G: Aconselharia que vivessem muito intensamente a vida própria, que saíssem às ruas, que abrissem todas as janelas e, sobretudo, que não esquecessem nunca que a única função possível para a palavra é a função.

E quanto ao escritor brasileiro?

G: Na minha opinião, Graciliano Ramos e Guimarães Rosa foram os autores que melhor expressaram a autenticidade do povo brasileiro dentro da literatura. É muito difícil para mim falar dos escritores brasileiros atuais porque a maioria deles deixa de lado a realidade brasileira e vai buscar elementos no estruturalismo que vem de terras européias. Mas não se trata de modismo. É mais cômodo ficar entre quatro paredes do que sair de esquina em esquina, sentir o mundo das pessoas, de cada ser humano. Será que o escritor brasileiro já subiu o morro para ver e sentir a realidade do favelado? Ele, como grande parte dos escritores latino-americanos, não vive a realidade crua de seu país. Não adianta imaginar, é preciso que se sinta o peso da vida de um país para realizar um trabalho mais coerente com e dentro do mundo em que se vive.

Como nasceu Canção de Nossa Gente?

G: Canção nasceu de uma infinidade de sons que existiam na minha cabeça e não me deixavam dormir. Eram vozes, cantos e lamentos que eu não conseguia identificar, localizar. Até que um dia descobri que esses sons representavam cada amigo de quem mais gostei e cada mulher que amei. Tornou-se fácil, então, escrever sobre essas vozes. Porque a partir da descoberta nasceu em mim uma necessidade muito forte de recuperar todas essas pessoas, reconstruir a comunidade perdida ou esfacelada pelo mundo como ciganos errantes. Aquelas vozes me faziam sofrer e, com o passar do tempo, os pedacinhos de vidro espalhados pelo corpo pararam de doer tanto. Canção é uma novela sobre o amor e a liberdade e, conseqüentemente, sobre o ódio e a opressão. Ela se chama Canção porque eu não sei tecnicamente ela é uma novela, e também não tem a estrutura tradicional de um romance. Talvez fosse mais correto dizer que é uma tentativa de fazer **uma canción de siesta** (um tipo de literatura épica). Pronõe uma épica da vida cotidiana de nosso país e de nosso tempo. Tirando essa vida cotidiana — fatos, citações, intensidades — restam os mitos transformados em símbolos capazes de sintetizar todas as formas e segredos desconhecidos do heroísmo da nossa época, da nossa pequena vida de todo dia, dentro da qual trava-se a guerra da vida e da morte. Então, acho que Canção é uma novela que exprime e canta a dúvida e a certeza dentro de uma situação que projeta pelo país a tentativa de formular as chaves de vida da América Latina.

E a palavra, onde fica dentro da certeza?

G: Fica dentro da luta pela sua própria recuperação. É preciso usar a palavara certa para o termo exato. Hoje, em dia o que vemos é que palavras como amor e revolução tornaram-se usadas para expressar coisas erradas. Amor pode querer dizer sentimento, mas quer dizer também "sorriso de amor você consegue com a pasta de dente marca X" ou revolução passou a designar também "revolução da minissaia, revolução da música pop" e outras bobagens que enfraquecem a força definitiva de palavras-chave para um escritor.

Galeano, pra finalizar, quem escreve, escreve com o cérebro ou com o coração?

G: Na literatura, como em qualquer outra atividade humana, o sentimento é a matéria-prima de qualquer coisa, e é a partir dele, só dele, que as coisas são desenvolvidas.

“O Brasil é um país de es

COLEGA, NA SEMAN

ANISTIE SETENTA

Interurbano oficial (a um general)

Oswald de Andrade

(De SÃO PAULO) — General, quem fala aqui é um escritor, pracinha da democracia, que durante largo tempo perdeu bens, saúde e vida nas trincheiras da liberdade. Inicialmente peço-lhe desculpas por um plebeu utilizar a oportunidade única que tem de se erguer até o recinto dos fastos nacionais. De longa data aproveitam os poetas momentos como este — coroações, casamentos ou batizados de princesas para aderir e adular. O meu caso é diverso. Se bem que por temperamento e profissão, viva eu sempre um pouco aéreo, ando a par do que se passa no mundo, pois leio mais ou menos jornais, vou às vezes ao cinema, ouço rádio de quando em quando. Além disso freqüento maus lugares como casas bancárias, igrejas e repartições públicas. Excelência, há em torno de sua magnífica posse uma atmosfera apoteótica que celebra a volta da nossa terra a sua normalidade legal. O Brasil é um país de escravos que teimam em ser homens livres. É essa toda a nossa tragédia. Viemos da Europa nesses quatrocentos anos para fugir à escravidão econômica. O índio aqui nunca deixou de morrer pela sua liberdade. E o negro se libertou, antes mesmo do decreto isabelino, nas veias mestiças do sertanisita e dos barões. Contra esse imperativo da liberdade, existe outro — o da mania de mandar e oprimir — que é oriundo da nossa equação nacional. Nós temos infra-população e muita terra, pouca técnica e excesso de imaginativa, daí ser o caudilhismo um fenômeno americano que ao norte do Continente se atenuou com a rápida industrialização, mas aqui dos pampas ao Panamá e às serranias goianas enche de lodo e de lágrimas a história e a estatística. Não muito longe estamos desse glorioso 29 de outubro, em que marchando mais depressa para a democracia as lagartixas dos tanks que os sorrisos liberais do sr. Getúlio Vargas, mostrou o soldado brasileiro ter dignidade e palavra para o cumprimento das eleições livres e honestas que deram a V. Exa. esse dia, em que o Brasil assumiu um compromisso de luta contra as permanências tiranas e contra os desvios do poder para os algodoais da negociata e para o terror dos pequenos Belsens policiais que nos macularam. Neste mundo convulso, residimos na vertente democracia que é por sinal, a da bomba atômica. Não podemos de modo algum, deixar de tomar para nós o conselho de Lenine que morrendo, disse aos russos — Americanizai-vos! Sob o governo de V. Exa. americanizai-nos. Organizemos enfim, a nossa vida nacional. Estamos cansados de viver entre a loteria e a esmola. Criemos a técnica da lavoura e a técnica da indústria, sem esquecer nunca porém, que elas de nada valem sem as normas efetivas da liberdade.

(1-2-1946)

(De TELEFONEMA)

Mocidade Traída

Alceu de Amoroso Lima

Das conversas que, de vez em quando, mantenho com estudantes universitários ou pré-universitários, noto que quatro temas vêm constantemente à tona: censura, tortura, abertura e cultura. Rimam, não só por acaso. Revela o laço profundo que os liga entre si a negação da liberdade política. E o interesse espontâneo que toda essa juventude sacrificada parece demonstrar, como preocupação prioritária. Esses jovens, com quem tenho tido ocasião de debater tais problemas, se colocam geralmente a igual distância dos dois extremos a que foram lamentavelmente arrastadas as nossas novas gerações, por esse verdadeiro crime social, cometido pelo movimento de 64, com a marginalização da mocidade.

Esses extremos foram, como se sabe, o terrorismo ou o sibaritismo. Agora, decorridos quase 12 anos, quando toda uma geração foi politicamente silenciada, ouvem-se apelos de membros do Governo ou do Partido oficial, para que essa juventude, autoritariamente despolitizada, venha participar da revolução. Se tivesse havido uma verdadeira revolução em 64, estou certo de que a mocidade estaria com ela. Mas como o que houve foi exatamente o contrário, as novas gerações, que são naturalmente levadas às mutações em profundidade, se abstiveram ou continuam a abster-se. Quando não se lançam na luta subversiva, com um heroísmo desperdiçado, que hoje mofa no fundo de nossos tristes e insalubres cárceres. Ou quando, numa opção muito mais lamentável e infecunda, se deixam arrastar pela indiferença, pela “caça ao diploma” ou pela *dolce vita*, nas praias ou nos inferninhos.

O drama nacional, que essa situação representa, só será devidamente avaliado no futuro, com as brechas irremediáveis que essa fratura causa em nossa unidade nacional e na esperança de vivermos, algum dia, em regime de justiça e não de arbítrio. Por ora, o que podemos fazer, dentro da camisa-de-força em que nos coloca um Estado injurídico (embora haja outros ainda piores...), é quando muito atenuar os males que essa distorção do papel da mocidade na construção de uma nacionalidade, certamente representa.

Um dos meios é o de auscultar essas faixas intermediárias da juventude, entre os heróis em minoria e os anti-heróis em maioria.

Procurando auscultar o descontentamento, o desânimo, a vontade de “fazer alguma coisa”, o sentimento de asfixia e de envelhecimento precoce, que esse vasto grupo intermediário representa, observo que os temas capitais de sua perplexidade são os quatro que acima citei.

Contra a censura prévia e a repressão policial e arbitrária, que representam com toda a razão, para a mocidade, as duas expressões máximas de um autoritarismo inimigo da liberdade de pensamento e da expressão, essa mocidade só vê, como caminho para uma cultura autêntica, a abertura do regime. Não uma vaga distensão social, que é no fundo um modo indireto de impedir a distensão política, mas uma abertura real das instituições, baseada na anistia política, na supressão do AI-5 e na revogação do 477. E, como medida preliminar a tudo isso, uma verdadeira liberdade de imprensa. É isso o que ouço, a todo momento, da boca desses jovens, que nem se jogaram na subversão violenta, nem muito menos se contentam com o paternalismo edulcorado de um regime, em que as palavras não correspondem aos atos. (...) Enquanto vivermos nesse “estado de sítio” permanente, embora inconfessado, é inútil pensar em qualquer participação voluntária dessa mocidade numa participação política efetiva. É inútil mesmo, dizem eles, combater contra a censura e contra a tortura, em favor da abertura se o estado de sítio permanente é a consagração do arbítrio policial.

Se o Governo e os seus partidários querem realmente contar com o apoio da juventude, tanto no Partido da Oposição, como no próprio Partido oficial, comecem por uma iniciativa corajosa. Que o Ministro da Educação faça um plebiscito, entre a juventude universitária e pré-universitária, sobre esses quatro tópicos da censura, da tortura, da abertura e da cultura. Ou em termos análogos. E se disponha, na base do resultado do inquérito, a promover então essa colaboração da juventude brasileira, nos destinos político-sociais da pátria.

Se isso não for feito, de modo a se conhecer realmente quais os anseios, já não digo dos extremos mas da grande faixa intermediária da nossa mocidade, será vã qualquer tentativa de interessar e muito menos acolher a participação de uma mocidade ferida no que tem de mais alto e de mais digno, o seu direito de pensar e de agir como homens livres e não como simples estudantes de curso primário. Sem terem sequer o direito de organizar os seus próprios estudantes, sem que os esbirros os desmantelem em suas caçadas às bruxas. A não ser que nos conformemos com uma mocidade muda, frustrada ou prematuramente traída.

(17-10-75)

(de *Revolução Suicida*)

...escravos que teimam em ser homens livres"

Declaração Universal dos Direitos do Homen. 30 anos depois

Artigo III

Todo homem tem direito à vida, à liberdade e à segurança pessoal.

Artigo V

Ninguém será submetido à tortura, nem a tratamento ou castigo cruel, desumano ou degradante.

(Aprovada em 10/12/1948)

...NA DA PÁTRIA

SEU INIMIGO ...A VEZES SETE

Neste país com mais de 110 milhões de escravos, como bem disse Oswald de Andrade, ainda lutam todos pela liberdade e segurança. a Semana da Pátria é uma excelente oportunidade para meditar sobre as limitações a que estamos submetidos e perguntar mais uma vez: Até quando se persistirá o bloqueio às vanguarda? Não se estará cansado de repetir século após século a discriminação para com aqueles que trazem novas idéias e que acabam, com o passar do tempo, sendo aceitas? Por que deter a marcha do tempo? Dinheiro e poder? Até quando?

A Democracia

Leon Eliachar

Democracia é essa forma de governo onde todos concordam em discordar um do outro, mas não convém discordar muito, senão acaba a Democracia. Há duas espécies de Democracia: a primeira e a segunda. A primeira ninguém pode explicar porque a segunda não deixa e a segunda também ninguém pode explicar porque a primeira não deixa. Enfim, chegamos à conclusão que numa Democracia o mais forte diz o que quer, mas deixa o mais fraco reclamar — desde que não reclame no rádio, nem na televisão, nem nos jornais, nem nas paredes, nem nos comícios: quem quiser reclamar que reclame em casa, com a mulher — desde que ela não seja uma democrata da oposição. E quando não se consegue falar na Democracia, melhor passar os dias falando sobre o tempo, se vai chover ou fazer sol. Não sei se perceberam a sutileza, mas essa questão de Democracia é apenas uma questão de tempo. Donde se conclui que num regime democrático o que atrapalha o povo é o governo que ele escolhe.

(* do livro *O Homem ao Zero*.)

Negro destino do negro

Abdias Nascimento em entrevista a Mirna Grzich

— *Como o senhor vê a atuação do Brasil nos processos de descolonização na África?*

ABDIAS — O Brasil nunca participou com nenhum voto favorável a Angola, por exemplo, nas Nações Unidas. Mas, na hora em que ele percebe a queda do colonialismo português, e pensando nas vantagens econômicas, é o primeiro a reconhecer Angola. Aliás, o Brasil tem uma dívida antiga com Angola — isto é um fato histórico: quando nos tornamos independentes, em 1822, Angola também engatinhava na sua luta de independência. O Brasil trocou sua independência por um acordo com Portugal, comprometendo-se a não ajudar os líderes angolanos, voltando-lhes as costas. Atualmente, comenta-se nos Estados Unidos a elaboração de um Tratado do Atlântico Sul, envolvendo o Brasil, a Argentina, o Uruguai e a África do Sul. Isso seria uma forma de ameaçar a independência de Angola e Moçambique, uma forma de proteger a África do Sul colocando-a sob a tutela do hemisfério ocidental. E mais uma vez o negro brasileiro está ausente dessa discussão, não tendo nenhuma representatividade nem canais de expressão para denunciar esse perigo que ronda seus irmãos africanos.

— *O que significa a experiência da República de Palmares?*

ABDIAS — A experiência de Palmares e de todos os quilombos é a mesma das formas tradicionais de Governo criadas na África, baseadas no consenso, na democracia e na solidariedade. O desconhecimento de que o quilombo, por exemplo, não era um mero "reduto de negros fugidos", mas sim uma recriação brasileira de um modelo africano muito mais antigo e revolucionário que qualquer modelo apresentado pelo mundo ocidental, joga o afro-brasileiro num processo de anomia e desintegração. Não se estuda ainda no Brasil a história da civilização negra e africana, o que confirma mais uma vez a colonização cultural de que somos vítimas.

— *Isso explicaria a ausência de negros em momentos como este, em que se discute a redemocratização do país?*

ABDIAS — Sim. É que, bombardeado pelas definições de que "aqui não há problemas de discriminação; aqui a questão é econômica; aqui está sendo construída uma nova civilização, um novo tipo étnico" — todas essas baboseiras que são instrumentos de subordinação, formas de fazer o negro jamais despertar como ser político, com reivindicações específicas —, o negro continua sem voz. Para ele não há hora de falar, expor, discutir. Ele permanece sempre na posição de espectador, de claque; é o que vota, mas não o que participa. São mistificações que nós temos de desmascarar. E este é o momento. A contribuição que posso dar para a construção de um Brasil realmente democrático é chamar a atenção para esse problema. O negro tem de estar presente; tem de assumir a liderança; perder o medo de repudiar esses falsos conceitos.

— *O senhor fez isso alguma vez? Tentou participar de uma eleição?*

ABDIAS — Há muitos anos. Mas nunca fui eleito, não.

— *Em relação à sua última vinda ao Brasil, em 1975, sentiu alguma mudança na situação, nas pessoas, no processo político?*

ABDIAS — Estou surpreso de ver as diferenças, as pessoas desafogadas. Não há euforia, mas há esperança, expectativa. Já se está falando sem clima de catacumba, sem os cochichos ao pé do ouvido, sem tanto medo de emitir opinião.

— *Qual seria o papel do Brasil no movimento pan-africano?*

ABDIAS — Um papel importantíssimo, já que o Brasil é a maior nação africana fora da África. O negro brasileiro construiu este país, fundou este país econômica e culturalmente. O negro brasileiro precisa informar-se sobre a luta pan-africana, pois, quando ele tiver acesso à representatividade e ao poder, este país será uma grande nação e significará a descolonização cultural total do homem brasileiro. O caminho para isso é retomar a inspiração africana e ver a nossa experiência histórica e cultural, dando a elas a dimensão das exigências contemporâneas. Se não quiser sair de uma camisa-de-força e cair em outra, o movimento negro tem de ter os instrumentos de definição e de criação de suas próprias instituições, de seu futuro. Porque, até hoje, o negro tem sido simplesmente manipulado, quando é convocado, estimulado ou inspirado por interesses de partidos, associações etc. Na África — e no Brasil, com a República de Palmares —, temos modelos mais antigos e eficientes que os apresentados pelo mundo ocidental. Não creio, portanto, que seja do interesse do negro usar definições ideológicas criadas para outros contextos históricos e outras experiências culturais, quando existem soluções altamente elaboradas em sua própria história.

— *Nesse novo clima, como vê a reivindicação da anistia?*

ABDIAS — A anistia é dado primordial, essencial. Sem ela, não há possibilidade de pacificação. Se o Governo realizar a abertura, mostrará que não é tão opaco ou tão insensível às exigências políticas brasileiras. E há um grande desejo dos exilados, dos banidos ou dos que, sem processo algum, se afastaram do país, por ausência total de segurança e condições de trabalho, de retornar e contribuir para o desenvolvimento do Brasil.

— *O que proporia como programa de ação para o negro brasileiro?*

ABDIAS — Pode-se criar uma organização que não fique restrita ao campo da pesquisa, do estudo, mas que dê uma direção da realidade do negro. Deveríamos participar de todas as frentes que buscam a redemocratização, num nível de igualdade, não ficar caudatários desse processo. É o que vejo de imediato. O destino do país é o mesmo destino do negro. (Veja/78)

SANTIAGO

Contos

À luz do dia

Rubem Mauro Machado

Lata de cerveja à mão, afundo na poltrona, à espera de que comecem. O limão com sal na borda aumenta a sede, a cerveja escorrega gelada pela garganta. Os empregados também querem ver: concordo em que permaneçam na sala. Acendo um cigarro. Os empregados cochicham, riem nervosamente. Olho o relógio, impaciente.

Não há carro, uma pessoa na rua. Até os cachorros estão recolhidos. É o maior índice de audiência da história da televisão. Ouso dizer que não há um só aparelho desligado em toda a cidade, nem a decisão da Copa do Mundo chegou perto em expectativa.

O Governo decretou feriado à tarde. Bares, restaurantes, cinemas estão fechados, os aviões não decolam. Qualquer tentativa de perturbação da ordem será severamente reprimida. Patrulhas rondam praças e avenidas.

Durante a semana os jornais estamparam manchetes sobre o caso. Amanhã as edições, com grandes fotos, devem se esgotar rapidamente. Abro outra lata.

Passou da hora anunciada e ainda não começou. Naturalmente os patrocinadores se aproveitam da audiência inigualável nos bombardeiam com mensagens comerciais: se repetem os filmetes da lâmina de barbear (com uma loira sedutora), da cerveja (a mesma que agora bebo), do automóvel que corre pela estrada poeirenta e cheia de sulcos (parece ser um bom carro). De vez em quando entram as vibrantes marchas patrióticas, de cinco em cinco minutos repetem a proclamação — lida em voz dramática e pausada pelo locutor — todos os jornais já deram, já a sabemos de cor mas não nos furtamos de ouvi-la, ela aumenta a tensão. As câmaras focalizam do alto o estádio mudo, superlotado, salpicado de cores, em cima da imagem colam, um após outro, os logotipos dos patrocinadores.

Estou irritado com os cochichos dos empregados, os faço calar com um grito. Aumento o volume, a marcha militar enche a sala — provoca uma espécie muito peculiar de excitação, acorda algo arcaico no âmago do nosso ser, talvez a vontade da guerra.

As câmaras nos aproximam os rostos da multidão: tensos, assustados mesmo, mas ávidos do que irão ver. Gente simples, entortada pela vida.

É intensa a movimentação no campo, o grande momento está chegando.

Soldados em uniforme de campanha, com cães, armados de metralhadora, formam um grande anel que encara a multidão, ao longo do fosso que circunda o gramado. A bandeira é hasteada.

Clarinadas, rufio de tambores, os cães ladram farejando a excitação. Um oh! sobre da multidão quando o prisioneiro emerge do túnel. Mãos algemadas às costas, é ladeado por dois homens fortes que o conduzem, segurando-o firmemente pelos braços, em direção ao centro do gramado. Os homens usam capuzes, de fora só os olhos e a boca grotesca. As câmaras apanham o prisioneiro do alto, depois ao nível do gramado, caminhando. É um homem ainda moço, barba e cabelos negros, feições regulares, robusto sem ser gordo. Percebe-se sua palidez mas olha altivo para a frente, como em transe. Veste calça e camisa de mangas compridas de brim azul. As câmaras requintadas apanham detalhes: os pés nus sobre o gramado. Atrás marcha a escolta, oito homens alinhados dois a dois, o comandante à frente de espada na mão.

O grupo detém-se no círculo central do campo. O chefe da escolta tira as algemas do prisioneiro, sem que os dois fortões soltem seus braços. O prisioneiro grita qualquer coisa mas um corte rápido, para outro plano da imagem, impede compreender o que foi.

Três anéis metálicos, um à altura da cintura, outro no pescoço, o terceiro na testa cingem o prisioneiro ao poste de madeira, da sua exata altura, de modo que ele tem braços e pernas livres mas não pode mover o tronco ou a cabeça.

A escolta se afasta, os dois encapuzados permanecem a seu lado. Outra vez soam clarins, rufiam tambores. Imagino que o Coliseu de Roma viveu dias assim.

As câmaras cortam para um homem franzino, óculos grossos, paletó e gravata, que trêmulo empunha um papel timbrado. Lê a proclamação que conhecemos, mas não é agora a gravação enfática e dramática do locutor de voz boa, a que ficamos acostumados: é a burocrática leitura de um documento, para cumprir finalidade oficial. A voz fanhosa repete mais uma vez que as autoridades houveram por bem, para aviso e edificação do povo, mostrar à luz do dia o que até então tem se passado apenas no recato penumbroso dos porões, para que os espíritos propensos à indisciplina, à desordem, à rebeldia tomem tento e nota do que acontece aos que pretendem perturbar a ordem constituída e a paz pública. Ressalta que os traidores da pátria e os que tentam semear o ódio e a discórdia, quebrantando os princípios cristãos em que se apóia nossa civilização, não merecem perdão, sequer a piedade que é devida aos seres humanos.

O homenzinho dobra e guarda o papel no bolso, passa o lenço na testa suada e pronuncia: executem-se as ordens superiores.

Clarinadas, tambores — o silêncio absoluto. O estádio não respira. Os dois homens que ladeiam o prisioneiro arregaçam as mangas, encaminham-se para uma pequena mesa onde há vários objetos metálicos que manuseiam. As câmaras os acompanham pacientes enquanto confabulam, mostram também o suor que escorre pelo rosto do prisioneiro, o seu pomo de Adão que sobe e desce. Amasso a lata de cerveja na mão.

Os homens escolhem dois punhais finos e compridos, dois raios quentes de sol, agulhas brilhantes. Um murmúrio cresce na multidão.

Os carrascos se aproximam do prisioneiro em atitude de combate, meio agachados, como se ele lhes oferecesse perigo, pudesse enfrentá-los. Um pela direita, outro pela esquerda, aproximam-se pelos flancos, gingando. Negaceiam, riscam os punhais no ar. Meu coração lateja. Os empregados roem as unhas, olhos arregalados. Aviso e edificação.

Finalmente o primeiro golpe, uma lancetada rápida e curta no braço, o rosto do prisioneiro contrai-se num rictus de dor — mas ele não grita. O outro aproxima-se e corta-o na coxa, acima do joelho, calça e pele, o corpo estremece. Os homens continuam gingando, numa espécie de dança, as lâminas manchadas de sangue. Um abaixa-se e corta o peito do pé esquerdo do prisioneiro. Este, até então imóvel, sem disposição de esboçar defesa, aproveita a proximidade e confiança do outro, vibra-lhe um pontapé de direita. O mascarado tenta esquivar-se mas é colhido na cabeça e rola na grama. Um grito de triunfo sobe da multidão. Os olhos fuzilantes de ódio do carrasco golpeado enchem a tela, é um close tecnicamente perfeito. Ele investe contra o adversário imobilizado, lhe enterra fundo o punhal no ombro esquerdo. O outro mascarado passa correndo e dá um risco rápido na barriga do prisioneiro.

A roupa azul está agora ensopada, tinta de sangue, as cores vivas contrastam nesta transmissão, o sangue verte profuso dos ferimentos por todo o tronco. As pernas bambeiam, se o supliciado não estivesse bem preso ao poste cairia, a cabeça tombada para a frente. Um talho deixa metade da orelha pendurada. A ânsia de vômito me cresce no fundo das tripas, um nó me aperta a garganta.

A multidão começa a gritar, os soldados engatilham as metralhadoras, os cães ladram furiosos. Os microfones volantes abertos no campo captam a ordem gritada: é para apressar a execução. Os carrascos vão até à mesa, largam os punhais. Um deles empunha um martelo e um prego, fino e comprido.

O corpo do prisioneiro é sacudido por convulsões. Dão-lhe algo para cheirar, ele volta a si, mas já não faz o gesto instintivo de erguer os braços, na vã tentativa de se defender.

Um dos carrascos se afasta três passos, cruza os braços, as pernas afastadas, fica observando numa atitude teatral, cônscio de sua importância. O outro rodeia o poste, acerca-se da nuca de sua vítima — sabemos agora como ela morrerá. Os criados choram, estão em pânico. Precipito-me de um salto para o aparelho, arranco o fio da tomada com um puxão. Lágrimas nos olhos, fora de mim, grito para os criados: eu não quero ver, entenderam. Eu não quero ver e eu não quero saber!

RMM, jornalista, [illegible] anos, vive no Rio, onde é redator de O Globo. Estreou como ficcionista em [illegible], com Contos do Mundo Proletário, lançado pela Editora Movimento de Porto Alegre, onde morava. O livro, hoje esgotado, teve tiragem pequena e circulou principalmente no Sul.

No fim de 76 teve lançado, pela Editora Ática, Jacarés ao Sol, com excelente acolhida da crítica e do público. Esgotada em apenas um ano, a segunda edição saiu no início de 78. A crítica destacou duas linhas principais em seu trabalho: a exploração do humor e a denúncia da violência e da crueldade.

Estas linhas nem sempre aparecem separadas e um crítico observou que "às vezes, seu humor, de tão cruel, não permite rir". Este À luz do dia faz parte do seu novo livro de contos, a sair.

"Escrever é denunciar a violência e a crueldade."

Dever de casa

Socorro Trindad

I. **RAFAEL é um HOMEM.**
II. **O SUCESSOR de RAFAEL também é um HOMEM.**
III. **RAFAEL não é SUCESSOR de nenhum HOMEM.**
IV. **Se dois homens têm o mesmo SUCESSOR, eles são iguais.**
V. **Logo, a propriedade que pertence a RAFAEL pertence também ao seu SUCESSOR.**

a) **Calcule o que é um HOMEM.**
b) **" " " " " SUCESSOR:**
c) **" a propriedade da sucessão.**
d) **" quem é RAFAEL, e saberás também quem é o seu SUCESSOR.**

Socorro Trindad

Do livro Cada cabeça uma sentença, *(Editora Ática), lançado na* Bienal do Livro, *em SP.*

Poemas

Ilustração de Luciane C. Malheiro.

Falou e não disse

Tetê Catalão

O chefe disse lucro
o empregado ouviu lacre.
O médico disse cura
o paciente ouviu caro.
O padre disse fúria
o pecador ouviu féria.
O professor disse livro
o estudante ouviu livre.
O domador disse garra
o leão ouviu guerra.
O poeta disse ócio
o banqueiro ouviu negócio.
O adulto disse cala
a criança ouviu fala.
O feitor disse trabalha
o escravo ouviu canalha.
A injustiça disse fogo
a justiça ouviu palha.

O ontem amanhecido

Glauco Mattoso

**A refeição de ontem.
O feijão amanhecido.
O pão dormido.
Não há nada como um dia
depois do outro.**

**O amargor de ontem.
O amor amanhecido.
A dor dormida.
Não há nada como um dia
depois do outro.**

**A refeição amarga.
O pão com feijão.
A dor amada.
Tudo é como um dia depois
do outro.**

FAZENDA DAS COIRANAS

Mário de Oliveira

Havia um morro. Para além do morro
havia mais um morro e uma estrada.

Depois havia um córrego... coqueiros
e ao fim desses coqueiros, uma casa.

Havia alguns degraus... uma varanda
uma sala... seus móveis de palhinha,

o quarto do casal... o das crianças
e como em toda casa... uma cozinha.

Havia... mais que tudo havia a tosse
da mãe... colheres, vidros de remédio

o estranho sentimento que na infância
não tinha ainda nome e que era tédio.

Depois, dentro da noite havia tábuas
rangendo na janela exposta ao vento,

havia o som do pêndulo na sala
rangendo no relógio noite a dentro.

Também havia à noite certas noites
a inesperada vinda dos morcegos.

Passavam pelas frinchas, penetravam
nos cômodos escuros do meu medo.

Pendiam sobre a cama... Balançavam.
Dançavam na penumbra vagas danças.

Havia tantos... que ficaram muitos
no meu telhado solto de lembranças.

Coração fabril

Carlos Augusto Corrêa

**Um coração fabril,
e as novas cadeiras
de sentar o homem.**

**Assim uma luz
e os foguetes da posse,
a criança no meio
da hora astronáutica,
a avenida sobre
a saudade revólver,
e a órbita
conjugando os cacos:
lira e formol.**

**Arrancar a tenaz
do coração.
Ou assento.
O poema sentado.**

(do livro *Cinescópio*)

Pilatos

Acyr Corrêa Leite Maya

**suas mãos sempre estiveram
sujas de sangue
só que você as lava no tanque
na omissão do sabão neutro
dos seus crimes diários.**

(*Do livro* Da cor do sangue, *lançado esta semana, na Livraria MURO.*)

Autor novo e democracia, só clandestinos

"... muitas vezes, até sem ter lido nada do José Mauro de Vasconcelos, senta-se o porrete no cidadão, como se o escritor não pudesse escrever o que quer"

Com 100.000 exemplares para distribuição através das agências do Unibanco, está circulando o livro **Os Contos Premiados no Concurso Unibanco de Literatura**, reunindo, além dos premiados, os Autores distinguidos com menção honrosa.

1.º lugar nesse concurso, o jornalista e publicitário Ruy Carlos Lisboa é um amazonense de muitas andanças, desde que saiu de Manaus, em 1935, aos 7 anos: 6 meses em Fortaleza, 11 anos em Belém do Pará ("mas por que afanaram Belém das "glórias da premiação", se o tempo vivido aí é dos mais importantes na formação do indigitado premiado "), 32 anos de Rio de Janeiro, com escalas no Rio Grande do Sul, São Paulo e por por aí afora.

Sobre o resultado (ou, como diz, "as conseqüências do resultado"), comenta: "No Brasil, vencer um concurso desses é comprar briga feia com a mediocridade brilhosa. Quem não for bom de briga, deve aprender caratê e proteger os calcanhares, porque os bichos mordem firme, principalmente quando são estrelas e vedetinhas do publicitário palco iluminado".

Informando já estar "recuperado das homenagens fajutas", Ruy tem vários projetos em andamento, na medida do possível, além do seu trabalho de redator de propaganda roteiro de um curta-metragem sobre Neném Prancha, acabamento de várias histórias e a preparação do livro **Pavões de Passarela**.

DELIRIO DE SERVILISMO

Recusando-se a considerar simples drama pessoal a parada feia que enfrentou por ter vencido o concurso do Unibanco, Ruy Lisboa aponta o desrespeito como "algo mais sério, encaixado no clima geral de achincalhe à inteligência" e cita, como outro exemplo, a manifestação de escritores ("?") que, na Bienal do Livro, pediram censura para Autores de literatura infantil:

Ruy Carlos Lisboa, em entrevista ao ST

— Mas isso é vexaminoso, um delírio de servilismo. Será que já não chegam as arbitrariedades, as odiosas apreensões de livros, a tutela absurda da Censura?

Também merece reparos, no entender do contista, o desperdício de munição contra os chamados "escritores malditos ou popularescos", atacados pela própria classe: "Muitas vezes, até sem ter lido nada do José Mauro de Vasconcelos, senta-se o porrete no cidadão, como se o escritor não tivesse o direito de escrever como quer, para um público que lhe consome enormes tiragens e é respeitado no exterior. Ou em Cassandra Rios, que tem o seu público e é alvo permanente da Censura. Então, pergunto: o que é mais importante? Combater o obscurantismo e a repressão, ou as criaturas que escrevem diferente dos figurões elitistas e de escassos leitores? Ora, pombas! Isso só ajuda aos interessados em que não se leia nada neste país. É um comportamento babaca e tipicamente fascista".

SEM TORTURAS EXISTENCIAIS

ST — Seu trabalho de publicitário amordaça o escritor?

RL — De jeito nenhum, no meu caso, acho que até ajuda. Quando entrei para a propaganda, a experiência de repórter foi utilíssima na tentativas de melhor entendimento dos problemas e cheguei a ter vários anúncios premiados (diga-se de passagem: numa época em que não se fazia tanto anúncio só para agradar coleguinhas e colunistas). Por outro lado, a redação publicitária, é um bom jogo de disciplina e concisão, oferecendo, ainda a vantagem de contato com uma riquíssima galeria de tipos humanos (ou desumanos) que podem figurar no trabalho de ficcionista, até para registro das coisas de uma atividade com tanta influência na vida das criaturas (influência algumas vezes boa e muitas vezes péssima). Mas eu não padeço de torturas existenciais, no meu trabalhinho de publicitário. Um trabalho como outro qualquer, atrelado ao sistema econômico em que vivemos.

Até mesmo como o de "dama": tem que fazer o que o freguês quer — e não adianta perguntar se vai doer... É verdade, porém, que, trabalhando em propaganda, se o sujeito não tiver uma estrutura razoável, acaba completamente alienado e contemplando o próprio umbigo, esquecido de que a vida não é só brilhareco fácil e o troca-troca de elogios. Porque a propaganda é coisa alienante, meio maluca e tem de tudo: desde criaturas respeitáveis, até pivetes quarentões que não respeitam nem a Mãe Menininha do Gantois e o pessoal da Confraria dos Contestadores que posam de reformistas, mas na hora do pega pra capar assumem o papel de defensores dos poderosos contra os fracos e oprimidos. Claro que tenho minha visão política da vida e uma atitude crítica diante da zorra que está aí, mas sem farisaísmo. Contestação é com outro departamento.

ST — E como você encara as manifestações contra o que se chama de "mulitidão" de contista no Brasil?

RL — Pura galatice e viadagem dos muquiranas, que até amedrontam muito principiante de talento. Será que os idiotas não entendem que o que faz um trabalho literário é a sua qualidade e nunca o número de páginas? Dostoievski escreveu contos, Tolstoi, Gogol, Machado de Assis, Graciliano Ramos, Camilo Castelo Branco, a própria Bíblia tem pedaços que são contos belíssimos, a literatura americana tem momentos gloriosos nas short stories de Hemigway, Bret Harte, Katherine Mansfield, Melville, Henry James, Faulkner, Steinbeck, O. Henry, etc., para ficar por aqui. O que desejam os oligofrênicos? Repito: o tamanho do trabalho não é determinante da sua qualidade. Portanto, o certo é ignorar os muquiranas, como o fazem Wander Piroli, João Antônio, José Louzeiro, Júlio César Monteiro Martins, Edilberto Coutinho, Antônio Torres, Aguinaldo Silva, Marcos Rey, Emediato, Rubem Fonseca, Luiz Vilela e tantos outros que escrevem suas histórias, refletindo nossa tragédia de país em busca de destino menos ingrato, nossa gente desdentada e subnutrida — mas nem por isso sem esperança, nosso povo morredor de fome e levador de porrada, nossos "gangsters" de boa vida, nossos corruptos e privilegiados insensíveis, nossa burguesia chocha e vazia — condenada a uma vida de aparências. Os panacas criticam, também (mas não apontam alternativa), a realização de concursos literários, mas de que maneira revelar novos escritores? Editando por conta própria, depois de acertar na Loteria Esportiva? Puxando saco? Dando presentinhos aos críticos? Mendigando oportunidade às editoras?

Hora dos punhais

FRAGMENTO de Ruy Carlos Lisboa

Na hora dos punhais, os pavões de passarela combinam atacar em bando, subitamente e vorazes, sem piedade.

Na hora dos punhais, os pavões de passarela namoram os paetês das próprias plumas ao espelho e depois escorregam para as sombras, de onde partem no silêncio em feroz ataque. A hora dos punhais estica fios invisíveis, numa telepatia sobre todos os quadrantes, como sinal de aviso que chegou a hora.

Na hora dos punhais, a senha é um sorriso, esticado idiotamente de canto a canto da boca — e um pasto para alegria dos pavões de passarela e assemelhados. Na hora dos punhais, as mãos de luta e de protesto são transformadas em mãos súplices e mendigas, tais que bandeira esfarrapada, porque para os pavões a babaquice é lei e então na propaganda o que vale não é o gesto, mas a propaganda do gesto — e se o gesto da propaganda destrói a criatura, os pavões de passarela decretam: foda-se a criatura. O que importa é o efeito do gesto e não o seu significado.

Na hora dos punhais, os sorrisos circunstanciais são morcegos soprantes que anestesiam, enquanto pelas costas os punhais vão entrando, por entre as costelas aproveitando o macio, procurando o fundo.

Na hora dos punhais, a dor desmancha o sorriso, mas os pavões de passarela se divertem e batem palmas. Na hora dos punhais, a glória é uma carniça que os pavões de passarela banqueteiam entre luzes e fanfarras. Na hora dos punhais, as palavras de mentira engulham e tonteiam — como sair da festa com a roupa salpicada de vômito. Na hora dos punhais, o homem do sorriso enlouquece, mas os pavões de passarela tomam porres. Na hora dos punhais, as flores são pedras que machucam e ferem e os pavões de passarela se elogiam e se telefonam. Na hora dos punhais, o coração é um monte de cinzas e os olhos destilam vinagre. Na hora dos punhais, a dor é dor que avilta, mas nem por isso é a dor inútil que não leva a nada.

Na hora dos punhais, o homem sacode as cinzas, fala grosso e pisa firme — e aí os pavões de passarela se fodem. Na hora dos punhais, o homem é Quixotinho inconveniente e atrevido, que caga para os conselhos e baixa a porrada. Na hora dos punhais, os braços são fuzis e a boca é metralhadora obedecendo ao pensamento de fogo. Na hora dos punhais, os pavões de passarela confusos amarelam, como pavões peidões apanhados em flagrante. Na hora dos punhais, os pavões se atropelam na desvairada debandada. Na hora dos punhais, os pavões de passarela ficam nus, mas como não têm mesmo jeito continuam vendendo o rabo. Alguns, dando.

(fragmento do livro ***PAVÕES DE PASSARELA****).*